BIBLIOTECA MUNICIPAL
"ORIGENES LÉSSA"
Tombo Nº 1688

O

RIO DO QUARTO

ROMANCE

PELO

Dr. Joaquim Manoel de Macedo

RIO DE JANEIRO
EM CASA DOS PROPRIETARIOS
EDUARDO & HENRIQUE LAEMMERT
68, Rua do Ouvidor, 68

1869

BIBLIOTECA MUNICIPAL
"ORÍGENES LESSA"
Tombo N.º 11.688
MUSEU LITERÁRIO

PARA SE LÊR OU NÃO SE LÊR.

Um celebre poeta polaco, descrevendo em magnificos versos uma floresta encantada do seu paiz, imaginou que as aves e os animaes alli nascidos, se por acaso longe se achavão, quando sentião approximar-se a hora de sua morte, voavão ou corrião e vinhão todos expirar á sombra das arvores do bosque immenso, onde tinhão nascido.

O amor da patria não póde ser explicado por mais bella e delicada imagem.

Coração sem amor é um campo arido, quasi sempre ou sempre cheio de espinhos e sem uma unica flôr que nelle se abra e o amenize.

Haveria sómente um homem em quem palpitasse coração tão secco, tão enregelado e sem vida de sentimentos; o homem que não amasse o lugar do seu nascimento.

Depois dos pais que recebem nosso primeiro grito, o solo patrio recebe nossos primeiros passos: é um duplo receber que é duplo dar.

As idéas grandes e generosas dilatão o horizonte da patria; a religião, a lingua, os costumes, as leis, o governo, as aspirações fazem de uma nação uma grande familia, e de um paiz immenso a patria de cada membro dessa familia.

Mas, deixem-me dizer assim, a grande não póde fazer olvidar a pequena patria; dessa arvore magestosa que se chama a nação, o paiz, não ha quem não sinta que a raiz é a familia e o berço patrio.

Ha nesse santo amor uma escala ascendente que vai do lar domestico á parochia, da parochia ao municipio, do municipio á provincia, da provincia ao imperio: ama-se o todo, porque se ama cada uma de suas partes.

Com effeito é impossivel negar que em suas naturaes e suavissimas predilecções o coração distingue sempre entre todos os districtos, cidades e diversos pontos do paiz o torrão limitado do berço patrio; pobre ou mesquinho, esquecido ou decadente, agreste ou devastado é sempre amado por nós e sempre grato para nós.

É por isto e por muito mais, é porque foi meu berço, e berço daquelles a quem mais amei e amo, é porque no seu seio tenho sepulturas queridas, é porque me guarda em seus lares amigos dedicados, é porque desejo ter em seus campos um abrigo na minha velhice, que começa e no seu cemiterio um leito para dormir o ultimo somno, é emfim por todos esses laços da vida e da morte que a villa de Itaborahy me é tão querida.

Diz a consciencia que tenho envidado esforços, embora sem fructo, para dar a meu patrio berço a animação e progresso a que tem direito e de que precisa; mas nem me desanimou ainda a má fortuna que até agora

esterilisou meus empenhos; nem me creio desobrigado de pagar novos tributos de amor á terra a quem devo tanto, e a seus filhos que são meus irmãos.

Agora, pois, e emquanto mais prosperos tempos se esperão, e mais opportunos ensejos se demorão para trabalhos de outra natureza, procurarei com a rude penna de que posso dispôr, escrever [illegible]

Vou referir em pequenos romances diversas tradições e historias de tempos que já forão, de que hoje poucos se lembrão, de que ninguem mais se lembraria d'aqui a alguns annos.

Ha sempre mais ou menos poesia nas tradições, nas velhas historias do passado.

Sei que no nosso paiz ainda ha *sabios* que maldizem de tudo quanto tem relação com a poesia.

Não escrevo para os *sabios:*

Escrevo para ser lido por aquelles que comprehendem que as tradições romanescas

do passado enchem de interesse e de encanto a terra, que as soube guardar, perpetuando-as nos nomes dos seus rios, nas cruzes levantadas á beira das estradas, e nas capellas e ermidas solitarias.

Protesto, que não inventarei.

Hei de repetir o que tenho ouvido — tradições bem fundadas umas — evidentemente filhas da imaginação outras: — todas porém convergindo para poetizar o bello torrão, onde nasci.

Já comecei a escrever a historia do meu paiz, e tenho escripto romances, imaginando, como melhor pude, nestes ultimos por minha conta e risco: que muito é que eu reproduza agora em dous ou tres volumes as historias e os romances que outros me contárão ou imaginárão?

Sou neste ponto peccador velho e incontricto, máo grado certos *homens serios* que me condemnão.

Rio-me dos taes juizes, e escrevo.

I

Capitulo sem titulo.

VILLA de Itaborahy, cabeça de uma das comarcas da provincia do Rio de Janeiro, está assentada sobre uma graciosa collina pouco elevada mas em situação tão feliz, que do alto della se domina e aprecia o mais bello quadro da natureza campestre. Por qualquer lado que os olhos se dilatem, os olhos se esquecem embebidos em immensos valles semeados de campos e esta-

belecimentos agricolas, *fazendas*, *sitios*, e montes isolados; e emfim ao longe, muito ao longe, a serra *dos Orgãos* alcantilada e immensa remata esse painel magnifico, levantando uma trincheira que se perde nas nuvens diante do olhar cubiçoso e insaciavel.

Formosa pela sua posição, a villa, pequeno povoado que consta de pouco mais de cem casas, offerece uma edificação pouco regular, e sem duvida defeituosa, como todas as cidades, villas e povoações que tiverão seu principio no tempo colonial: entretanto ella se distingue por alguns edificios relativamente dignos de menção: a sua igreja matriz é uma das melhores e mais espaçosas da provincia: possue uma casa da camara municipal muito decente, uma casa de mercado, um theatro, e entre as principaes habitações particulares, a mais importante de todas, a casa, em que se hospedárão el-rei D. João VI, e o Sr. D. Pedro II, quando visitárão este ponto da provincia.

Uma grande praça formando um semicirculo em torno da matriz, e quatro ruas quasi fronteiras umas das outras, e communicando com a praça, compõem a villa de Itaborahy.

Dessas quatro ruas uma tomou o nome do orago da parochia, chama-se de *S. João*, e é nella que se levanta a *casa do mercado:* a segunda que fórma com a de *S. João* um angulo recto, recebeu um nome triste, chama-se do *Cemiterio;* porque descendo-se por ella, pobre rua sem casas, chega-se ao asylo dos mortos, ao cemiterio da villa, que prima pela decencia e pelo zelo com que é conservado.

A terceira rua fica fronteira á de S. João, embora de uma não se aviste a outra, porque a matriz o impede: chamava-se outr'ora do *Senhor do Bom-fim*, e chama-se agora do *Theatro;* porque este edificio, tendo a sua frente para a praça, offerece uma das suas faces lateraes á rua que desce até ter-

minar junto da capella do Senhor do Bom-fim, e cortando em dous angulos rectos outra pequena rua que não mencionei por constar de cinco ou seis casas apenas, e que toma o nome do *Senhor do Bom-fim*. Defronte da porta lateral da capella ha uma casa com um limitadissimo páteo que eu não posso deixar de lembrar. Essa casa foi ha perto de quarenta annos um pequeno theatro, e ahi encetou a sua gloriosa carreira artistica o primeiro actor dramatico brasileiro o celebre e inspirado Fluminense João Caetano dos Santos.

A quarta rua emfim, que fica quasi fronteira á do Cemiterio, chamou-se no outro tempo da *Ladeira*, como se de ladeira não fossem todas as outras, descendo como ella da collina, e actualmente se chama da *Carioca*, porque serve de caminho para a mais abundante das fontes publicas da villa.

O leitor estará certamente fatigado desta descripção demasiado minuciosa e que na realidade não tem relação com a historia que

me proponho a contar, e tanto mais que alguns dos edificios de que fallei, e alguma lembrança que deixei notada, pertencem a tempos posteriores áquelle, em que se passou o caso funesto de que recebi e publico a tradição; mas sem me arrepender do que escrevi, protesto que pouparei d'ora avante a paciencia que puz em tributo.

Entretanto é indispensavel descer pela rua da *Carioca*, para que cheguemos ao lugar em que deve começar a nossa historia.

A rua da Carioca, rua mesquinha, que tem de um lado uma linha contínua de casas humildes e rudes, e do outro uma ou duas casas sómente, deixando em breve á mão esquerda um *caminho* que vai ter á fonte publica, continua ou é substituida por uma estrada, aliás muito concorrida, e que apresenta de ambos os lados diversos *sitios*, ou pequenas chacaras mais ou menos insignificantes.

Quando se acaba de descer a collina, encontra-se um tenue regato que se chama do

BIBLIOTECA MUNICIPAL
"ORIGENES LÉSSA"
Tombo N.º 11.688

« *Lava-pés* » . A origem deste nome é simples. Diz-se que no outro tempo a gente pobre que vinha ás festas, e ás missas dominicaes na freguezia, fazendo caminho a pé para poupar o calçado, ao chegar á esse regato lavava em suas aguas os pés, e se calçava para entrar mais decentemente na freguezia.

Este e outros são costumes antigos que não se observão mais : entretanto o nome ficou ao regato que provavelmente não o perderá nunca.

Além do Lava-pés a estrada se alarga e ainda não ha muitos annos, abria-se um campo plano e pouco extenso, a que chamavão, não sei por que motivo, o *Campo do Rocio.*

Cerca de cem braças mais adiante um outro regato tambem humilde, menos insignificante porém do que o do Lava-pés, atravessa a estrada , e a esse o povo deu no ultimo seculo o nome que ainda conserva de « *Rio do Quarto.* »

Ate o anno de 1754 essa tenue corrente ainda não tinha recebido a mal merecida graduação de rio, e menos a denominação do *Quarto*, e toda a gente da terra a chamava simplesmente o *riacho*.

Riacho ou rio certo é que em todos os mezes do anno o passageiro póde vencê-lo de um salto e sem molhar os pés, excepção feita sómente daquelles dias em que alguma copiosa chuva o engrossa por algumas horas.

Mas porque o chamárão rio do *Quarto*?

Achei sempre infeliz e tristemente prosaica semelhante denominação antes de conhecer-lhe a origem; depois que esta me foi explicada, aquelle nome pareceu-me lugubre.

É um nome que encerra a historia de um grande crime e do terrivel castigo que cahio sobre o homem que o perpetrou.

Vou contar a historia do *Rio do Quarto* tal qual a ouvi de um velho, cuja memoria era um archivo das tradições da terra do meu berço.

II

O sobrinho que chega da ilha.

Em um dos dias do mez de Abril de 1750, um homem, ainda na flôr dos annos, e que á primeira vista mostrava ser tão vigoroso e forte como desajudado da fortuna, tendo descido da povoação, já freguezia de S. João de Itaborahy, adiantava sua marcha pela estrada do Lava-pés.

Esse homem tinha a côr branca do rosto maltratada pelo sol: a fronte baixa e estreita

desapparecia sob os cabellos pretos, lisos e condemnados pelo desmazelo: suas sobrancelhas erão quasi unidas e espessas, o nariz aquilino, a boca pequena mas recta, os labios finos, as mãos e os pés grandes.

Vinha elle vestido de calças e véstia de grosseiro tecido escuro, annunciando urgente necessidade de successoras; calçava grossos sapatões e trazia na cabeça um velho chapéo, e no hombro, pendendo de um páo, uma pequena trouxa.

Este mancebo, que não podia contar mais de vinte e quatro annos, passou além do *Riacho*, depois chamado *Rio do Quarto*, e proseguindo em sua marcha chegou logo a um lugar em que a estrada se divide em duas, abrindo se um destes ramos para o lado esquerdo.

Erão tres horas da tarde, o sol estava brilhante e ardente e o pobre viajante achava-se coberto de suor e poeira.

Chegando ao ponto em que a estrada se

duplica, parou, menos pela fadiga que devia estar sentindo, do que pela contrariedade da duvida sobre qual dos dous caminhos devia seguir.

—Mil diabos! disse elle.

—Não se chama pelo *inimigo* no dia da alleluia! bradárão-lhe algumas vozes.

O mancebo voltou-se e vio alguns rapazes sem duvida lavradores das vizinhanças, os quaes vinhão da freguezia com ares de festa.

Esquecia-me dizer que o dia em que isto se passava, era um sabbado, não sabbado como outro qualquer, mas um sabbado da *alleluia*. Na freguezia tinha-se celebrado a semana santa, e o officio sagrado desse dia terminára pouco antes.

O mancebo tirou o seu chapéo com toda a cortezia e perguntou logo:

—Saberão vossas mercês dizer-me, onde fica o sitio do senhor reverendo padre Martin?

—Siga pela esquerda, respondeu um dos rapazes, e a primeira cancella que encontrar

á mão direita é a do sitio do velho padre Martin; mas olhe que, se vai pedir esmola, é melhor procurar a afilhada, sobrinha ou quer que seja do padre Martin, do que ao cainho do velho que tem as mãos mais apertadas do que uma barriga de cavallo ensilhado.

— Leva de má lingua! exclamou o mais velho da companhia: é peccado metter o dente na vida alheia; o padre Martin é unhas de fome, mas isso fica por conta delle, que ha de responder a Deos nosso senhor por tudo quanto tem feito e deixado de fazer na terra.

—Para servir a vossas mercês, mas fiquem sabendo que eu sou sobrinho do senhor reverendo padre Martin, e que vim da minha terra para fazer-lhe companhia.

— Pois então siga á esquerda, chegue á cancella da mão direita e bom proveito lhe faça.

— Para servir a vossas mercês!

Os lavradores seguirão o seu caminho e o viajante que se declarára orgulhosamente so-

brinho do padre Martin, adiantou-se pela estrada do lado esquerdo.

Mas evidentemente os modos ou as palavras dos rapazes tinhão desagradado ao viajante, que voltando a cabeça alguns momentos depois de se separarem, lançou sobre elles um olhar de despeito.

Quem então tivesse observado o viajante houvera talvez feito delle boa idéa, pensando que ao seu resentimento dava causa o epigramma lançado contra o padre, de quem dizia ser sobrinho; em breve porém mudára de parecer, ouvindo-o murmurar de máo humor, mas sem demorar o passo:

— Mil diabos! afilhada, sobrinha ou quer que seja! parece que ha algum contrapeso de saia lá na casa do tio! com o demo! isso não poz elle na carta que mandou para o Fayal..... mas que monta? antes uma saia que umas calças..... porque calças levo eu. Saia já era a sotaina do padre e bastava essa.... e ainda em cima ha lá outra! mas que monta?

havemos de ver quem é a saia que ha na casa do tio.

O viajante fallava a sós e rapido ; fallava baixo e andando sempre ; mas nesse seu soliloquio enunciava-se a confissão de seu caracter, e transpirava o calculo de um proceder futuro.

Elle proseguio em sua marcha, denunciando a fadiga no suor que lhe corria do rosto, e que ás vezes enxugava com a manga da véstia, mas sem que por um só instante moderasse o andar que diligente levava.

Finalmente appareceu aos olhos do viajante uma cancella ao lado direito da estrada.

A cancella abria-se para um campo de limitadas dimensões e que se estendia por um terreno que pouco e pouco e docemente se elevava. Defronte da cancella e no ponto mais elevado do campo mostrava-se um casa terrea e branca, cuja frontaria apresentava uma porta e duas janellas de cada lado desta.

No campo estavão pastando um cavallo,

duas vaccas, dous novilhos e alguns carneiros.

Ao lado direito da casa uma cerca de páo separava do campo um pomar que não podia ser muito extenso; na frente via-se um terreiro limpo e defendido á gramma.

— Deve ser aqui a casa do tio; murmurou o viajante.

E logo depois gritou:

— Oh de casa!

— Póde chegar! bradou-lhe a voz de alguem que se não mostrou á porta.

O viajante passou além da cancella e seguio um trilho, que se estendia para a casa como uma fita branca por entre a verde gramma do campo.

A' meia distancia da casa o viajante vio um enorme e raivoso cão apparecer no terreiro, e teve de preparar o bastão em que levava a trouxa, ouvindo o latir feroz e terrivel do fiel defensor daquelle tecto.

O cão, vendo que um desconhecido se appro-

ximava, soltou um ultimo e sinistro latido e arremetteu contra elle ; mas de subito mostrou-se á porta da casa a figura esbelta e graciosa de uma moça, que com voz argentina, gritou :

— Aqui, Relampago !

O cão fazendo immediatamente uma curva na carreira em que ia, voltou com a mesma rapidez, e prostrou-se debruçado, lambendo os pés da moça que o chamava.

Havia um não sei que de encantador e suave naquella menina contendo á seus pés o animal em furia !

O viajante parou diante da porta e tirou o chapéo, cortejando com humildade.

Relampago ergueu-se sobre as mãos, e rosnou, como se adevinhasse que estava um inimigo diante da moça, mas cahio de novo aos pés della, ouvindo-a dizer :

— Então ? Relampago !

— Com perdão de vossa mercê, é aqui a casa do senhor reverendo padre Martin ?

— É aqui mesmo.

— Pois eu sou o sobrinho que sua reverendissima mandou vir do Fayal.

— Entra, rapaz! disse alguem cuja voz sahio do interior da casa.

A moça apartou-se um pouco, e o viajante fez-lhe uma segunda cortezia e entrou.

Tendo dado alguns passos para o terreiro a joven voltára-se observando com natural curiosidade o recem-chegado, e junto della, tambem Relampago olhava para dentro da casa com desconfiança, e rosnando ainda.

Quasi ao mesmo tempo um mancebo alto, garboso e alegre, vestido com trajes domingueiros, embora pobres, appareceu, e dirigindo-se á moça disse-lhe:

— Senhora Luizinha, hoje é sabbado da alleluia: já houve festa lá na freguezia e agora ahi temos o judas no sitio.

— Cala a boca, ou não falles assim, Millo; olha que este homem diz que é sobrinho de meu padrinho.

Millo fitou em Luizinha dous bellos olhos negros, nos quaes deixava lêr a admiração.

— Não apanhes sol, Luizinha ! gritou uma voz.

A moça sorrio-se para Millo e entrou correndo para a casa.

— Sobrinho ou não sobrinho, morra eu de um raio, se o sujeito não me pareceu judas: murmurou o mancebo, a quem Luizinha chamára Millo.

III

O padre Martin na opinião do povo.

A época em que tem seu começo esta breve historia bebida na fonte da tradição popular, o padre Martin devia estar se approximando dos sessenta annos de idade.

Era um homem alto, magro e muito vigoroso: tinha a côr morena, o rosto comprido, e as feições rudes: trazia a fronte quasi sempre encrespada pela rigidez do genio, e mostrava-se pouco accessivel.

Em 1740 chegára á freguezia de S. João de Itaborahy, como um forasteiro que procurava occulto retiro: comprára no fim de poucos dias o sitio que ficou descripto no capitulo antecedente e nelle difinitivamente se estabelecêra.

Trouxera o padre comsigo uma linda menina de quatro a cinco annos, a quem chamava Luiza, e dizia ser sua afilhada. Além da menina tres escravos compunhão toda sua familia.

Não sendo conhecido de pessoa alguma na freguezia de Itaborahy, quando a ella chegou, o padre Martin depois de estabelecido no sitio, mostrou preferir o isolamento á sociedade, pois não procurou relações, e ainda menos amizades intimas. Sahia de casa ao romper da aurora para ir á matriz da freguezia dizer missa, e voltava logo depois para o sitio, d'onde não se arredava mais, á menos que fosse chamado para prestar algum soccorro espiritual, como padre que era.

Em suas curtas viagens á matriz trocava apenas uma ou outra palavra com o acolyto que o ajudava á missa, raramente conversava durante alguns minutos com o vigario, e de volta satisfazia sómente ao dever da cortezia comprimentando os vizinhos que por acaso encontrava e que o saudavão com o respeito devido ao seu caracter sacerdotal.

Homem de tão poucas palavras devia por força excitar a curiosidade de muitos, e como não era facil fazê-lo fallar, os curiosos não se descuidárão de interrogar os escravos que ás vezes, e especialmente nos dias santificados, apparecião fóra do sitio.

Os escravos limitavão-se a dizer que o padre era natural das ilhas, e que durante muitos annos fôra morador da capitania de S. Paulo, d'onde fugira receioso de ser assassinado por motivos que tinhão relação com a menina Luizinha.

Completando a insufficiente narração dos escravos, a voz do povo espalhou que o padre

havia seduzido uma senhora de boa familia, que tivera della uma filha, e que os parentes da victima tinhão querido lavar com o sangue do seductor a affronta recebida.

É possivel que a imaginação do povo tivesse adevinhado a verdade.

O padre Martin soube o que se dizia a seu respeito e não se mostrou offendido, nem procurou desmentir a voz publica : confissão muda da falta commettida, ou desprezo á diffamação, deixou fallar os maldizentes.

Este proceder do padre, e o seu teimoso isolamento excitárão cada vez mais censuras, e desde os primeiros mezes do seu domicilio em Itaborahy, não se lhe perdoou o escandalo de apresentar-se aos olhos do mundo com uma filha, que elle, conforme as regras da igreja, não podia ter.

E ninguem poz em duvida que a menina Luizinha fosse filha do padre Martin ; porque no outro tempo era corrente que em casa de padre *padrinho* era synonimo de pai.

Esta offensa á pureza da lingua já passou ; esse absurdo synonimo já foi corrigido : hoje em dia o padre não esconde o seu peccado, chama o filho filho, e alguns ha que não hesitão em chamar « a minha senhora » a pessoa á quem d'antes terião decentemente chamado *sobrinha*.

Não discuto, se, procedendo assim, o padre moderno merece escusa pela franqueza com que confessa o peccado, ou aggrava o peccado pela ostentação com que o patentêa. Neste ponto limito-me a pensar, que, sendo o padre homem feito como os outros homens, melhor fôra deixa-lo ser homem com todas as condições naturaes e sociaes, do que imporem-lhe sacrificios e deveres que a natureza repelle, e que nunca forão e nunca serão cumpridos, se não por aquelles dilectos de Deos, que, apezar de homens, parecem viver não sobre a terra, mas entre o céo e a terra.

Esta ligeira observação que deixo enunciada não a podia fazer o povo da freguezia de

Itaborahy naquelle tempo, e nem que pudesse, a teria feito; porque não estimando o padre Martin, aproveitava aquelle indicio de impureza para censura-lo e feri-lo, não se querendo lembrar de que, até bem poucos annos antes, o clero do Rio de Janeiro se celebrisára por abusos taes e tão graves, que comparativamente o peccado, de que dava testemunho a menina Luizinha, era apenas a mais leve das faltas, uma falta que se perdoaria sorrindo, á menos que houvesse circumstancia criminosa que a aggravasse.

Mas ainda não paravão ahi as censuras do povo: dizia-se e era recebido como incontestavel na freguezia que o padre Martin guardava em seus cofres não pequena riqueza, e que tendo sido assim protegido pela fortuna, commettia um crime imperdoavel, não abrindo nunca a mão para soccorrer um pobre.

Assegurava-se que nunca um desgraçado mendigo se chegára ao padre Martin, pedindo-lhe esmola, que não ouvisse um simples e en-

regelado *Deos lhe favoreça* por unica resposta ao seu gemido de miseria e de fome.

Assim pois, dizia o povo, que no padre Martin a avareza se unia a immoralidade.

Entretanto este homem excentrico e rude, como vivia só comsigo, não pedia favores, e nem mesmo uma só vez se desforrára das murmurações de que era victima, murmurando tambem dos seus aggressores, conseguio ir vivendo do modo que mais parecia agradar-lhe, em paz e na solidão.

A' medida porém que os annos forão passando, modificou-se um pouco o juizo do povo, e na época em que o sobrinho vindo do Fayal chegou ao sitio do tio, a voz publica se pronunciava na freguezia, dizendo assim .

— O padre Martin é um máo ; mas a menina Luizinha é uma santa.

IV

Os dous amores do padre Martin.

Juizo do povo era sem duvida severo; mas em verdade não de todo injusto a respeito do padre Martin.

Um padre que se quer mostrar digno da alta missão que lhe cabe na terra, não póde viver sómente para o altar e para si: aquelle que suppõe desempenhar o seu sagrado ministerio, vivendo sómente para o altar e para si, engana-se, e nem vive para o altar; vive pelo altar sómente para si.

Mais do que os outros homens o padre deve viver para os seus semelhantes : sua vida deve ser um exemplo de caridade: rico, ou pobre cumpre que se mostre sempre caridoso ; rico, espalhando o seu ouro ; pobre, repartindo as suas migalhas com os necessitados: elle é o medico dos corações e das almas, e onde houver um coração que soffra, e uma alma que precise de conforto ou de luz, chamado ou não chamado cumpre que o padre corra a levar a esmola da sabedoria, a lição da paciencia, o tributo do amor do proximo áquelles que se debatem na dôr, no infortunio e no erro. Pão que mate a fome, conselho que illumine o espirito, oração que conforte, são todos esmolas que elle não póde negar: se as néga, é indigno da sua missão, não comprehende Deos a quem julga servir.

Ora o padre Martin era padre pelas missas que celebrava, pelas solemnidades religiosas em que tomava parte, pelos sacramentos que administrava, quando era chamado, e nada

mais. Seu coração parecia fechar-se aos homens: sempre silencioso e melancolico não sabia levar nas azas de uma angelica expontaneidade o balsamo das consolações do catholicismo ao seio de um infeliz, ou de uma familia mergulhada na afflicção; e peior do que tudo isso, era como dizia o povo, escravo do vicio da avareza, essa horrivel inimiga da caridade.

O padre Martin sem ser millionario, era rico, e aferrolhava sua riqueza; o ouro que chegava uma vez ás suas mãos, desapparecia logo cahindo em um abysmo, o cofre da avareza que nunca mais se abria.

Ha homens que são responsaveis perante Deos e a sociedade não pelo mal, pois que o não fazem; mas pelo bem que deixão de fazer: o padre Martin pertencia ao numero desses: jámais suas mãos se havião deshonrado, tocando no dinheiro alheio, ou no que não lhe pertencesse legitimamente; mas tambem nunca sua mão se estendera para offerecer ao pobre faminto um pedaço de pão das sobras de sua mesa.

Entretanto esse padre não era máo : doía-lhe o grito da fome ; mas não podia vencer a paixão que o dominava. O amor do ouro podia mais que a sua razão, e o tinir das moedas que cahião no seu cofre era como uma musica infernal, que o não deixava ouvir distinctamente as lamentações do desgraçado, e que o fazia desprezar as maldições do povo.

A paixão da avareza é vil ; mas é uma paixão, tem força que subjuga, e tambem offerece gozos embora gnobeis á aquelle que a sente e que póde alimenta-la.

E a paixão é exclusiva ; não admitte competencia no coração do homem ; não ha duas paixões fervendo com igual força no mesmo seio ; se uma nova apparece, a luta se declara ; ou vence, ou é vencida ; fica sempre de uma ou outra o poder que se agita, que se esforça por combater ; mas é sómente uma que predomina, como a principal senhora e soberana do coração.

A avareza tinha sido sempre o sentimento

dominador do padre Martin; mas a natureza fez um dia brotar naquelle coração empedernido um outro amor, que devia lutar e vencer o amor do ouro.

O padre Martin amou uma criança, essa menina Luizinha, com quem chegára á freguezia de Itaborahy; chamava-a sua afilhada; mas estremecia, quando a chamava assim; porque do seio lhe partia e lhe chegava aos labios outro nome mais doce e mais mimoso.

Luizinha era filha do padre Martin; mas as conveniencias sociaes, o respeito ás exigencias do mundo, a condição, o ministerio do homem a quem devia o ser, lhe usurpavão o nome sagrado que elle não devia dar-lhe.

A' medida que essa menina foi crescendo e que se forão desenvolvendo suas graças infantis, o padre Martin começou a sentir uma nova dominação que se apoderava de sua vida. Um sorriso de Luizinha abria-lhe o paraiso na alma; um grito soltado por ella ao longe o fazia precipitar-se em ancias, procurando-a re-

ceioso de algum sinistro acontecimento; um afago, uma caricia dessa menina o obrigavão a rir e a chorar a um tempo, a rir e a chorar de alegria e de encanto.

Quanto dera elle para chama-la filha! quanto dera, apezar da sua avareza! mas era padre e corava; não tinha, como os outros homens, o direito de confessar a sua falta, ostentando a benção do céo no proprio fructo do erro.

Assim chegou Luizinha aos sete annos de idade; muito menina ainda, o amor que inspirava nunca puzera em prova o seu poder, em opposição ao poder da avareza, o outro, o mais antigo amor do padre. Se é possivel, a existencia da filha augmentava o amor do ouro no pai; porque, de cada vez que este lançava em seu cofre mais uma moeda de ouro, dizia comsigo: É para ella.

Mas aos sete annos Luizinha adoeceu; uma febre terrivel veio ameaçar os seus dias; o unico *licenciado* que havia então em Itaborahy, pobre homem que não conhecia mais do que as

rudes lições de uma pratica mal comprehendida, perdeu a cabeça e a esperança; e declarou a molestia sem remedio e a doente prestes a morrer.

Tres dias e tres noites, o padre Martin passou a rezar de joelhos diante do seu oratorio, e a chorar de joelhos, abraçado com os pés da menina. Na terceira noite, o estado de Luizinha parecia desesperado; examinando-lhe o pulso, que se abatia, e o rosto, que se desfigurava, o licenciado franzio as sobrancelhas e suspirou tristemente:

— Pobre anginho! murmurou logo depois.

O padre desatou a chorar e bradou:

— Sou rico, Sr. licenciado! sou rico, e dar-lhe-hei toda a minha riqueza; mas salve minha filha! Sou padre; mas Luizinha é minha filha! é minha filha!...

— Agora só Deos: disse o licenciado, que pouco depois retirou-se, deixando o padre em desespero, e furioso contra elle pelo abandono em que ficava a menina.

A noite foi tormentosa; mas Luizinha resistio.

O padre, que chorava sem cessar, sem cessar pensava nos meios de salva-la; de repente, e quando vinha rompendo a aurora, lembrou-se que perto do seu sitio morava uma velha curandeira, de quem ouvira contar prodigios.

Essa velha chamava-se Martha; era uma mulher pobre, que vivia de esmolas e dos presentes que recebia pelos remedios que desinteressadamente dava a quantos se querião utilisar dos seus reaes ou suppostos conhecimentos.

Era uma velha pobre, bem pobre, a quem o padre Martin, por mais de uma vez, negára esmola com a sua rudeza habitual.

Mas o caso urgia; o padre correu á casa da velha, e pedio-lhe soluçando que fosse ver Luizinha.

— Bemdito seja Deos! disse Martha; lá vou.

E uma hora depois Martha, acompanhada de

um menino de nove annos, seu neto, chegou á casa do padre Martin.

Luizinha dormia; estremecimentos frequentes perturbavão o seu somno febril.

A velha examinou a doente com delicadeza e cuidado.

— Com o favor de Deos hei de cura-la, disse ella.

O padre abençoou aquelle raio de esperança que a velha acendia em seu coração; e a esperança não foi illusoria; tres dias depois, Luizinha entrava em convalescença, graças aos medicamentos applicados pela curandeira, ou á reacção da propria natureza da doente.

Mas, embora já convalescente, a menina exigia ainda os mais assiduos cuidados; e o padre não consentio que Martha se arredasse por um só momento da cabeceira da querida afilhada, que pouco a pouco ia reconquistando as forças.

O perigo que corrêra a vida de Luizinha parecia ter dobrado o amor estremecido do padre; o receio de uma recahida fez, como quasi

sempre em taes casos se observa, que fosse lei para o pai o mais impertinente capricho da filha. Um desejo manifestado por ella era ordem que se cumpria sem hesitação e immediata mente.

Luizinha encontrára facilmente o que melhor podia distrahi-la, um companheiro de travessuras.

O neto de Martha, dous annos apenas mais velho que ella, era um menino vivo, engraçado e desinquieto; reunia, pois, todas as condições para agradar-lhe.

O menino recebêra na pia baptismal o nome —Camillo; mas a avó, unica parenta que lhe restava, acostumára-se a chama-lo—Millo.

Luizinha tambem o chamava assim, e assim o chamou mil vezes por dia durante a sua convalescença; porque não tolerou mais a sua ausencia.

Millo sujeitou-se com repugnancia, e ás vezes sómente á força, ao sacrificio de ficar alguns dias preso no quarto da menina doente; tra-

quinas, amava o espaço como os passarinhos; teve, porém, de obedecer á vontade e ao capricho da despotasinha convalescente; e, se em algumas occasiões conseguia sorrateiro escapar á prisão, o padre Martin adevinhava no olhar de Luizinha a necessidade da presença do menino, e, correndo á porta, bradava:

— Millo! Millo! vem, meu filho! Luizinha precisa de ti.... vem.

E lá voltava Millo de máo modo, e lá o recebia, e o abraçava, e o acariciava o padre, que de severo se tornára meigo, affavel e fagueiro.

Em breve poude Luizinha sahir do quarto; sua saude se restabelecêra completamente; os cuidados de Martha não erão mais necessarios.

Pela primeira vez a avareza e o amor filial encontrárão se em opposição no animo do padre; o amor filial exigia uma prova de reconhecimento á pobre Martha, e a avareza defendia o cofre que até então nunca se abríra.

E, convem dizê-lo, o padre Martin, não he-

sitou, contou, é certo, uma por uma as moedas de ouro de que encheu uma bolsa; o seu coração palpitou com força a cada moeda que cahio na bolsa; mas sua mão não tremeu, quando teve de offerecê-la a Martha.

A velha sorrio-se e rejeitou a bolsa.

— Nunca recebo dinheiro pelo bem que faço, disse ella ao padre; basta que me dê um pedaço de pão, quando eu e meu neto tivermos fome.

Não estava na intenção de Martha offender o padre; este, porém, sentio uma reprehensão nas palavras que ouvira, e respondeu, abanando a cabeça:

— Perdão pelo que não sube fazer no passado; eu serei melhor para o futuro.

A resposta do padre indicava uma regeneração do pai pelo amor da filha.

Mas a velha insistio em rejeitar a bolsa.

Em breves minutos se passou esta scena entre Martha e o padre Martin; chegada, porém, a hora da despedida, foi preciso abra-

çar Luizinha, e esta não comprehendeu a necessidade do apartamento.

— Eu não quero que Martha e Millo se vão embora! exclamou a menina.

— Mas é indispensavel, observou o padre; elles têm sua casa, que desde muitos dias abandonárão por teu respeito.... precisão tornar a ella.... hão de vir ver-nos muitas vezes.... todos os dias.... agora porém....

Luizinha abraçou-se com o pequeno Millo.

— Não quero que se vá embora! repetio.

O padre Martin via-se em transes; por fim bateu palmas, suppondo ter tido uma inspiração; ajustou com Martha que a retirada se effectuaria, quando Luizinha dormisse.

Foi facil a execução do plano.

No dia seguinte Luizinha, acordando, achou-se só com o padre Martin e com os seus tres escravos, e desatou a chorar.

Não houve meio de socega-la; nem consolações nem ameaças, nem promessas nem distracções.

A menina despota não cedeu ; o amor do padre e as condescendencias dos dias de convalescença a tinhão habituado aos gozos do absolutismo, e não a deixavão admittir opposição. Com o tacto e a innata habilidade das crianças e com a sua propria e notavel intelligencia, Luizinha adevinhou como podia melhor exasperar e dominar seu padrinho.

A menina cansou de chorar, e chorou ainda; teve fome, e não quiz comer.

O padre Martin resistio horas inteiras ; successivamente encolerisou-se e ralhou, enterneceu-se e cedeu, mandando em ultimo resultado chamar a velha Martha e o pequeno Millo.

A velha e o menino chegárão, e a alegria reappareceu na casa.

Ficou assentado que os dous hospedes se conservarião no sitio do padre Martin ainda uma semana; no fim da semana adiou-se a retirada por alguns dias; passados estes, adiou-se ainda, e continuou a adiar-se indefinidamente.

Martha e Millo augmentavão um pouco as despezas da casa; no outro tempo, um anno antes, esse augmento de despeza perturbaria o somno das noites e amarguraria os dias do padre Martin; mas um novo sentimento se apoderára do coração d'antes todo entregue á avareza.

Custava ao padre o dinheiro que gastava; mas Luizinha era feliz; brilhava ineffavel sorriso nos labios della, e a sua alegria era um sol, cujos raios reflectião na alma do padre.

O amor da filha vencia o amor do ouro.

V

A caridade na casa da avareza.

s annos forão passando, como sempre passão — vagarosos para a primeira juventude que vive a sonhar com o futuro; — em vôos rapidos para a velhice que vive das recordações do passado e sente que pouco a pouco se approxima do dia derradeiro.

Os annos forão correndo em uma cadêa de flôres para Luizinha e Millo, que crescião á sombra dos cuidados do padre Martin e da boa velha curandeira.

A velha e o menino tinhão ficado como já se vio, definitivamente pertencendo á familia do padre, que nem mais se lembrava de livrar-se do peso daquelles hospedes, observando o amor que uma tributava á sua Luizinha e o prazer que dava a esta a companhia do outro, constante socio de agradaveis e innocentes travessuras.

E tal foi a intimidade que dentro em pouco reinou entre o padre, a menina, a velha e Millo, que o nome da boa curandeira ficava completamente esquecido, de modo que os dous, á imitação de Millo, habituarão-se a chama-la *minha avó*.

Aquelles que por leviandade reprehensivel, por grave falta de educação ou emfim por inexplicavel rudeza de espirito, zombão da velhice tremula e desfigurada, podem não comprehender quantas idéas bellas e suaves encerrão esse nome de *avó*, que presuppõe uma velha já curvada sob o peso dos annos, embora hajão muitas avós ainda no vigor da idade.

A *avó* é mulher que ama dous entes em um unico ente, que ama o neto por elle e por seu pai ou sua mãi — isto é, que ama seu neto e tambem em seu neto seu filho ou sua filha: o amor da avó é o amor que não sabe ralhar, é o amor complascente, sempre risonho, sempre cheio de condescendencias que chegão ás vezes a ser excessivas, é o amor que mais remoça o velho: a avó vê no berço da neta a repetição do berço da filha, na infancia, nos risos nas travessuras da neta a reproducção da infancia, dos risos, das travessuras de vinte annos passados: a neta ou o neto é para ella um amor composto de dous amores; em uma avó ha duas mãis: em um neto dous filhos.

A velha curandeira não era a verdadeira avó de Luizinha; mas amava-a como se o fosse; velava incessante por ella, como pelo seu Millo, não os deixava nunca de dia, entretinha-os de noite, contando-lhes historias que o proprio padre Martin ouvia, sorrindo, e nos dias santificados acompanhava os dous meninos á freguezia, onde os levava a ouvir missa.

O padre Martin não foi indifferente á essa dedicação da *avó*: e do mesmo modo que ella dividia o coração entre seu neto e Luizinha, elle igualmente procurou dividir os seus cuidados entre sua filha e Millo: assim, quando Luizinha chegou aos nove annos de idade, empregou o padre algumas horas por dia em ensinar a ler e escrever aos dous meninos, acendendo no espirito de um e de outro a flamma de uma emulação que a ambos muito aproveitou.

Já se observou como o estremecido amor que o padre Martin dedicava a Luizinha, vencendo os máos conselhos da paixão da avareza, o obrigárão a augmentar as despezas de sua casa, accrescentando com dous novos membros a sua familia; mas esse milagre do amor paternal não tinha ido além, e o padre avarento continuava como d'antes a mostrar-se surdo ao gemido do pobre, e a parecer alheio ás lições de caridade dadas por aquelle de quem se dizia sacerdote.

Felizmente Luizinha, que reinava despoticamente no coração do padre, era e devia ser a inimiga vencedora da sua avareza.

Luizinha era formosa ; não tinha porém sómente o rosto, tambem tinha o coração de um anjo.

Uma vez, a primeira em que, indo á freguezia, chegou-se a ella uma pobre mulher a pedir-lhe esmola, a formosa menina sentio profunda e verdadeira dôr por não levar comsigo dinheiro algum.

A pobre comprehendendo o que se passava na alma da menina, enterneceu-se, abençoou-a e chorou.

Luizinha, vendo as lagrimas que banhavão as faces da pobre mulher, tirou o lencinho branco que levava ao pescoço, e deu-lh'o.

— O seu lenço, minha filha! disse a pobre.

— Hoje não tenho outra cousa para dar-lhe ; respondeu Luizinha ; o meu lenço servirá ao menos para enchugar as suas lagrimas.

E dizendo isso, a menina retirou-se apressada, chorando por sua vez.

Desde então nunca mais foi á freguezia nos dias santificados sem exigir de seu padrinho algum dinheiro, que era o thesouro dos seus pobres.

É inutil dizer que esse obolo de caridade era sempre o fructo de um combate, e arrancado pelo amor á avareza.

O padre Martin prégava debalde contra a ociosidade e os mendigos, sustentando que era um peccado alimentar o vicio dos mendicantes.

O padre prégava no deserto.

Havia no coração de Luizinha uma disposição tão decidida para fazer o bem, achava ella tão suave encanto em ver brilhar a alegria em olhos habituados ao pranto, doia-lhe tanto na alma o aspecto da miseria, a idéa dos martyrios da fome, que sempre lhe sobravão forças para vencer a resistencia que seu padrinho oppunha ao exercicio da sua santa virtude.

E demais Luizinha, generosa, boa, rica de

sentimentos nobres, era tambem uma menina um pouco ou mesmo muito exigente e decididamente teimosa em consequencia dos mimos com que fôra e estava sendo criada : achava-se acostumada a ver seus desejos realizados por seu padrinho, e qualquer opposição que encontrava, servia sómente para inflammar sua vontade.

Luizinha *queria :* o padre Martin acabava sempre por ceder, murmurando debalde.

Dentro em pouco a bella e boa menina ficou sendo conhecida e amada do povo da freguezia.

Os pobres começárão a apparecer no sitio do padre Martin : era uma empreza arriscada em que se mettião : porque se o padre percebia algum que se approximava, espantava-o com um grito de ameaça ou com pragas terriveis; mas era certo que aquelle que conseguia chegar á porta da casa, e fallar á Luizinha, não se retirava sem levar ao menos com que matar a fome durante dous dias :

então a menina não pedia dinheiro ao padrinho, mas corria á despensa, e achava sempre alguma cousa que pudesse dar.

O padre esbravejava ; mas Luizinha fazia a sua esmola, e dizia ao pobre sorrindo-se :

— Meu padrinho ralha, mas não é máo : é elle que me ensina a ser caridosa : quando tiver fome, volte.

O pobre abençoava a menina, e o padre no meio de sua cólera, sentia ás vezes uma consolação naquella benção : os votos dirigidos á Deos pela vida e pela felicidade de sua filha não podião deixar de achar echo em seu coração de pai.

Quando o pobre voltava as costas o padre Martin ainda colerico dizia á Luizinha :

— Estás satisfeita, não ?

— Muito, meu padrinho ; é tão bom dar esmola !

— Tu tens compaixão de todos, menos sómente de mim.

A menina era viva de mais para não saber

como lhe cumpria responder á queixa de seu padrinho : corria a abraça-lo, fazia-lhe mil caricias, e, o que valia mais que tudo, ella dizia :

— Sou tão feliz !

O padre serenava.

Assim pois a caridade e a avareza moravão debaixo do mesmo tecto no sitio do padre Martin.

E era por isso que o povo repetia :

— O padre Martin é um máo homem ; mas a menina Luizinha é uma santa.

VI

Relampago.

No campo, ou antes, para fallar como falla a nossa boa gente do interior do paiz, *na roça*, a distracção mais commum e mais constante, é o passeio, o passeio que para alguns pouco ou raramente varia; porque qualquer que seja o lado, por onde se passeie, a natureza é quasi sempre a mesma para aquelles que não sabem aprecia-la.

Mas embora essa distracção frequentemente repetida offereça ao espirito uma apparente

monotonia que alguem possa suppôr fatigante, que differença entre o passeio nas grandes cidades e o passeio na roça!

Nas grandes cidades o luxo obrigado, o respeito á certas conveniencias acanhadoras, o ar impuro, a ausencia da natureza virgem, o concurso da multidão, a impossibilidade de se sentir o encanto suave da solidão, roubão ao passeio muitas das suas melhores condições.

Na roça, pelo contrario, o passeio não só é mais aprazivel, mas tambem muito mais util: os olhos perdem-se na vastidão das campinas, ou ficão esquecidos na contemplação das florestas, dos rios, e sitios romanescos: o aroma das flôres, o canto das aves, o ruido mysterioso do bosque, os pequenos animaes que fogem espantados atravessando a estrada, o ar suavissimo que se respira, tudo emfim é uma festa da natureza que dá alegria ao espirito, força ao corpo e dilatação á vida.

E quanto mais se avança para o interior

do paiz, mais se aprecia esta verdade; porque, seja dito de passagem, á medida que se povoão os nossos municipios mais vizinhos do litoral, a civilisação mal dirigida vai destruindo muitos thesouros, e muitos encantos da natureza que poderião e deverião aliás ser poupados. Por exemplo: não ha leis que regulem os córtes das mattas, nem os tempos e condições das caçadas, e em resultado, o fogo destróe sem regra e sem cautela florestas seculares com todos os seus preciosos gigantes vegetaes, e as aves e as caças fogem espavoridas dos bosques incessantemente batidos por dezenas de caçadores, e vão abrigar-se nas serras longinquas.

Mas ainda bem que no seculo passado não era assim em Itaborahy, onde por isso o passeio offerecia todas as suas bellezas, toda a sua dominadora magia.

Ora, o passeio era uma das distracções habituaes de Luizinha: gostava ella de saudar o sol ao amanhecer, e de sauda-lo outra vez em despedida ao crepusculo da tarde.

O padre Martim que gostava pouco de sahir de casa, nem sempre acompanhava a menina que consequentemente passeava com o seu amigo Millo debaixo dos cuidados e da vigilancia da boa avó.

Os meninos corrião como loucos, soltavão gritos de alegria descobrindo um ninho de beija-flôres, que era logo cruelmente roubado as innocentes avezinhas pelo travesso e intrepido Millo, perseguião os bandos de rôlas, brincavão com as borboletas, ou enthusiasmavão-se apanhando cigarras.

A boa velha seguia-os á custo; mas revivia com aquelle prazer dos meninos, admoestava-os sorrindo, e voltava para casa arquejando de fadiga.

Um dia entre tantos outros que assim se passavão, o passeio se estendeu pela estrada.

Era uma tarde bella e fresca.

Depois de muito sorrir e brincar, Luizinha e Millo obedecendo emfim ás instancias da avó que os acompanhára, já voltavão para

casa, quando parárão, vendo chegar um outro menino que pouco mais velho seria do que elles.

Na *roça* quasi todos se conhecem: o menino era filho de um pobre lavrador da vizinhança do sitio do padre Martin.

— Onde vás á estas horas tão apressado, João? perguntou Luizinha.

— Vou ao rio, senhora Luizinha.

— Ao rio?

— Sim, e vou depressa para estar de volta em casa antes da noite.

— Mas que vás tu fazer ao rio?

— Vou lançar nelle este cachorrinho.

— Um cachorrinho! deixa ver.....

Luizinha e Millo chegárão-se para junto de João, que lhes mostrou um cachorrinho de poucos dias nascido e que elle trazia embrulhado em um panno.

— Venhão, meninos! é tempo de voltar para casa! gritou a velha.

—Já vamos, minha avó; respondeu Luizinha, que examinava curiosa o cachorrinho.

O pobre animal, embora tão pequeno ainda, parecia deixar lêr nos olhos e na cara a fidelidade e a especial intelligencia propria da sua raça.

— Como é bonito! disse Millo.

— Que idade tem? perguntou Luizinha.

— Ainda não fez um mez, respondeu João.

— E porque traz elle esta pedra atada ao pescoço?

— Para ir logo ao fundo.

— Como?

— É que a Meduza teve quatro filhos, está muito magra e não póde criar todos elles.

— E então?

— Não ha remedio senão livra-la de tantos cachorrinhos: meu pai já deu um ao nosso vizinho Lopo e agora vou eu deitar este no rio: se não levasse a pedra ao pescoço, o pobre animal custaria a morrer, e penaria muito.

— Que maldade! disse Luizinha.

— Isto não é maldade, é compaixão: se não fosse a pedra ao pescoço, elle penaria muito tempo.

O coração de Luizinha revoltou-se contra aquella especie de compaixão, que mandava matar depressa. A menina olhava ora para o cachorrinho com piedade, ora para João com espanto. Ella não podia comprehender que assim se matasse um innocente animal, e menos que o menino tomasse para si o papel de algoz.

O sentimento de Luizinha era natural; a frieza e sensibilidade com que João ia praticar aquella acção repugnante e cruel era o resultado de um grave defeito de educação; porque ha pais que tolérão os martyrios que os filhos fazem soffrer aos passarinhos e aos animaes, e que ás vezes os levão a praticar actos como esse, de que João servia de instrumento, não reflectindo que assim lanção nos corações das crianças os germens de verdadeira crueldade.

— E ha de morrer! balbuciou a menina.

— Coitado! disse Millo: um cachorrinho é tão bom para se brincar!

— Vamos, meninos! bradou a velha.

— João, disse Luizinha, eu quero para mim este cachorrinho.

— Melhor: se ha de morrer, seja antes seu e eu volto mais depressa para a casa: meu pai não ralhará commigo por isso.

Luizinha recebeu o cachorrinho; Millo tirou-lhe a pedra do pescoço e ambos correrão para avó, soltando gritos de alegria.

— Temos um cachorrinho! temos um cachorrinho! gritavão elles.

A velha ouvio a historia do pobre animal condemnado á morte, e salvo por Luizinha, e limitou-se a dizer:

— Comtanto que o senhor reverendo não ache máo ter um cachorro em casa.

E a velha reflectia bem; porque o padre Martin até então nunca tivera animal algum domestico desses que acompanhão o homem

e o servem, sem duvida porque calculava que alguma cousa lhe custaria o cuidado de nutri-los.

Mas Luizinha não se lembrava de pensar em tal, e voltando para o sitio, discutia com seu amigo Millo sobre a escolha do nome que deveria ter o cachorrinho.

Millo queria dar-lhe o nome — Tigre.

Luizinha sustentava que seria melhor chama-lo — Gentil.

No meio do debate travado entre os dous meninos, o cãosinho fez um movimento e olhou para Luizinha com olhos brilhantes.

— Que fogo tem elle nos olhos! exclamou a menina; está decidido, ha de chamar-se — Relampago.

— Seja — Relampago, respondeu Millo.

E chegárão nesse momento á casa.

O padre Martin, recebendo a afilhada vio logo o novo aggregado que ella trazia, e mostrou-se de máo humor.

— É mais uma extravagancia! É preciso

mandar levar esse cachorrinho a seu dono, disse o padre.

— Elle não tem dono; já estaria morto, se não fosse eu, respondeu a menina.

— É uma loucura....

— Não, meu padrinho; é uma distracção para mim.

— Não te basta Millo?

— Millo é muito differente de um cachorrinho.

— Os cães ficão facilmente damnados; é um perigo horrivel!

— Eu hei de ter todo o cuidado em Relampago.

— Eu nunca consenti que houvessem cães em minha casa.... aborreço os cães....

— Mas ha de amar a este, ha de amar a Relampago, porque é nosso.

O padre bateu o pé e gritou:

— Não quero cães em minha casa!

Luizinha estremeceu; deixou cahir das mãos o cachorrinho e chorou.

Chorar era vencer.

Relampago foi adoptado.

— É uma boca demais que vou ter em casa, murmurou o padre; Luizinha! Luizinha! tu és os meus peccados.

Os dous meninos começárão logo a occupar-se muito sériamente da criação de *Relampago;* o empenho não era tão facil, que não exigisse bastante cuidado; mas felizmente o *amor maternal* poupou á Luizinha e Millo metade do trabalho.

A Medusa, que João pintára tão magra e tão incapaz de criar todos os seus cachorrinhos, escapava todas as noites da casa de seu dono, e vinha ao sitio do padre Martin deitar-se no terreiro e offerecer uma de suas tétas a Relampago.

A chegada de Medusa era uma festa para os meninos, e ainda mais para Relampago. Só o padre Martin é que a olhava com máos olhos; porque Luizinha, sempre incorrigivel, teimava em guardar para ella uma parte das sobras do jantar.

Este excellente acolhimento produzio uma consequencia que era de prever; Relampago deixou de mamar; Medusa, porém, não deixou de vir fazer a sua visita nocturna, e de receber a ração costumada.

Em vez de uma, forão duas bocas de mais em casa.

Mas quem guardava as sobras do jantar para Medusa era Luizinha.

O padre Martin ralhava sempre; aborrecia profundamente Medusa; mas cedia, embora murmurando, ao capricho e á vontade despotica da querida menina.

VII

A predicção da moribunda.

BOA velha curandeira, a quem todos no sitio do padre Martin chamavão *minha avó*, era uma mulher de excellentes costumes, educada com as lições do amor de Deos e do proximo, lições que ella devéra a seus pais, e que resumem plenamente o ensino de todos as virtudes e de todos os deveres.

Profundamente religiosa antes de tudo, a idéa de um pensamento ou de uma acção que

offendesse a Deos, era o maior dos seus tormentos; e ella nem soffria sómente pelos seus proprios escrupulos de consciencia; soffria não menos pelos outros, e especialmente por aquelles com quem convivia, e em quem notava uma infracção dos preceitos divinos.

Rude mas humilde, incapaz de murmuração e de maledicencia, receiosa sempre de causar a mais leve mágoa a quem quer que fosse, a boa mulher nem sabia censurar nos outros as faltas que observava, contentando-se em rezar pela salvação de todos.

Entretanto, notava-se que, depois á certo tempo, ficava ella ás vezes esquecida á meditar tristemente, olhando com indizivel expressão de piedade para o padre Martin; e, se este por acaso lhe perguntava o motivo da sua melancolia e das suas reflexões, ella parecia querer abrir-lhe o coração e hesitar temerosa; e por fim respondia sempre do mesmo modo, encarando-o fixamente.

— Sr. reverendo, penso na morte; creia

que é muito necessario pensar nas contas que devemos dar a Deos do que fizemos na vida.

O padre encolhia os hombros, e a velha nada mais accrescentava. Luizinha e Millo corrião a acaricia-la, e em breve vencião a sua tristeza com afagos e abraços.

Mas de noite, quando se recolhia para dormir, a boa mulher murmurava:

— Eu devia ter fallado.... o meu silencio é um peccado que tenho na consciencia.... Se eu dissesse tudo quanto penso, tudo quanto sinto, póde ser que o reverendo se arrependesse.... Deos me dê animo.... eu hei de fallar amanhã....

E o dia seguinte chegava, e ella não se animava a fallar.

O que affligia á religiosa velha era a avareza do padre Martin, e mais do que isso ainda, era o peccado da usura que esse homem recentemente começára a commetter. A pobre mulher tivera conhecimento desse novo desvio dos bons caminhos, em que o padre corria

para sua perdição; e, portanto, soffria e desejava fallar para salva-lo.

Mas o padre Martin fazia-lhe medo; ella receiava provocar sua cólera; estremecia, vendo as rugas de sua fronte severa; e, apezar dos impulsos de sua consciencia, não se animava nunca a offerecer-lhe os conselhos da virtude.

A boa velha consolava-se da sua fraqueza, rezando horas inteiras pelo padre Martin.

Afóra essas tristes meditações da velha, que a miudo se estavão repetindo, passavão serenos e prosperos os dias no sitio do padre Martin.

O padre e a velha mostravão-se fortes, promettendo viver ainda longos annos.

Os dous meninos crescião radiantes de saude e alegria.

Os escravos vivião contentes sob a protecção de Luizinha.

Relampago tinha-se tornado um grande e forçoso cão de terreiro; era um animal bravo

e terrivel, a cujo impeto nenhum homem poderia resistir; mas ao mesmo tempo docil e submisso á voz de Luizinha e de Millo, ao lado dos quaes sempre se achava, e de quem parecia ser o mais fiel, vigilante e intrepido defensor. Nada podia igualar á expressão de amor com que o cão olhava para os dous meninos, á prompta obediencia com que elle se deitava aos pés de qualquer delles, ao mais leve signal que recebia, e á braveza e ao furor em que se acendia, quando desconfiava das intenções de algum desconhecido que se approximava dos seus dous senhores.

Medusa, emfim, que era tambem um pouco da casa, não interrompia a serie das suas visitas nocturnas.

O padre Martin acabára por tolerar sem má vontade o fiel Relampago, que lhe prestava o importante serviço de sentinella da casa; continuava, porém, e cada vez mais, a detestar a importuna Medusa, por causa das sobras do jantar que ella devorava.

Corrião assim placidamente as cousas no sitio do padre Martin, até que um dia a boa velha não se levantou, como de costume, ao romper da aurora.

Os meninos esperavão por ella no terreiro para o seu passeio costumado.

O padre Martin já tinha dito tres vezes, como perguntando a si proprio :

— Que terá hoje a avó ?

Relampago uivava tristemente.

Emfim, Luizinha e Millo corrêrão ao quarto da velha e voltárão logo, chorando:

— Minha avó está mal ! gritárão ambos ao mesmo tempo.

E com effeito a boa mulher tinha chegado ao seu ultimo dia.

O padre Martin foi vê-la.

— Sr. reverendo, disse a velha com voz fraca, não ha tempo a perder; poucas horas me restão de vida; faça-me ainda uma esmola; mande chamar immediatamente o Sr. vi-

gario para ouvir-me em confissão e preparar-me para morrer.

Emquanto esperava pelo vigario, a virtuosa velha consolava os dous meninos, que desabridamente choravão abraçados com ella: deu-lhes seus ultimos conselhos: e, pondo suas mãos tremulas sobre as cabeças de ambos, ainda uma vez orou a Deos por elles.

O vigario chegou, e a moribunda recebeu todos os sacramentos com um doce sorriso nos labios.

Ao despedir-se do santo pastor, desfez-se em lagrimas: e, de mãos postas, rogou-lhe que olhasse para o seu Millo, que ficava só no mundo.

O vigario, muito commovido, prometteu-lhe solemnemente que, emquanto vivesse, seria o protector e o pai de Millo.

Instantes depois, a velha mandou por Luizinha chamar o padre Martin, e ficou só com elle.

O padre, justo é dizê-lo, tinha os olhos

razos de lagrimas: apertou entre as suas uma das mãos da velha, e perguntou-lhe:

— Que me quer, boa avó?

— Sr. reverendo, disse ella, eu não posso morrer tranquilla com um peso que tenho na consciencia; até hoje tive medo de fallar; agora, porém, sinto a animação da morte, e fallo.

O padre mostrou-se curioso.

— Sr. reverendo, uma moribunda já está metade fóra da terra, e a sua voz tem alguma cousa da voz do tumulo, que é a voz da eternidade; escute bem a minha voz, que sahe do coração, e que é talvez inspirada pelo seu anjo da guarda....

— Falle... falle...

— Senhor reverendo, vossa mercê foi e é avarento, e a avareza é um peccado horrivel: vossa mercê é desde algum tempo mais do que avarento, é usurario! O avarento é um grande peccador, porque não faz o bem que póde; o usurario é ainda muito peior; porque

faz mal o que não deve. Ouça-me! o avarento e o usurario são malditos!

O padre largou a mão da velha, e recuou um passo, vendo-lhe os olhos brilhantes e a face cheia de uma animação impropria da morte que proxima estava.

— Senhor reverendo! continuou a velha; Luizinha é sua filha, é filha do peccado; mas Deos lhe perdoou esse peccado; pois lhe deu em Luizinha um anjo de bondade e de virtudes. Veja bem o que Deos fez por vossa mercê, e ouça a voz de Deos, senhor reverendo! A filha do avarento sahio caridosa para ensinar ao pai o caminho da salvação: ouça a voz de Deos! agarre-se ás azas desse anjo de caridade e salve a sua alma!

— Sim! sim! eu me arrependo..... exclamou o padre cahindo de joelhos.

A velha sentou-se na cama: seus olhos brilhavão com uma flamma ainda mais viva, e ella disse, como se delirasse, ou como se estivesse lendo no futuro:

— Não! não! não te arrependerás! o avarento é e será tambem usurario, e o seu destino é horrivel!.... padre! a tua paixão foi e é o ouro.... tu morrerás pelo ouro! padre! eu vejo alli sangue e cadaver! padre, tu morrerás pelo ouro!

E a velha cahio na cama e expirou.

E o padre Martin aterrado, fóra de si, sahio cambaleando para fóra do quarto, e atirando-se sobre uma cadeira na sala, ficou immovel, tremulo, assombrado, sem ouvir os meninos que se desfazião em lamentos e lagrimas abraçados com o cadaver da *avó*, e sem ouvir o fiel Relampago que uivava desesperadamente no terreiro.

VIII

Porque o avarento se tornára usurario.

O AMOR de Luizinha não transformára, não regenerára completamente, tinha apenas domado o coração do padre Martin: escravo obediente dos desejos, dos caprichos da menina, nãopodendo ver uma sombra de tristeza em seu rosto, e ainda menos uma lagrima em seus lindos olhos, o padre chegára á sacrificar-lhe a avareza, consentíra em ter em sua casa, e como membro de sua familia, a velha e o travesso Millo, tolerára que Luizinha vestisse

e nutrisse os seus escravos, como d'antes elles nunca o tinhão sido, habituára-se á presença de Relampago, supportára as visitas nocturnas de Medusa, e, o que é mais, chegára a condescender com a caridade da excellente menina, dando-lhe algumas insignificantes quantias, que ella destinava para os seus pobres.

Todas essas concessões custavão muito ao padre Martin; elle porém as fazia; porque a vontade de Luizinha era uma lei para o seu coração.

Mas no intimo da alma o padre chorava o seu dinheiro, e lamentava as despezas loucas da amada menina.

É verdade que essas que elle chamava despezas loucas, não diminuião o seu capital; mas tambem não lhe permittião augmenta-lo tanto quanto desejava.

Desta obediencia passiva e filha do amor extremo, e da persistencia da paixão do ouro no animo do padre, nasceu como um recurso, como uma consolação a pratica da usura.

Longe dos olhos de Luizinha, á coberto da sua irresistivel influencia, livre das suas imposições o padre Martin cuidava nos meios de augmentar sua riqueza.

E o proprio amor de Luizinha lhe inspirava um sophisma para satisfazer a paixão do ouro: o padre devia preparar para sua filha um futuro de abastança; que quanto mais rico se tornasse, mais rica a deixaria por sua morte.

Avarento como era, não comprehendia a felicidade senão na riqueza.

Assim pois o amor da filha vencia certamente o amor do ouro, onde quer que a voz de Luizinha se fizesse ouvir; quando porém a voz desse anjo não se ouvia, a paixão infernal sentia-se solta, e como d'antes governava as acções do padre Martin, e, se é possivel, mostrava-se mais violenta ainda, como se se vingasse dos sacrificios feitos ao amor filial.

Até então o padre Martin nunca tinha sido usurario, não por virtude; mas por excesso de avareza.

O padre gemia profundamente ao só pensar na idéa de se separar de uma parte do seu ouro: não havia seguranças, nem credito de devedor que tranquillisassem o seu espirito suspeitoso: nunca houve esposo mais ciumento da consorte amada, do que esse avareuto da riqueza que possuia e amontoava.

Mas as *despezas loucas* de Luizinha roubárão ao avarento o seu mais doce prazer, em seu cofre não cahião mais tantas moedas, como outr'ora; o monte de ouro não se elevava bastante: uma das condições da felicidade da avareza faltava ao padre Martin.

Como neutralisou as consequencias dos desperdicios de Luizinha? O padre Martin pensou muito, e concluio abraçando o recurso da usura.

Uma grande difficuldade porém mostrou-se em breve ao espirito do padre Martin: onde poderia elle desenvolver os seus novos projectos e realiza-los? Em sua casa havia um perigo: as queixas, e os rogos dos devedores chegarião

em alguns casos aos ouvidos de Luizinha, algumas das victimas da usura lembrar-se-hião de recorrer a ella, implorando compaixão, e em tal hypothese, a luta se travaria como tantas vezes, e a victoria seria provavelmente da menina dominadora.

A avareza do pai tinha medo da caridade da filha. O inferno calculava com o poder do céo.

Um dia o padre Martin suppoz ter tido a mais feliz inspiração.

Lembrou-se de João-Maneta.

João-Maneta morava em uma pequena casa que se levantava á beira da estrada entre os riachos do Lava-pés, e do que havia de chamar-se do *Quarto*.

João-Maneta contava perto de setenta annos de idade: era natural da cidade do Rio de Janeiro, e recebera a alcunha de — *maneta* —, porque no combate dado contra Duclerc em 1710, perdera a mão esquerda, que a espada de um soldado francez lhe decepára.

Perdera a mão esquerda com honra batalhando pela patria, e pena foi que lhe dêssem por isso uma alcunha ridicula.

Mas tambem parece que o unico dia de honra de João fôra esse em que perdera a mão, e ganhára a alcunha.

Ficou dito que João-Maneta era Brasileiro.

A observação parece demonstrar que em cem Brasileiros, sessenta são mais ou menos perdularios; trinta e nove mais ou menos sabiamente economicos, e um é avarento.

Mas o Brasileiro que é avarento sabe sê-lo.

João Maneta não era exclusivamente avarento, porque era antes de tudo usurario.

A casa de João-Maneta era pequena; tinha porém o que mais importava, as portas e janellas muito seguras, o que se tornava indispensavel; porque toda familia que a habitava, compunha-se do usurario e de uma sua sobrinha que, cahindo em orphandade, elle adoptára para servir-lhe de criada.

A sobrinha de João-Maneta chamava-se Fa-

bricia, e contava já quarenta annos: era solteira, e durante algum tempo tinha sido objecto de máos juizos suspeitos de suas relações com o tio.

João-Maneta era conhecido como usurario: nem podia deixar de sê-lo, porque, segundo elle proprio dizia, viera estabelecer-se em Itaborahy, trazendo por toda sua fortuna — doze dobras em ouro.

Ora isto se passára em 1725, e João-Maneta não podendo trabalhar, e vivendo apenas dos seus rendimentos, deveria antes achar-se na miseria, do que em pobreza; e entretanto assegurava-se com fundamento que elle já havia accumulado consideravel fortuna.

Semelhante milagre fôra operado pela avareza do proprio João-Maneta, e de Fabricia, digna sobrinha de seu tio; pois que ambos sabião viver quasi sem despender cousa alguma, e pela pratica da usura em que o primeiro era mestre.

João-Maneta foi pois o homem de quem em

um momento de infernal inspiração se lembrou o padre Martin.

Um dia o padre foi procurar o *Maneta*, confiou-lhe em segredo a sua situação, e a sua fraqueza; confessou-lhe que guardava em seu cofre algum dinheiro disponivel e propoz-lhe fazerem sociedade no bom negocio da usura.

Teria sido curioso poder acompanhar os dous avarentos nas discussões que tiverão para chegarem á pôr-se de accordo sobre as condições e bases da sociedade; porque naturalmente empenhárão-se ambos em enganar um ao outro: infelizmente os debates começárão e acabárão tão em segredo que sómente os dous agraciados poderião referi-los.

Emfim accordárão ambos, em que cada um dos socios entraria com parte igual para a caixa; que João-Maneta seria o unico representante e gerente da sociedade; que o padre em compensação daquelle trabalho entraria para a caixa com dez por cento mais, além

da sua parte e que os lucros se repartirião igualmente.

A concessão dos dez por cento custou muito ao padre; elle porém vingou-se nas exageradas cautelas que tomou para segurança do seu capital.

As entradas realizárão-se e o negocio começou e foi-se desenvolvendo sob os melhores auspicios, graças á experiencia e á habilidade de João-Maneta.

A caixa esvasiava-se e enchia-se regularmente e o ouro que voltava para ella vinha quasi sempre molhado de lagrimas.

Os usurarios enriquecião-se, empobrecendo os desgraçados que cahião em suas garras; ao menos porém o amaldiçoado pelo povo era sómente João-Maneta.

E ainda assim o padre chorava os seus dez por cento.

Mas o padre Martin tornára-se tão amigo de João-Maneta, e tão assiduamente o visitava, que o facto deu que pensar a muita gente,

e por fim de contas foi o mysterio decifrado e todos souberão que o padre Martin era socio de João-Maneta.

A noticia desta sociedade cruel e immoral chegou aos ouvidos da boa velha curandeira no sitio do padre Martin, e deu causa a que a pobre mulher cahisse tantas vezes no abysmo de dolorosas meditações e tivesse aquelles escrupulos de consciencia de que sómente se libertou na hora solemne e terrivel da morte.

Vio-se como o padre Martin escutando a voz tremenda da moribunda, e a sinistra previsão do seu futuro, recuára assombrado; e depois de deixar escapar em um — sim! instinctivo, grito involuntario arrancado pelo medo, a promessa do seu arrependimento, e da sua emenda, fugira do quarto, onde já deixava um cadaver.

O padre passou um dia terrivel cheio das mais penosas reflexões, dormio de noite um somno agitado e interrompido por sonhos

afflictivos: na manhã seguinte porém o cadaver da velha seguio o caminho do cemiterio, e como se com elle seguisse o mesmo caminho a influencia dos conselhos da moribunda, o espirito do avarento e usurario pouco a pouco se foi tranquillisando, e a promessa feita começou em breve a ser julgada vã e pueril.

Para maior mal em um dos seguintes dias o padre Martin teve de ajustar contas com o seu socio, e tão avultados forão os lucros que arrependido ficou elle de ter pensado em arrepender-se.

Assim pois infructuosa se tornára a predicção da moribunda.

O demonio do ouro, a tentação da avareza e da usura continuava ainda a lançar nos desvios do peccado a alma do padre Martin.

Havia talvez um meio unico de regenerar aquella alma perdida: o meio era a influencia do anjo da caridade, da formosa e boa Luizinha, cuja voz, e cuja vontade chegavão sem-

pre á alma do padre, fazendo caminho pelo coração.

Mas Luizinha era uma innocente menina que nem comprehendia a pratica do mal, e que julgava do padre Martin pelas inspirações do seu amor; chegára com pezar seu a reputar seu padrinho pouco amigo dos pobres; longe porém estava de pensar que havia um vicio infernal chamado usura, e que o padre se tornára objecto de maldições e pragas por esse vicio.

Seria preciso que alguem, conhecendo o poder que sobre o padre exercia a menina, fosse bater ao coração desta, e dizer-lhe a verdade que todos sabião, e que só ella ignorava e não comprehendia.

Então fôra provavel uma dessas lutas extremas entre o anjo da caridade e o demonio da usura, e é bem possivel que o céo désse forças á filha muito amada para salvar o pai, obrigando-o a sacrificar sua paixão vil e peccaminosa.

Mas todos amavão Luizinha; todos dizião: « O padre Martin é um máo homem; mas a menina Luizinha é uma santa », e por isso mesmo ninguem se animava a fazer corar as faces da menina querida, todos diante della respeitavão o padre Martin, e não ousavão censura-lo.

Luizinha acreditava piamente que seu padrinho, se não era amado, pelo menos não era aborrecido, e até no empenho de torna-lo menos antipathico aos pobres, muitas vezes, com uma dessas generosas mentiras que Deos perdôa sorrindo, dava esmolas em nome delle.

Millo era o unico que poderia ter sem vexame e com explicavel confiança referido á Luizinha quanto se dizia do padre Martin: mas tambem Millo era um menino como ella, e, além disso, amava o padre, devia-lhe gratidão, e em sua santa e nobre generosidade dos primeiros annos, lembrar-se-ia antes de defender, do que de accusar aquelle que lhe dava o pão.

Tudo portanto conspirava contra o padre Martin, que corria livre e á rédea solta para a sua perdição na outra vida.

No mundo era elle alvo das maldições dos homens: além da morte só a misericordia de Deos poderia salva-lo do inferno.

No sitio e na casa do padre Martin vencia o anjo da caridade e das virtudes.

Fóra do sitio o demonio da avareza e da usura governava o padre Martin.

A predicção da velha moribunda era um mysterio do futuro.

IX

Porque foi chamado o sobrinho do Fayal.

A MORTE da boa avó tinha deixado na familia do padre Martin um vacuo que um outro homem, que tão avarento não fosse, teria feito em breve preencher.

Luizinha ficára sem directora que por ella zelasse na idade em que mais precisava tê-la.

A vigilancia e a fidelidade de Relampago não poderião defender a bella menina daquelles

perigos, de que havia de salva-la a propria virtude, mas que tambem e sempre devem ser vencidos pelos conselhos e pela vigilancia solicita do amor maternal, ou de um amor que desse se approxime.

Além do mais Luizinha e Millo tinhão crescido, ella já era uma formosa moça, elle um mancebo ardente e bonito.

O padre Martin que os via todos os dias e a todas as horas era quem menos notava nessas mudanças que os annos ião operando; a idéa de admittir uma senhora para companheira de Luizinha não podia ser por elle expontaneamente concebida, e menos realizada por causa de alguma despeza que teria de fazer, e assim deixou que as cousas continuassem como d'antes, que Luizinha e Millo vivessem em relações constantes, que nos domingos fossem ambos apenas acompanhados por uma escrava e pelo inseparavel Relampago á freguezia, onde devião ouvir missa, e emfim, attendendo a idade a que Millo já havia

chegado, apenas se lembrou de exigir uma simples modificação na vida que vivia o mancebo.

— Já estás grande, meu Millo; disse-lhe o padre um dia; já estás grande e é necessario que te occupes em alguma cousa: d'ora avante ficará por tua conta o cuidado do pomar e dos animaes.

Millo aprendêra com Luizinha a chamar o padre —*meu padrinho*.

— Sim, meu padrinho; respondeu elle; póde descançar em mim a esse respeito.

O padre sorrio-se; mas Luizinha sahio logo com embargos.

— Meu padrinho, disse ella; eu quero antes que Millo se occupe em preparar-me um jardim: desejo ter flôres, e elle será o meu jardineiro.

— De que servem flôres? perguntou o padre de máo humor.

— As flôres são bellas e servem para o

encanto dos olhos, além do aroma que embalsama o ar.

— E que lucro dão?

— Não haja duvida por tão pouco; tornou Millo: eu posso tratar do pomar, e dos animaes, e preparar o jardim para Luizinha.

— Sacrificarás o pomar e os animaes ás flôres....

— Meu padrinho verá.

E o padre Martin applaudio-se do que vio.

Millo era intelligente e infatigavel: o pomar do sitio mudou em breve de aspecto; não só tornou-se mais viçoso, como augmentou de proporções; os animaes engordárão, e em um canto do pomar apparecêrão em poucos mezes lindos taboleiros de flôres.

Nenhum dos escravos do padre Martin trabalhava tanto como o intelligente Millo.

O padre exultou vendo que contava um trabalhador de mais.

Continuou pois o mesmo systema de vida na familia: Luizinha e Millo não se separárão,

e quando aos domingos ião ouvir missa na freguezia, aquelles que os vião passar tão jovens, tão alegres, e tão amigos, dizião:

— Que galante par!

Preciso porém é dizê-lo: os dous jovens erão ainda tão innocentes, como as flôres do seu jardim; no coração de ambos morava a pureza dos anjos: nenhum delles pensava que havia um outro amor que os pudesse ligar a não ser esse amor fraternal, que desde a infancia tinhão ambos sentido

Os primeiros que observárão com malicia essa estima reciproca de Millo e Luizinha, e pensárão nos riscos a que ella expunha a menina, forão João-Maneta e Fabricia.

Dous sentimentos differentes tinhão inspirado á malicia ao tio e essa sobrinha.

João-Maneta pesou em seu espirito todos os inconvenientes de um casamento possivel: o marido de Luizinha bem podia querer tomar sobre si o cuidado dos negocios do padre Martin, que não saberia resistir ás instancias

de sua filha: em todo caso o casamento de Luizinha era um perigo para a sociedade da usura. João-Maneta começou a aborrecer o pobre Millo.

Fabricia estava de perfeito accôrdo com seu tio em suas idéas interesseiras; mas ainda tinha uma razão particular para ver com máos olhos a intimidade de Millo e Luizinha.

Fabricia contava quarenta annos, nunca fôra bonita nem cortejada por mancebo algum que lhe houvesse feito entrever a esperança de casamento.

Não ha inveja que iguale a de uma celibataria que o é á proprio pezar, e principalmente quando ella chega á idade em que começa a perder a esperança de achar marido.

Millo era um lindo joven, e Fabricia comprehendia ou pensava que devia ser bem feliz a mulher que o tivesse por esposo: bastava esta consideração para atiçar-lhe a inveja.

BIBLIOTECA MUNICIPAL
"ORÍGENES LESSA"
Tombo N.º 11.688
MUSEU LITERÁRIO

A inveja é mãi do odio mais criminoso; do odio gratuito, do odio que não tem desculpa, que o attenue.

Fabricia odiava Luizinha por duas razões: odiava-a porque era moça e bella, e porque Millo era bonito.

E portanto a exemplar virtude da sobrinha de João-Maneta alvoroçava-se, vendo a estima reciproca de Luizinha e Millo, e a perigosa intimidade em que vivião os dous jovens.

Uma vez o tio e a sobrinha virão passar Luizinha e Millo conversando, e rindo, como dous irmãos que se amão extremosamente.

João-Maneta apontou para elles com signal de reprovação.

Fabricia benzeu-se com o ar mais santo.

— Isto não póde continuar assim; disse João-Maneta.

— É uma horrivel immoralidade! respondeu Fabricia.

— É preciso fallar ao padre Martin.

— Sem duvida : o tio já deveria ter-lhe dito alguma cousa.

— Fallai no máo, preparai o páo ; observou o tio.

Era o padre Martin que nesse momento chegava.

Como de costume os comprimentos forão curtos entre os dous socios.

Fabricia retirou-se modestamente.

— Acabavamos de conversar a seu respeito ; disse João-Maneta.

— E á proposito de que ? perguntou o padre.

— Tinhamos visto passar para a freguezia a menina Luizinha e esse rapaz que o senhor reverendo tem em sua casa.

— Sim ? e que mais ?

— Minha sobrinha, que é a virtude em pessoa , perguntou-me , se o senhor reverendo pretende casar a menina Luizinha com esse pobretão.

O padre encrespou as sobrancelhas.

— E qual foi a sua resposta?

— Eu disse á minha sobrinha que duvidava muito que um homem de tanto juizo cahisse em semelhante asneira.

— E respondeu bem.

— Mas Fabricia observou-me, que sendo assim, ninguem poderia explicar a especie de indifferença ou de abandono, com que o senhor reverendo deixa a innocente menina Luizinha viver em tanta intimidade com o tal velhaquete.

O padre pareceu contrariado, e respondeu depois de momentos de reflexão :

— São dous meninos criados como irmãos : ainda não pensão no mal.

João-Maneta era habil : conheceu que já havia lançado sufficiente dóse de veneno no coração do padre, e por isso tornon, dizendo:

— Exactamente o mesmo fiz eu observar á minha sobrinha, o que a fez calar, porque ella tem sobre tudo a maior confiança na prudencia do senhor reverendo.

— Sua sobrinha é uma excellente senhora.

— Não tratemos mais disto : vamos aos negocios, que mais nos interessão. Tenho optimas noticias a dar-lhe.

— Homem, no trimestre passado lucramos muito pouco.

— Pouco! lucramos no trimestre passado mais do que nunca lucrei em tempo algum ; mas no trimestre que terminou hontem ainda fomos muito além.

— Muito?

— Recebi de Manoel Peres, em pagamento da sua divida, um sitio que vendi quatro dias depois pelo dobro da quantia, pela qual o recebi.

— E que mais?

— Examine o senhor reverendo o nosso livro e pasme á vista do que tenho feito.

Os dous socios começárão o exame das contas, e dos lucros, e o padre Martin esqueceu Luizinha e Millo admirando os prodigios da usura de João-Maneta, sem comtu-

do manifestar a sua admiração, e antes protestando que se poderia ter lucrado muito mais.

Concluido o exame das contas e já de volta em casa o padre Martin estava á porta, quando vierão chegando Luizinha e Millo, e então, lembrando-se do que acabára de ouvir á João-Maneta, reparou que com effeito a menina se havia tornado uma formosa moça, e o menino um galante mancebo.

O padre reconheceu que João-Maneta ou Fabricia tinha razão, e quando, á noite, se recolheu á seu quarto, passou horas inteiras reflectindo.

Despedir Millo era um recurso prudente; mas certamente Luizinha protestaria contra elle.

Deixar correr a vida como até então, era um perigo, á menos que fosse adoptavel a idéa do casamento de Luizinha e Millo.

Essa idéa porém aterrava o padre. Elle não podia admittir que a sua riqueza viesse um dia a passar ás mãos de um estranho.

E Millo além de estranho não tinha nome, nem familia, nem esperanças de futuro.

O padre então lembrou-se de que na ilha onde nascera, vivia ainda uma sua irmã casada e com filhos, um dos quaes muito desejava vir fazer ou procurar fortuna no Brasil.

Esse seu sobrinho chamava-se Manoel Pereira, e muitas vezes lhe havia escripto, manifestando-lhe o seu empenho de passar-se para o Brasil afim de fazer-lhe companhia.

O padre não accreditava muito nos protestos de amor de um parente que nunca o tinha visto; mas por fim de contas Manoel Pereira era seu sobrinho, e seu patricio, e se viesse e se casasse com Luizinha, nunca se lembraria de arranca-la da sua companhia.

Estas e muitas outras considerações levárão o padre a tomar uma prompta resolução.

No dia seguinte elle escreveu para o Fayal mandando vir Manoel Pereira para o Brasil.

A carta, mandada em confiança a um Portuguez negociante da cidade do Rio de Janeiro, seguiu ò seu destino, sem que pessoa alguma suspeitasse do que se tratava.

Luizinha e Millo não pensavão na existencia de Manoel Pereira, e João-Maneta e Fabricia ainda menos.

O padre guardava impenetravel o seu segredo.

E passados oito mezes apresentou-se em um sabbado da alleluia no sitio do padre Martin o sobrinho chegado das ilhas.

X

Manoel Pereira.

Quinze dias se tinhão passado depois da chegada de Manoel Pereira á casa de seu tio.

O padre apresentára Manoel á Luizinha como um sobrinho que o devia acompanhar em sua velhice, recommendára á um e outra que se estimassem mutuamente, e ficou esperando que o tempo o ajudasse a realizar o projecto que concebêra.

Durante os quinze dias Luizinha, Millo, e Manoel observárão-se e estudárão-se.

Millo não era invejoso ; reconheceu porém que ao pé de sua camarada se apresentava um mancebo que na casa do padre Martin tinha natural e legitimamente mais direitos do que elle e notou com pezar que Manoel parecia olha-lo desconfiado e de máo humor desde o primeiro dia.

Luizinha á principio divertio-se muito, escutando Manoel contar historias da sua ilha ; mas logo depois aborreceu-se de ouvi-lo e continuou a viver como d'antes, sem pensar que o sobrinho de seu padrinho podesse exercer influencia alguma sobre o seu futuro.

Millo o pobre orphão sentira instinctivamente que a sua posição ia modificar-se desagradavelmente no sitio do padre Martin.

Luizinha, a menina amada, nem se agitou nem temeu : estava habituada a não soffrer ; vio pois com indifferença o supposto companheiro da velhice de seu padrinho.

Manoel Pereira foi mais positivo, mais aturado e minucioso em suas observações, ou antes

foi elle entre todos o unico que estudou e observou os outros.

O pensamento que o fizera deixar a familia e a patria e passar para o Brasil fôra o desejo de fazer fortuna. Era pobre e almejava enriquecer.

Como tantos outros contava encontrar no Brasil a famosa *arvore das patacas*: a arvore das patacas era para elle antes de tudo seu proprio tio; porque o padre Martin sendo padre não podia ter filhos, e portanto seus cabedaes deverião pertencer ao parente que elle adoptasse.

O raciocinio era perfeito segundo as regras da logica do egoismo, e da ambição.

Mas chegando á casa de seu tio, Manoel Pereira sobresaltou-se, vendo as suas esperanças em parte annulladas.

O sobrinho chegado da ilha encontrou ao lado de seu tio uma menina querida, a quem o padre dava o nome de afilhada evidentemente por

não convir dar-lhe outro, o verdadeiro, o nome do amor mais sagrado.

Luizinha era filha do padre Martin : a filha devia naturalmente ser herdeira do pai, e isso era horrivel para Manoel Pereira.

Porque a herança do padre era a grande, ou melhor, a unica, a essencial questão.

É claro queum pensamento consolador veio logo acender-se na alma do sobrinho ambicioso : se a filha devia ser a herdeira, o sobrinho se-lo-ia tambem,casando-se com ella. Pouco importava em tal hypothese que a noiva fosse bonita ou feia; mas, para maior consolação, Luizinha era formosa.

Entretanto uma suspeita instinctiva contrariava este recurso esperançoso.

No sitio do padre Martin vivia um joven de bello parecer, e a quem Luizinha mostrava estimar muito. Esse joven não era afilhado nem parente do padre ; parecia porém objecto de muitas attenções na casa , e portanto podia

bem tornar-se em uma barreira diante dos projectos ou dos sonhos da ambição de Manoel.

Por ultimo, e para dar conta de todas as primeiras impressões do sobrinho chegado da ilha, cumpre dizer que elle achou seu tio muito mais moço e muito mais robusto, do que calculára, não sentio por isso grande prazer.

O padre Martin errára gravemente.

O velho rico que manda vir para sua companhia um sobrinho a quem nunca vio, a quem nunca amou, e que nunca o amou, e que o recebe, sabendo que elle traz a esperança de ser seu herdeiro, expõe-se á perigos reaes, ou pelo menos a ter junto de si um falso amigo, que fará votos pela sua morte.

Ligações de ordem tal só aproveitão, quando a estima as aperta e santifica. Laços forjados pela ambição raramente deixão de ser nocivos: quem precisa de cuidados e extremos peça-os ao amor, e não ao egoismo.

É uma imprudencia chamar para o seio da familia um homem de quem não se tem co-

nhecimento, e ainda maior imprudencia, se a fortuna do protegido póde mais depressa realizar-se com a morte do protector.

Estas considerações não tendem á semear a desconfiança entre parentes, e ainda menos a tornar menos gratos os laços de sangue: a idéa é clara, e indica sómente a necessidade do conhecimento do caracter e das qualidades daquelles que approximamos de nós, e que ligamos á nós.

O padre Martin errára; mas ainda era cedo para serem sentidas as consequencias do seu erro.

Manoel Pereira, não perdeu o seu tempo nos quinze dias que se passárão depois daquelle em que se apresentára na casa de seu tio.

Laborioso e infatigavel tomou a direcção dos poucos escravos do padre e na roça trabalhava com elles assiduamente, animando-os com o seu exemplo, e chamando-os á sua confiança com um tratamento quasi fraternal.

Em breve os escravos o fizerão sabedor dos

segredos da familia e da casa, o que era essencial para Manoel Pereira.

No fim de poucos dias o ambicioso mancebo conhecia perfeitamente o caracter e as fraquezas de seu tio, o poder de Luizinha, e a condição de Millo.

Era um general que explorava o campo da batalha.

Manoel Pereira comprehendeu toda a situação, e todas as circumstancias: enganou-se porém em um ponto: reputou o amor do ouro ainda mais forte e poderoso do que o amor da filha no coração do padre.

Partindo deste falso principio, deu no fim dos quinze dias o primeiro combate, dirigindo os seus ataques contra Millo.

Foi na tarde de um sabbado.

Luizinha tinha ido ao jardim, onde Millo estava trabalhando.

O padre Martin e o sobrinho por seu lado sahirão a visitar o pomar, e de volta para casa, suppondo que os dous jovens ainda não

havião entrado, sentou-se Manoel Pereira defronte do tio, e dispoz-se á fallar.

Luizinha e Millo estavão á dous passos na sala de jantar, e descançando silenciosos podião ouvir tudo.

— Tio padre, disse Manoel, ha muitos dias que vossa mercê não vai lá á roça ver como a negralhada atira de enchada; mas que monta? o trabalho anda!

— Sim; eu sei que tu não és pêco, continúa, que vás bem assim.

— A quem no diz, tio padre? leve o demo a preguiça! mas que monta? uns trabalhão, e outros vadião, e tanto comem uns como os outros.

— Trabalha tu, e deixa os outros.

— Nanja que eu morda no proximo, tio padre; mas eu tinha uma cousa para dizer á vossa mercê.

— Dize lá.

— É que quando ha na mesa uma boca de mais, fica um pão de menos.

— Isso é verdade.

— E um pão que não se compra, é dinheiro que em casa fica.

— Tambem é verdade.

— Que diabo serve o Sr. Millo que agua as flôres, e enxerta laranjas? Eu cá que trabalho na roça, bem posso fazer a réga do jardim á noitinha, e cuidar das frutas aos domingos.

— Manoel, disse o padre Martin com cuidado e olhando para a porta: deixa Millo, e não te envolvas com elle....

— Pois que vá aguar as flôres; mas eu lh'o digo por amor da casa, porque boca de mais é pão de menos.

— Manoel, nem palavra sobre Millo, attende bem: trata de agradar a Luizinha; é preciso que agrades a Luizinha.

— É que o Millo....

— Basta; tornou o padre: nem mais palavra sobre esse rapaz.

Millo tinha ouvido o que o tio e o sobrinho acabavão de dizer, e corando até a raiz dos cabellos, levantou-se do banco, onde estava sentado e retirou-se para o seu quarto.

Luizinha entrou pouco depois na sala: tinha o rosto enrubecido, e os olhos em fogo.

O padre Martin fingio não ver o sentimento que transluzia do rosto da joven.

Anoiteceu e chegou a hora da cêa.

Millo não appareceu para cear: pretextára um ligeiro incommodo para não vir sentar-se á mesa.

Luizinha não quiz comer.

O padre Martin não poude conter-se e perguntou:

— Porque não queres cear, Luizinha?

— Para que fiquem dous pães de mais, meu padrinho.

— Menina!

— Uma boca de mais na mesa equivale a um pão de menos.

Manoel Pereira levantou a cabeça, e olhou para Luizinha, que encarando-o com expressão de cólera, disse:

— Quero concorrer para a alegria da casa; ha de haver na cêa de hoje uma sobra de dous pães.

XI

Duas flôres

MANHECEU o dia seguinte que era domingo.

Luizinha acordou com a aurora, penteou-se com esmero, vestio o seu simples mas bonito vestido branco, apresentou-se emfim para ir, e como de costume, ouvir missa na freguezia.

Quando sahio do seu quarto a bella moça já não encontrou Millo em casa; mas adevinhou que acha-lo-hia no jardim.

Era facil adevinha-lo; porque Luizinha costumava, quando ia á freguezia, ou á algum passeio, levar no cabello um botão de rosa.

Era um enfeite campestre, e muito no gosto da época nas povoações do interior, porque as senhoras usavão então trazer flôres naturaes nos cabellos.

Luizinha preferia a todas as flôres um botão de rosa, e preferia bem; porque o botão de rosa é o mais fiel emblema de uma joven donzella.

Ora quem sempre escolhia para Luizinha o mais lindo botão de rosa era Millo.

Luizinha adevinhou por isso que o seu amigo Millo deveria estar no jardim, e com effeito lá o encontrou.

Mas em vez de ver o mancebo correr para ella e offerecer-lhe o botão de rosa, Luizinha achou-o olhando muito triste para as flôres.

— Bom dia, Millo; disse ella.

Millo saudou com voz um pouco tremula e commovida á Luizinha, que sobresaltou-se

vendo a pallidez do seu rosto e duas olheiras rôxas sob seus olhos.

— Que tens hoje, Millo, estás desfigurado.

— Não pude dormir.

— Estás doente?

— Não, graças a Deos.

— Choraste?

— Tambem não, mas pensei.

— Pensaste em que?

— Em quem não vale a pena de ser lembrado; pensei em mim.

— Millo!

— Manoel Pereira acordou-me de um somno bem agradavel, mas inconveniente. Dormi até hontem; elle acordou-me.

— Foi então aquelle impertinente....

— Elle disse a verdade: eu sou de mais nesta casa, o senhor padre Martin não precisa do meu trabalho, e não tem obrigação de alimentar-me, e de vestir-me; já não sou criança, tenho animo e força e devo procurar a minha vida.

— Procurar a tua vida? queres por ventura dizer que vás deixar-nos?

— Assim é preciso.

Luizinha nunca tinha pensado na possibilidade de se separar do seu camarada da infancia; foi portanto com um estremecimento do coração que ouvio aquellas ultimas palavras de Millo.

— Deixar-nos, Millo?!!! perguntou ella.

— Sim, Luizinha, eu sou demais aqui.

A joven vio pela primeira vez na vida desenhar-se uma nuvem negra no seu futuro; sentio uma dôr profunda, e inexplicavel, teve um desejo ardente de lançar-se nos braços de Millo, corou sem comprehender porque corava, e de seus bellos olhos cahirão duas lagrimas em suas faces, como gottas de orvalho em duas rosas.

— Deixar-nos, Millo !!! disse ella dolorosamente e como se lhe escapasse um gemido pungente.

— Luizinha! Luizinha! exclamou o pobre Millo.

E o pobre Millo sentia tambem pela primeira vez uma dôr profunda no coração, uma dôr que o perturbava, e cuja natureza ainda não comprehendia bastante.

Luizinha achava-se como que confusa, hesitava, quiz fazer um esforço para escapar áquella situação que a fazia soffer muito, e que a obrigava a experimentar um sentimento ainda para ella indefinivel.

Sem enxugar as duas lagrimas que conservava nas faces, Luizinha ensaiou um sorriso, um sorriso que foi uma contradicção dos labios e da alma.

Ella sorrio-se e disse:

— Millo, és um louco; meu padrinho ralhará comtigo.

Millo moveu a cabeça, indicando-lhe incredulidade.

Luizinha fingio não ver esse movimento, e accrescentou:

— São horas de irmos á freguezia, e nem te lembra que ainda não me déste um botão de rosa.

— Luizinha, disse Millo, queres fazer-me um favor?

— Que favor posso eu fazer-te?

— Em vez de botão de rosa, aceita da minha mão e leva nos teus cabellos a flôr que eu te vou offerecer.

— Dá-me a flôr que escolheres; aceito-a.

Millo deu alguns passos, e colheu uma *saudade*, que offereceu á Luizinha.

— Uma *saudade?!!* disse ella; leva-la-hei nos meus cabellos, mas espero não senti-la no coração.

Millo estava radiante de alegria, vendo a *saudade* nos cabellos de Luizinha, que ficara pensativa.

— Vamos; disse o mancebo.

— Um momento ainda, tornou a joven; tambem quero pedir-te um favor, Millo.

— Falla.

— Farás o que eu te pedir?

— Responde a ti mesma, Luizinha.

— Pois bem; aceita da minha mão e leva no teu peito a flôr que eu te quero offerecer.

— Luizinha, eu dei-te uma *saudade*, que flôr me darás tu?

A bella moça avançou por sua vez alguns passos, chegou ao arbusto que procurava, colheu um *não-me-deixes*, e apresentou-o ao mancebo dizendo: chama-se *não-me-deixes*, Millo.

O mancebo aceitou a flôr com a mais viva expressão de jubilo, aceitou-a da mão tremula de Luizinha, que sem saber porque tinha o rosto abrazado em flammas do mais santo pudor.

Logo depois deixárão ambos o jardim.

O que acabava de passar-se era um simples e duplo presente de flôres, ou, se quizerem, uma troca de flôres, mas espontanea, não calculada, não esperada, e feita com a mais pura innocencia.

Cada uma dessas flôres revelára um pensamento daquelle que a offertára.

Cada um dos dous pensamentos era differente do outro.

Um desses pensamentos, o que a *saudade* exprimia, estava dizendo:— vou separar-me de ti.

O outro, o que o *não-me-deixes* exprimia, estava dizendo:— não te separes de mim.

E ambos esses pensamentos, que erão differentes, exprimião, ou revelavão um sentimente reciproco, identico.

Mas nem Luizinha nem Millo comprehendião ainda a natureza do sentimento, que, sem querer, acabavão de revelar um ao outro.

Chegando á casa, de volta do jardim, Millo pouco antes tão abatido e triste, mostrava-se nadando na mais ardente alegria, e Luizinha, que se dirigira ao jardim tão feliz e tão contente, voltára docemente pensativa.

Porque estava Millo tão alegre? Elle não o sabia.

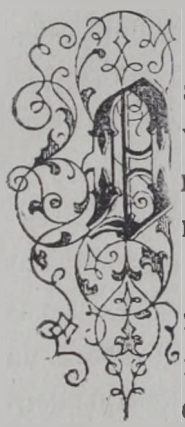
Porque estava Luizinha tão pensativa? Tambem ella não o sabia.

E' que nos corações innocentes o amor começa sendo um segredo para os mesmos que o estão já sentindo.

Segredo angelico é esse que pouco e pouco se revela, como o botão de uma flôr que vai naturalmente se desabrochando.

XII

O segredo do amor.



s moradores dos pequenos povoados são em geral muito curiosos, e igualmente muito minuciosos em suas observações. Essas qualidades, que de ordinario os levão á maledicencia, não são comtudo denunciadoras de um sentimento malefico.

Conhecendo-se todos uns aos outros, vivendo todos uma vida monotona, sem variedade, não tendo, senão raramente, assumptos serios que

venhão dar novidade ás suas conversações, encontrando-se todos os dias, e precisando ter de que fallar, procurão e colhem com avidez, muitas vezes innocente, tudo quanto lhes póde servir para dar folga as velhas e cansadas historias da terra, entretendo-se com alguma nova materia, embora pouco interessante, e ás vezes tambem um pouco arriscada.

Os moradores da nascente e pequena freguezia de Itaborahy não erão isentos desse defeito da curiosidade e das observações minuciosas.

Ora quem se deixa dominar por esse espirito de curiosidade, não poupa nem os proprios amigos.

Foi por isso que Luizinha e Millo ao chegarem á igreja matriz da freguezia, onde vinhão ouvir missa, excitárão logo as observações e as reflexões dos rapazes que estavão á porta da igreja, e das senhoras velhas e moças que dentro della já estavão, ou que forão entrando.

E o que provocava a curiosidade de tanta gente era o trazer Millo um — *não-me-deixes*

no peito, e Luizinha uma *saudade* nos cabellos.

Todos se lembravão de que Luizinha tinha por costume trazer em seus cabellos um botão de rosa, e ninguem se lembrava de que Millo houvesse um só domingo apparecido com uma flôr no peito.

Porque então trazia Luizinha nesse dia uma —*saudade*— em vez de um botão de rosa?

E porque pela primeira vez apparecia Millo com uma flôr no peito?

E demais porque trazia elle um *não-me-deixes* em vez de outra qualquer flôr?

Os curiosos e observadores forão adevinhando explicações, e formando juizos, que ião confiando uns aos outros.

— É celebre! disse um delles; é celebre acontecer isto no mesmo dia!

— Acontecer o que? perguntárão.

— A menina Luizinha ter trocado o botão de rosa pela *saudade*, e Millo trazer pela primeira vez um *não-me-deixes*.

— E que se segue d'ahi?

— Parece que se ajustárão ambos para fazer esta innovação de flôres.

— Nada de malicias: disse outro.

Estas ultimas reflexões forão ouvidas por Manoel Pereira que acabava de chegar tambem para ouvir missa, e que tratava de apurar o ouvido para não perder palavra do que se dissesse, quando a conversação foi interrompida pelo começo do sagrado sacrificio.

A discussão ficou pois adiada.

Ninguem mais se occupou da historia de flôres nem de juizos maliciosos.

As horas do mundo que zomba e murmura tinhão parado ao soar a hora do culto e de Deos.

A oração vinha purificar os labios nodoados pela murmuração.

A missa chegou ao seu termo no fim de meia hora: o vigario que a celebrára desceu do altar.

Saudárão-se todos, dando-se o *bom dia* fra-

ternal, e pensavão já em retirar-se, quando appareceu de novo o vigario, e, á sua voz, approximárão-se do altar um mancebo e uma joven acompanhados de alguns amigos.

Erão dous noivos que ião ligar-se para sempre com os laços sagrados do hymineu.

Um casamento é um acto solemne e grave para aquelles que vão transformar em uma só vida suas duas vidas, para os pais e amigos dedicados dos noivos, cuja felicidade tanto os interessa; mas é tambem um acto que apraz aos proprios indifferentes, que correm á testemunha-lo ainda que seja sòmente para ver se a noiva é ou não bonita, e para apreciar em seu rosto as suaves emoções de um amor que se exalta e que o mais sublime pejo refrêa.

Um casamento é sobre tudo um acto cheio de poesia, de encanto, e de indizivel magia para aquelles que se amão e que não sendo ainda casados, desejão sê-lo.

Assim pois não admira que todos quantos

se achavão na igreja, homens e senhoras, se approximassem tambem do altar, e fossem assistir á cerimonia.

Luizinha e Millo fizerão, como os outros, forão cercar os noivos.

Do lado da noiva ficárão todas as senhoras, do lado do noivo todos os homens, e por feliz acaso Millo defronte de Luizinha.

Millo cuja fervente alegria não tinha ainda arrefecido, foi-se tornando pouco a pouco docemente melancolico, e como que todo embebido no acto solemne que se celebrava.

Luizinha que tão pensativa ficára desde a troca das flôres no jardim, mais pensativa se tornou ainda, e respirando anciosa parecia ás vezes reprimir um suspiro.

Nem um, nem outra tinhão desviado por um só instante os olhos daquelle par sem duvida amoroso que se ligava para sempre; mas quando as mãos do noivo e da noiva se unirão, e quando, ouvido o sagrado juramento, o sacerdote abençoou nesse enlace de duas mãos o

enlace de duas vidas, Luizinha e Millo involuntariamente levantárão um pouco as cabeças, olhárão-se, encontrárão-se a olhar-se, corárão ambos, ambos suspirárão, e ambos curvárão de novo as cabeças, confundidos e vergonhosos.

As ceremonias daquelle acto sagrado e cheio do mais puro sentimento acabavão de ensinar á Luizinha e Millo que havia um amor que, sendo abençoado por Deos, podia unir um homem e uma mulher em laço mais estreito do que os laços que unem os pais e os filhos, e que ligão os irmãos entre si; que a benção de um ministro de Deos podia santificar a alliança de dous corações amantes, e perpetuar sua união.

Comprehendendo tão bella e tão animadora lição, Millo e Luizinha lembrárão-se de que poderião ser bem felizes, e não se separarem nunca durante a vida, se um dia chegassem a ligar-se com os mesmos laços. Olhárão-se então, e nesse rapido olhar Millo leu nos

olhos de Luizinha, e Luizinha leu nos olhos de Millo o mesmo pensamento e o mesmo desejo.

Foi por isso que corárão e que ficárão ambos confundidos e vergonhosos.

Tinhão um e outra conhecido o segredo de seus corações, e reconhecêrão então a natureza de sentimentos que determinára a sua troca de flôres poucas horas antes.

Luizinha e Millo sabião emfim que se amavão.

Quem lhes tinha dito o que era que elles sentião; mas ignoravão, embora o sentissem?

O anjo das flôres já lhes havia procurado revelar no jardim o bello segredo; mas em sua innocencia elles não tinhão comprehendido o anjo.

Deos acabava de esclarecer suas almas com um raio daquella pyra de hymineu que elle santificára com a benção do seu ministro.

A voz de Deos não podia deixar de ser

ouvida, e o puro amor que assim se revelava devia ter por si a protecção do Céo.

Luizinha e Millo sahirão pois da igreja, sabendo que se amavão.

Mas como se tivessem delinquido, commettendo um grave peccado, os dous jovens amantes voltárão para o sitio silenciosos, não se atrevendo a olhar-se, suspirando ás vezes e estremecendo ao suspirar, confusos, temerosos, abstractos, e nesse estado da alma em que a melancolia é um encanto que prende, enleva e felicita.

XIII

Morte de Meduza.

MANOEL Pereira voltou da freguezia triste e preoccupado: tinha ouvido a reflexão maliciosa sobre a *saudade* de Luizinha e o — *não-me-deixes* de Millo; tinha observado no acto do casamento o encontro eloquente dos olhos dos dous jovens; tinha apreciado a suave melancolia e doce confusão que de ambos se apoderárão logo depois, e suspeitando em tudo isso a manifestação de um amor que ameaçava os

seus calculos de futuro, levára no coração a cólera e o impeto dos máos instinctos.

Pouco lhe importava o amor de Luizinha; mas a riqueza do padre Martin era tudo para elle.

O plano que desde alguns dias havia traçado mostrou-se então ao seu espirito, como um recurso extremo, que com o mais prompto e ardente empenho devia ser posto em acção: esse plano consistia simplesmente em ganhar pela adulação a estima do padre, e em perder ou ao menos comprometter, ainda mesmo por meio do aleive e da intriga, aquelle que lhe *fazia sombra* na casa, merecendo a mais viva affeição de Luizinha.

Chegando ao sitio do padre Martin, Manoel Pereira reconheceu-se tão despeitado que receiou atraiçoar-se, não podendo encobrir os sentimentos que o agitavão: determinou pois fugir de todos os olhos, e pretextando uma caçada, tomou uma espingarda e sahio.

A espingarda fôra o primeiro e unico pre-

sente que até então Manoel Pereira recebêra de seu tio; e ainda assim fôra um presente condicional e calculado pela avareza do padre.

Um dia Manoel Pereira, que achára a espingarda em esquecido descanço a um canto da sala, pedio licença ao tio para limpa-la, e ir caçar com ella: o padre acquiesceu ao pedido de máo humor; vendo porém no fim de algumas horas voltar o sobrinho com uma caçada, que bem podia alimentar a familia durante dous dias, e isso com uma insignificante despeza que custavão a polvora e chumbo, applaudio a habilidade de Manoel Pereira, bateu palmas de gosto, e disse-lhe:

—Rapaz, visto que sabes caçar, a espingarda é tua, emquanto morares comigo.

E quando via passar muitos dias sem caçada, perguntava ao sobrinho:

—Já não caças, Manoel? olha, que é preciso não trabalhar incessantemente: a distracção faz bem á saude.

Manoel Pereira tinha pois ampla liberdade

para ir á caça todas as vezes que isso lhe approuvesse.

A espingarda era de Manoel Pereira, embora condicionalmente.

E fôra o padre Martin que lhe dera a arma mortifera.

E era o padre Martin quem comprava a polvora e o chumbo.

Manoel Pereira internou-se no bosque vizinho, levando marcha apressada e pouco propria de um caçador: ás vezes e instinctivamente sua mão afagava o feixe da espingarda, como se alli estivesse para elle encerrada uma esperança; então um rir sinistro desfiguravalhe os labios.

Manoel Pereira, que tinha o costume de fallar em voz alta a si proprio, quando estava só, guardava nesse dia teimoso silencio.

Calculava com raiva a riqueza que por morte do padre Martin deveria passar á Luizinha, e arrancava do peito surdos gemidos.

Era então uma féra que gemia.

Dominado pela ira esquecia os cuidados e as precauções da caça; mas em compensação elle, que nas outras caçadas poupava os tiros para emprega-los sòmente nos corpulentos macucos, nas bellas trocazes, nas arapongas, e nos jacús, nesse dia de furor e raiva ia matando os mais pequenos passarinhos.

O padre Martin ouvia de casa os echos dos tiros amiudados, e esfregando as mãos de contente, repetia a miudo:

— Que excellente caçada nos traz hoje o Manoel!

Luizinha e Millo que estavão sentados diante do padre, parecião absortos e não pensar na caçada.

— Que tem vocês hoje que não me dizem nem me respondem palavra? perguntou emfim o padre.

Millo estremeceu como se tivesse acordado de repente e no meio de um sonho.

Luizinha mais habil, por isso mesmo que era mulher, e mais animosa pela confiança

que depositava no amor do padrinho, respoudeu sem hesitar :

— Eu estava pensando nas flôres do meu ardim.

— Ora esta ! quando eu fallava na excellente caçada que está fazendo o Manoel !

— Não gosto de caçadas, meu padrinho.

— Mas porque ?

— Ora ... porque nas caçadas oprazer consiste em matar...

— Isso é puerilidade...ia dizendo o padre

E parou ouvindo novo tiro.

— Mais um ! exclamou.

E immediatamente ouvio-se tambem o latido doloroso e pungente de um cão.

Relampago, que estava deitado no terreiro, deu um salto, e lançou-se para o bosque vizinho em desesperada carreira.

— Que será isto ? disse o padre levantando-se.

Sahirão todos tres para o terreiro, e no fim

de muito breves minutos chegou a seus ouvidos um grito horrivel.

— É a voz de Manoel ! exclamou o padre.

— Sem duvida corre algum perigo : cumpre ir socorre-lo, disse Millo.

— Millo ! tu és bom ; tornou o padre, lembrando-se da noite antecedente.

E o padre, Millo, e um escravo dirigirão-se apressadamente para o bosque.

O latir furioso de Relampago ensinava o caminho que devia ser seguido.

Em breve Millo e o padre Martin encontrárão Manoel Pereira, e testemunhárão uma triste scena.

Manoel Pereira estava trepado em uma arvore, e em uma de suas pernas a calça mostrava-se manchada de sangue.

Em baixo da arvore via-se no chão a espingarda.

Relampago latia com furor, mostrando seus dentes ameaçadores a Manoel Pereira, e só interrompia essa ameaça para correr e uivar

junto de Meduza, que a poucos passos jazia sem vida.

O caso passára-se do seguinte modo.

Os tiros repetidos do caçador tinhão attrahido Meduza ao bosque e Manoel Pereira, vendo-a e conhecendo-a, lembrou-se de que a pobre Meduza era agradecida á Luizinha e Millo, e aborrecida pelo padre Martin, que não lhe perdoava os restos do jantar que se guardava para ella.

A morte de Meduza devia portanto ser motivo de desgosto para Luizinha e Millo, e de consolação para o padre avarento.

Manoel Pereira não pensou mais: sem dó nem piedade desfechou um tiro sobre Meduza, que soltou um latido, e morreu.

Mas Relampago ouvio o latido de morte soltado pela mãi e voou furioso em seu soccorro: chegou tarde para salva-la; mas logo vingativo lançou-se sobre o assassino, que para escapar ao desespero do amoroso cão, largou a espingarda que não tivera tempo de

carregar, e subio á uma arvore, desprendendo um grito de dôr; porque Relampago conseguira de um salto cravar-lhe os dentes em uma perna.

Duas lagrimas corrêrão dos olhos de Millo ao ver Meduza estendida e morta.

Relampago latia desesperado, olhando ás vezes para Millo, como á pedir vingança.

— Socega este cão, disse o padre Martin a Millo.

O mancebo nem se quer olhou para Manoel Pereira: chamou Relampago, segurou-o pelo pescoço, e retirou-se, levando-o quasi á força.

Quando o padre Martin, e Manoel Pereira chegârão á casa, Luizinha já sabia tudo, e chorava.

Manoel Pereira vinha coxeando pela ferida que recebêra na perna.

Millo teve de intervir de novo para conter a raiva de Relampago.

— Luizinha, disse o padre; eis ahi o que fez o teu Relampago.... vê como está ferido o pobre Manoel!

— Relampago era filho de Meduza; disse Luizinha, estancando o pranto.

— E ainda o defendes?

— Meu padrinho, respondeu a joven com voz pausada, mas repassada de dôr; meu padrinho, ouça-me bem: aquelle que assim matou a pobre Meduza, é bem capaz de matar um homem.

— Menina!

— Esconda ou quebre essa espingarda, meu padrinho; porque esse homem que matou Meduza, é capaz de matar a qualquer de nós!

E sahio logo da sala.

Manoel Pereira tratava de curar a ferida que recebêra.

O padre Martin chegou-se a elle e disse-lhe em voz baixa:

— Manoel, não foi um grande mal o teres morto Meduza; mas toma cuidado agora: não toques em um só pello de Relampago.

XIV

João-Maneta e sua sobrinha.

A CHEGADA de Manoel á casa de seu tio o padre Martin causára á principio vivas apprehensões á João-Maneta e por consequencia tambem á sua sobrinha.

Se um e outra se arreceiárão do possivel casamento de Millo e Luizinha, temendo que elle viesse a pôr termo á sociedade da usura, de que João-Maneta recolhia

tantos lucros, pela mesma razão e talvez com dobrado fundamento Manoel inspirou receios de igual natureza.

João-Maneta quasi que se arrependeu da intriga que urdira contra o pobre Millo; mas pondo-se em cuidadosa observação, começou dentro em pouco a serenar, e no fim de breves semanas chegou a applaudir-se da vinda de Manoel.

Em breve tinha chegado ao seu conhecimento o antagonismo que existia na casa do padre Martin entre Millo e Luizinha de um lado, e Manoel do outro, e pesando bem o poder que exercia a menina no coração do padre, comprehendeu que o sobrinho recem-chegado das ilhas precisaria de auxiliares para lutar com vantagem.

João-Maneta ainda antes de ter encontrado Manoel e com elle fallado, já lhe apreciava devidamente o caracter pelas informações circumstanciadas que cautelosamente conseguira obter: estava pois certo que o sobrinho do padre

Martin era um homem ambicioso e capaz de tudo para enriquecer.

Sobre todos estes dados formou pois o velho usurario o seu plano de campanha.

João-Maneta visava um unico fim:— o não ser privado de negociar com o dinheiro do padre Martin.

E nem podia levar além o seu empenho, porque o padre, tão habil cemo elle, armava-se sempre na sociedade com tantas seguranças, que não deixava nunca meio de ser enganado.

Tendo portanto em mira aquelle unico fim, João-Maneta calculou perfeitamente o seguinte:

Que Manoel, sobrinho legitimo do padre Martin, podia vir a ser o seu unico herdeiro, dadas certas eventualidades.

Que Manoel fortemente contrariado na casa do tio pela influencia de Luizinha teria necessidade de um auxiliar para realização de seus projectos ambiciosos:

Que o melhor auxiliar que Manoel poderia procurar e encontrar era elle João-Maneta:

Que finalmente Manoel viria em breve á sua casa, opportunamente lhe fallaria nos seus negocios e em suas pretenções e que o resto ficaria por sua conta.

João-Maneta calculou tudo isto tão só comsigo, que sua propria sobrinha não lhe adivinhára a obra da observação e do raciocinio perverso, até que um dia, era um domingo, ao cahir da tarde, achando-se sentado defronte della, disse-lhe, arranjando um feio sorriso :

— Fabricia, pela cara que de certo tempo a esta parte me mostras, vou percebendo que te chegou o desejo de tomar estado !

Fabricia arregalou os olhos, benzeu-se e respondeu :

— Santo breve !

— Anda lá : bem conheces que não me engano.

— Tio João, que lembrança é essa?

— Uma boa lembrança, Fabricia : estou velho ; mais dia menos dia vou-me deste para

o outro mundo, e não queres ficar ao desamparo: digo-te que tens razão.

— Mas eu nunca pensei em semelhante cousa.

— Pensaste, pensaste, e pensas; e eu sou um tio tão extremoso, que não só adivinho os teus desejos, como chego a occupar-me de leva-los a effeito.

— Como é isso, tio João?

— É uma cousa que me entrou na cabeça.

— Vossa mercê está fallando serio?

— Se eu viver mais alguns annos, ficarás, por minha morte, herdeira de uma pequena fortuna, mas nem por isso se segue que te devas casar com algum pobretão: e teu marido ha de ser um rapagão de encher o olho, e um pouco mais rico do que nós: que dizes a estes projectos?

A joven quinquaginaria respondeu com um suspiro que não poude abafar.

— Que dizes a isto, Fabricia? Falla: achas má a minha idéa?

Fabricia estava admirada e suspeitosa; porque nunca tinha ouvido o tio, dirigindo-lhe a palavra em tom semelhante.

— Tio João, disse ella; duvido que vossa mercê descubra o tal mocetão.

— Já o achei.

— Quem é?

— O sobrinho do padre Martin.

— O Manoel?

— Elle mesmo.

— O que veio das ilhas?

— Sem duvida.

— Elle nunca me vio.

— Mas ha de ver-te.

— E gostará de mim?

— Que importa isso?

— Ah tio João!

— Asseguro que tu gostas delle, e é o que basta?

— Eu gosto delle?

— Gostas: porque não? É o sobrinho e será o herdeiro do padre Martin.

— E a menina Luizinha?

— Far-lhe-hemos as contas.

— O Manoel já fallou á vossa mercê?

— Nunca.

— Alguem lhe disse alguma cousa a respeito dessa idéa de casamento?

— Não.

— Então foi o senhor padre Martin?

— Menos.

— Tio João, vossa mercê está zombando commigo.

— Es uma tola: porque o Manoel ainda não me fallou, não se segue que elle não me venha fallar.

— Ah! é uma esperança....

— E uma certeza: o Manoel precisa de mim, e ha de vir procurar-me.

— E em tal caso....

— Eu lhe darei os meios de herdar a fortuna do padre com a condição de que essa fortuna seja por nós partilhada.

— E elle estará pela condição?

— Que remedio !

— E se não gostar de mim ?

— Ha de fingir que gosta: a questão não é a tua pessoa, é o dinheiro do padre.

— Mas depois que vida me dará elle ?

— Fabricia, nunca ha espinhos em um leito de ouro.

Fabricia curvou a cabeça como profundamente convencida da sublime verdade que ouvira, sòmente porém na realidade agradavelmente impressionada pela idéa e pela esperança daquelle casamento, embora ainda problematico; porque emfim a sobrinha de João-Maneta no segredo da sua consciencia reconhecia que não estava mais na idade das noivas, o que era uma razão para mais ardentemente desejar casar-se, sem lhe importar a escolha do marido e o cuidado do futuro.

Mas esse principio immoral enunciado por João-Maneta « *nunca ha espinhos em um leito de ouro* » por ser falsissimo, e inspirado pela corrupção, nem por isso é menos observado

ainda no seculo actual, como o era no passado, e na nossa sociedade como o fôra na outra.

Cada um de nós volvendo os olhos em torno da sociedade em que vive, encontrará sacrificadas á esse principio infernal algumas victimas que devorão silenciosas uma existencia tormentosa, ou que escandalisão as familias com o quadro repugnante de lutas, cujo desar passa além das paredes do lar domestico.

Aqui são pobres senhoras dadas pelos pais aos cofres opulentos de maridos que não podem ser amados: alli são miseraveis mancebos que se casão com os ricos dotes de noivas, a quem não amavão, e de quem se transformão em verdugos. Em todo o caso a mulher é a victima, ou porque o homem se venda ao seu ouro, ou porque o homem a compre com seu ouro nesses casamentos immoraes determinados e forjados pelo falso e malefico principio: « *nunca ha espinhos em um leito de ouro.*»

Mas o que agiganta este mal, o que torna ainda mais perigosa esta lição corruptora é que as exigencias da vaidade e do luxo a

tem feito adoptar por pais verdadeiramente extremosos, e, o que é mais, por aquellas mesmas que, adoptando-a, se expõé a uma vida inteira de afflicções e de amarguras.

Quando pois em tão grande escala se vêm na nossa época celebrarem-se casamentos sobre uma base exclusiva de interesse material, não admira qué tão facilmente concebesse João-Maneta o projecto de casar sua sobrinha com um homem que ella não conhecia e que a não conhecia; porque emfim João-Maneta vivia no tempo em que ás vezes os noivos vião-se pela primeira vez, quando entregavão um e outro suas mãos ao padre que devia abençoar sua união.

Por isto e porque a idéa do casamento lhe era muito agradavel, Fabricia, que havia abaixado a cabeça, levantou-a alguns momentos depois, e olhando o tio, perguntou:

— Tio João, vossa mercê diz que o Manoel ha de vir procurar-nos?

— Digo, sim.

— Então está resolvido a não dar o primeiro passo para elle?

— Certamente.

— E porque?

— Porque é elle que precisa de mim, já o disse uma vez.

A improvisada noiva sobresaltou-se um pouco: era natural; na sua idade Fabricia devia ter pressa.

— Mas se elle não vier?

— Ha de vir, e cêdo.

— Quando?

— Já me tarda muito; ha de vir qualquer destes dias, amanhã, ou depois, talvez hoje mesmo.

Nesse momento batêrão á porta.

João foi observar quem era, olhando pela janella, e immediatamente retirou a cabeça, e disse, rindo-se para Fabricia:

— Eu não te disse?... é elle.

— Elle.... quem?

— O Manoel.

XV

Dous velhacos e uma noiva.

João-Maneta calculára tudo com exactissima precisão.

Manoel tinha vindo procura-lo e pedir-lhe a sua amizade, ao que elle respondeu como convinha, pois que tratava com o sobrinho do seu amigo, o padre Martin.

Pouco a pouco estreitárão-se as relações entre Manoel e João-Maneta, que habilmente esperou ser consultado sobre os negocios da casa do padre.

Fabricia, nas curtas e calculadas ausencias de seu tio, recebia Manoel, e provocava-o a fallar sobre Luizinha e Millo, acendendo-lhe o odio contra ambos, e procurando recommendar-se, e tornar-se interessante ao mancebo.

João-Maneta auxiliava a sobrinha, fingindo-se obediente á sua influencia, diante de Manoel.

Este systema produzio os seus effeitos.

Manoel começou a fazer suas confidencias á Fabricia, e a pedir-lhe a sua protecção para mover João-Maneta á influir no espirito do padre Martin a seu favor e contra Luizinha.

João-Maneta declarava a Manoel não poder e não querer envolver-se nesses negocios de familia.

Fabricia cada dia se tornava mais carinhosa para Manoel, e tanto que acabou por não deixar-lhe a menor duvida sobre a natureza dos sentimentos que elle lhe inspirava.

Manoel a principio recuou ante a idéa

daquella paixão de mulher velha; mas dobrando-se em breve á lei da necessidade, acabou por fingir-se amavel, e até apaixonado.

Não comprehendendo ainda que lhe estavão armando um laço, Manoel, ao ver que Fabricia não se contentava com os mais ardentes protestos de amor em palavra, violentou-se um dia, e procurou abraçar a sobrinha de João-Maneta; ella porém o repellio offendida e revoltada, bradou contra o insulto, que recebêra, e ameaçou Manoel com a cólera do tio.

O pobre rapaz desculpou-se com a flamma irresistivel da sua paixão; mas Fabricia declarou-lhe que só podia ser abraçada por seu marido.

Manoel não teve animo de responder, e nesse dia, faltando-lhe o patrocinio de Fabricia, não conseguio de João-Maneta a mais leve esperança.

Manoel retirou-se afflictissimo; no fundo

do coração detestava Fabricia desde o primeiro dia em que lhe pareceu que ella lhe impunha o seu amor; a ambição da riqueza porém o dominava sobre tudo: elle precisava de João-Maneta, o socio de seu tio, e João-Maneta só dobrava-se á vontade de Fabricia.

Fabricia era portanto a sua unica esperança.

Quantos homens, ainda mesmo na flôr da idade, não vão á igreja de dia, com a cabeça erguida, com o sorriso nos labios, dar a mão de esposo a mulheres velhas e feias, que só se recommendão pela riqueza que devem levar á seus maridos?

Manoel tinha vindo da sua ilha para o Brasil com a idéa exclusiva de ser o herdeiro do padre Martin.

Na casa do padre Luizinha e Millo contrariavão terrivelmente os seus projectos, e João-Maneta era o unico homem que podia ajuda-lo a realizar o empenho da sua ambição.

Com João-Maneta Manoel nada podia sem o concurso de Fabricia.

Que fazer?

A situação era embaraçosa; mas o rude Manoel concebeu uma idéa, como outro qualquer nas suas circumstancias e como com o seu caracter qualquer outro conceberia igual; resolveu-se a prometter casamento á Fabricia, e não cumprir a sua promessa, senão em caso desesperado.

Fabricia era o menos; João-Maneta era o mais.

Manoel reconhecêra em João-Maneta um grande velhaco, e suppôz ainda assim poder engana-lo.

Erão dous velhacos em frente um do outro: um com a presumpção propria da mocidade, o outro com a malicia, e a mestrança de longos annos de experiencia.

O tempo que Manoel gastára em reflectir, João-Maneta levára a rir, e a dizer á sobrinha:

— Elle ha de vir, ha de vir.

E Manoel foi, embora com a disposição formada de enganar.

Tres dias depois daquelle em que o abraço repellido motivára o simulado resentimento de Fabricia, Manoel apresentou-se na casa de João-Maneta, e fez as pazes com Fabricia, jurando-lhe que seria opportunamente seu marido.

João-Maneta, que estava fóra, chegou á proposito e encontrou Manoel aos pés de sua sobrinha: seguio-se logo uma scena de ameaças e de protestos de um e de lagrimas da outra, terminando tudo por explicações que satisfizerão o velho tio irritado.

Mas de subito João-Maneta, que parecêra socegado, encolerisou-se de novo e bradou:

— Casar com Fabricia! eu não dou minha sobrinha em casamento, senão a um homem, que tenha de seu pelo menos tanto, quanto ella deve ter por minha morte, e o senhor Manoel é um pobretão, que nem possue dez palmos de terra onde se deite!

Fabricia abraçou-se chorando com o tio, e Manoel, aproveitando o ensejo, respondeu:

— Com os diabos, senhor João; eu sou deveras um pobretão; mas que monta? dentro em pouco serei rico, se o senhor quizer ser por mim.

— Essa é boa! estou vendo que tambem deseja que eu lhe dê o meu dinheiro para negociar.

— No inferno esteja a minha alma se eu pensei nessa negociada, senhor João.

— Então que queria dizer?

— Quero dizer que sou sobrinho de meu tio o reverendo senhor padre Martin, que tem dinheiro á bruta, e que eu posso e devo ser o seu legitimo herdeiro.

— Mas seu tio é padrinho ou mais alguma cousa da menina Luizinha e portanto....

— Pois é ahi que está o enredo do negocio, em que o senhor João bem me poderá valer; porque se herdasse os mil cruzados do padre, ficava tão rico como a senhora Fabricia ou mais ainda.

— E apanhando-se rico, mandava a senhora Fabricia procurar marido.

— Veja lá, senhor João, que eu não tenho alma de Judas.

— Mas eu declaro que não quero envolver-me nas questões de familia do senhor padre Martin.

Fabricia comprehendeu que era chegada a occasião de intervir, e desfez-se em rogos, exclamações e lagrimas: Manoel fez côro com ella, e no fim de uma hora de calculada resistencia João-Maneta abrandou-se, e fingio que começava á reflectir sobre o caso.

João-Maneta sabia perfeitamente tudo quanto se passava na casa do padre Martin; mas, simulando ignorancia, interrogou Manoel á respeito das relações de Millo e Luizinha, e da sua posição na casa do tio, e ouvio pacientemente o que o ambicioso mancebo lhe quiz referir.

Emfim o velho usurario pronunciou o seu juizo, ou antes regulou o plano de ataque.

— A empreza é difficil e arriscada ; mas não impossivel de se levar ao cabo : precisamos antes de tudo de duas cousas , uma que ficará por minha conta e a outra por conta do senhor Manoel.

Manoel estendeu o pescoço e prestou a mais cuidadosa attenção.

— É indispensavel , continuou João-Maneta, pôr Millo fóra da casa do padre Martin ; isso pertence ao senhor Manoel : e convem quanto antes saber , se o padre Martin tem ou não tem testamento feito : isso fica ao meu cuidado.

— Mas com os diabos ! como hei de eu deitar o Millo fóra da casa do tio padre ? Desejo de o fazer tenho eu ; mas que monta, se a senhora Luizinha governa a casa e anda de namoricos com o malandro?

— Senhor Manoel , ou seu tio padre approva ou não approva esses namoricos : se os approva , não faremos cousa alguma ; mas se os não approva , é exactamente por causa

dos taes namoricos que o senhor porá o Millo na rua.

— E se ainda fóra de casa o tal velhaco continuar a fazer das suas?

— Pois não ha capitão-mór na terra? Ha, senhor Manoel, e o Millo me parece nascido para ser um bom soldado.... e então agora que o senhor vice-rei precisa de gente para o sul.

— Com os diabos! exclamou Manoel; o senhor João é um sabio! creio que deste modo arranja-se tudo direito como um fuzo.

— Sim; mas depois será necessario fazer mais alguma cousa; tornou João-Maneta com um sorrir diabolico.

— E que mais?

— Até aqui tratei sómente dos seus negocios; agora devo occupar-me dos interesses de minha boa sobrinha.

Manoel não soube o devia dizer.

João-Maneta continuou:

— Em todos os negocios devem haver seguranças... que diz?

— Não entendo: respondeu Manoel.

— O Sr. Manoel é um homem muito de bem e de palavra...

— Isso dizião todos á minha mãi lá no Fayal: o que eu digo, digo.

— Mas ninguem sabe quando o diabo entra no corpo de um homem e lhe vira a cabeça: ora póde acontecer que mais dia menos dia e na peior occasião possivel o diabo entre no corpo do Sr. Manoel e lhe vire a cabeça.

— Não entendo: repetio Manoel meio desconfiado.

— A cousa é simples: o Sr. Manoel promette casar com Fabricia, se arranjarmos a herança do padre?

— Com o demo! eu já disse.

— E se quando estiver segura a herança, virar a cabeça?

— Não viro.

— Sendo assim, que mal fazem certas seguranças?

— Eu asseguro tudo quanto quizer...

— As palavras vôão..... alguns papeis-zinhos assignados não fazem mal nenhum.

— E que papeis?

— Umas innocentes clarezas de dividas de algumas dezenas de mil cruzados.... por exemplo... todas ellas importando em uns sessenta mil cruzados....

— Santo breve!

— É muito menos da metade da fortuna do Sr. padre Martin....

— Mas eu...

— Se não herdar a fortuna de seu tio, não terei d'onde lhe tirar um vintem, e as clarezas valeráõ tanto como cousa nenhuma: se herdar: ou casa com Fabricia e tudo fica no mesmo cofre, ou não casa, e paga com o dinheiro a falta de palavra.

Manoel reconheceu que não era mais velhaco do que João-Maneta.

— Olhe, continuou este: faremos todo este negocio muito em segredo: está visto que, para maior segurança, os nossos papeis hão de ser assignados por testemunhas; mas eu posso responder pela discrição das pessoas que chamarei para darem, com as suas assignaturas, testemunho de que me virão entregar-lhe o dinheiro de que rezarem as clarezas.

— Mas o Sr. João quer dar-me dinheiro? perguntou Manoel tolamente.

— Eu? de certo que não.

— Então....

— É um arranjo innocente.... eu lhe mostrarei, como isso se faz.

Manoel poz-se a coçar a cabeça.

João-Maneta acabava de pô-lo na maior difficuldade.

De repente o mancebo ambicioso olhou para o velho usurario com um movimento de decisão, e disse:

— Com os diabos! está tratado.

João-Maneta apertou a mão de Manoel.

Fabricia abraçou seu tio.

E Manoel retirou-se pouco depois pensando nos meios de enganar João-Maneta.

E João-Maneta ficou tão desconfiado de Manoel, como estava d'antes.

XVI

Manoel em campo.

Manoel começou logo no dia seguinte a trabalhar no desempenho da tarefa de que o encarregára João-Maneta.

Ao levantar-se da mesa do jantar, achando-se a sós com o padre Martin, disse-lhe bruscamente:

— Oh tio padre, parece-me que o Sr. Millo está se adiantando muito com a Sra. Luizinha!

— Bruto! exclamou o padre com os olhos em fogo.

— Mas que monta... ia dizendo Manoel.

O padre o interrompeu, e com os dentes cerrados disse-lhe:

— Se ousares pronunciar uma só palavra offensiva á Luizinha, lançar-te-hei fóra de minha casa.

E voltou-lhe as costas.

Manoel abaixou a cabeça e foi trabalhar.

Em sua grande rudeza elle tinha encetado mal a intriga contra o pobre Millo; mas ainda assim deixára no espirito do padre o germen de uma suspeita que devia produzir seus fructos.

Apezar seu, o padre não se poude dominar: tinha em Luizinha aquella cega confiança que nasce do amor paternal mais extremoso; mas ainda assim principiou a observar os dous jovens amantes.

Luizinha e Millo amavão-se com todo ardor e com toda pureza da innocencia: sua paixão transpirava de seus olhos que trocavão flammas, brilhava no rubor do

pejo que se acendia nas faces de Luizinha, fallava nos suspiros que rompião dos seios de ambos; mas á fóra esses signaes traiçoeiros dos segredos do coração, o seu amor não tinha ainda passado além de algumas palavras ternas e de eloquentes trocas de flôres.

Mas a flamma dos olhos, o rubor do pejo e os suspiros mal contidos de Luizinha e Millo não escapárão mais ao padre Martin que sobresaltou-se com o que observava.

O padre tornou-se triste e meditabundo. Que lhe cumpria fazer? Despedir Millo de sua casa? Mas que causa daria para faze-lo? Como vencer a opposição de Luizinha sem envergonha-la?..

O padre Martin tão severo e agreste para com todos, tão grosseiro mesmo em seu fallar e em seus modos, tinha para Luizinha todas as delicadezas proprias de um santo amor.

O pobre velho atormentava-se com a idéa das lagrimas que faria derramar a Luizinha, e não sabia resolver-se a tomar providencia alguma.

A's vezes maldizia da condescendencia que o fizera introduzir no seio de sua familia o menino, que se tornára tão caro á Luizinha: ás vezes arrependia-se de ter mandado vir do Fayal o abelhudo sobrinho.

Assim corrêrão alguns dias.

Manoel conheceu bem depressa que as suas venenosas palavras não tinhão sido perdidas; mas não tendo bastante paciencia para esperar da acção do tempo o resultado das suspeitas que lançára no animo do tio, determinou adiantar a sua obra.

Tinha elle reparado que Luizinha e Millo nas manhãs dos domingos costumavão antes de partir para a freguezia, onde ouvião missa, encontrar-se no pequeno jardim para colher flôres.

D'antes era sómente Millo que se incumbia desse suave trabalho, e Luizinha esperava á porta da casa que elle lhe viesse trazer as suas flôres; desde porém que se fizera aquella troca, ou aquelle duplo presente da *saudade*

e do *não-me-deixes*, os dous jovens namorados modificárão o antigo costume, e de accordo encontravão-se no jardim.

O que lá se passava entre Luizinha e Millo podia passar-se aos olhos de todos sem vexame para elles : amavão-se no meio das flôres como á vista do padre Martin, olhando-se corando e suspirando e se em alguma breve phrase escapava a subtil expressão do mais nobre e puro sentimento, aquelle que pronunciava, recebia o seu castigo, vendo fugir confundida aquella que a escutava.

Entretanto Manoel não comprehendendo que se podesse amar assim, acreditava que Luizinha e Millo devião aproveitar os seus encontros no jardim para trocar protestações de um amor grosseiro, e talvez abraços, e afagos, como elle certamente o faria.

Pensando assim, Manoel na manhã de um domingo quando os dous jovens forão encontrar-se no jardim, instou com o tio para acompanha-lo, pretextando ter de mostrar-lhe alguma cousa curiosa no pomar.

Seguido do padre encaminhou-se Manoel por entre as arvores na direcção do jardim, contando apanhar desapercebidos os dous jovens, e já proximo estava do lugar á que se dirigia, quando o vigilante Relampago, que nunca se apartava de Luizinha, presentindo a approximação do inimigo, soltou um latido, e avançou contra elle.

Millo e Luizinha correrão a ver o que provocára a furia de Relampago, achárão-se diante do padre Martin e de Manoel, e logo depois voltárão todos juntos para casa.

Aproveitando um momento opportuno, Manoel murmurou aos ouvidos do padre:

— Diabo leve o Relampago que não me deixou mostrar ao tio padre o que eu queria; mas que monta? o que não fiz hoje, farei outro dia.

O padre Martin franzio as sobrancelhas e disse baixinho:

— Miseravel! se outra vez espiares Luizinha, serás um homem perdido!

— Mas... tio padre ...

— És um infame ... queres perde-la no meu conceito ... e eu sei porque ... tens fome do meu dinheiro ... calculas com uma herança ... és vil !

Manoel esforçou-se por chorar, e não o conseguindo, retirou-se, jurando que Luizinha era um anjo, e que o demonio era sómente Millo.

O padre Martin ficou durante toda manhã profundamente triste. A' mesa do jantar preparou elle proprio um prato farto, e chamando Relampago para junto de sua cadeira, deu-lhe pela primeira vez a sua ração.

Luizinha e Millo olhárão para o padre Martin admirados.

— Luizinha, disse o padre com a maior gravidade : Relampago é um amigo seguro, e como tal deve ser tratado : Relampago é bom, é melhor do que muitos homens; talvez que nos preste ainda grandes serviços : cuida de Relampago, Luizinha : é um cão que não

dorme, e que ha de ser sempre fatal aos nossos inimigos.

Depois voltando-se para Manoel disse-lhe :

— Eu sei que não gostas de Relampago : elle te mordeu uma vez, porque tu lhe mataste a mãi : Relampago teve razão de morder-te, e tem razão de odiar-te : Manoel, pede ao céo que Relampago não te agarre outra vez !

Manoel não menos admirado do que Luizinha e Millo, olhou para o tio sem saber o que lhe diria em resposta.

O padre Martin levantou-se da mesa pensativo e triste.

A scena que se passára perto do jardim na manhã desse dia, lhe causára profunda impressão : o padre chegára a conceber sérias suspeitas do perigo que ameaçava Luizinha, se continuassem as suas intimas relações com o seu camarada da infancia. Do fundo do coração agradecia a vigilancia de Relampago o te-lo poupado ao grande desgosto de ver Luizinha confundida diante de Manoel ; mas

comprehendeu tambem que a presença de Millo em sua casa tornara-se absolutamente intoleravel.

Chegada a noite, o padre Martin recolheu-se mais cedo do que costumava ; quando porém horas depois sentio que todos dormião, levantou-se do leito e pé por pé, como receioso do mais leve ruido, dirigio-se ao quarto de Millo.

O mancebo dormia profundamente ; o padre despertou-o com cuidado.

— Quem é? perguntou Millo, sentando-se na cama.

— Sou eu, Millo : tenho necessidade de fallar-te em segredo : vem ao terreiro ; não faças bulha.

O padre sahio e pouco depois Millo foi encontrar-se com elle.

XVII

Relampago — Sentinella.

A RESOLUÇÃO tomada pelo padre Martin era o resultado de um calculo maduramente reflectido.

O amor de Luizinha e Millo ameaçava o avarento com o infortunio mais lamentavel e cruel para elle.

Esse amor deveria ter por consequencia natural o casamento dos jovens amantes, e Millo tinha o peior de todos os defeitos na opinião do padre Martin : era pobre.

Como impedir semelhante desgraça?

O padre, conhecendo que não triumpharia da vontade forte de Luizinha, á quem habituára á ver-se em tudo e sempre obedecida, e não se achando com animo e força para sustentar contra ella uma luta porfiada, appellou para a astucia e para a violencia empregada por outrem.

Com a astucia devia explorar a generosidade do pobre Millo, e conseguir delle que sahisse da sua casa.

O caracter de Millo prestava-se perfeitamente ao plano do padre Martin: o pobre mancebo não hesitaria em retirar-se da casa do seu protector, e em tomar com nobreza toda responsabilidade desse acto.

Luizinha não teria motivo bem fundado para queixar-se de seu padrinho, que, pela sua parte, se preparava para queixar-se da ingratidão daquelle que de subito os deixava.

Mas a retirada de Millo não era tudo: ausente, porém habitando nas vizinhanças ou na

mesma parochia, e ainda mesmo ausente, mas podendo voltar em um prazo dado ou imaginado como provavel pela joven amante, continuava Millo a ser um mancebo perigoso para o futuro de Luizinha.

Preciso se tornava que a distancia e a causa que separassem os dous namorados, fossem uma tão grande e a outra tão forte e desanimadora, que tirassem á Luizinha toda esperança.

A astucia inventára o meio de separar Millo de Luizinha: a maldade lembrou-se do mais seguro meio para dar enormes proporções á distancia da separação e para tornar muito duvidosa a esperança da volta.

A astucia devia explorar a propria virtude da victima.

A maldade calculára com a violencia da autoridade e com um flagello social.

Rebentára a guerra no sul do Brasil entre os Portuguezes e Hespanhóes: o governador-geral organisava tropas, e os capitães-móres e agentes

do governo enchião-se de gloria quando podião mandar um bom soldado para a cidade do Rio de Janeiro.

O padre Martin comprehendeu que lhe era muito facil fazer recrutar o pobre Millo pondo-se á coberto de qualquer compromettimento.

Millo não tinha por si pessoa alguma no mundo: era só, absolutamente só no meio dos homens.

Que melhor soldado que esse mancebo, por quem não haveria nem mãi, nem um irmão, nem um parente, nem um amigo que derramasse uma lagrima, ou fosse pretextar uma isenção á favor do recrutado?

O calculo do padre Martin era bem simples: parecia-se com tantos outros então e agora mesmo combinados.

Mas o avarento nem calculou nem podia ter calculado com o symbolo da fidelidade e com um representante da caridade evangelica.

Um cão devia começar a destruir a perfida têa urdida pelo padre Martin.

O vigario da freguezia tinha de tomar a si annullar a parte principal do plano traiçoeiro.

O cão não se põe aqui á par do padre: é a fidelidade instinctiva do animal que se colloca ao pé da caridade do sacerdote de Deos; não ha desrespeito na lembrança de dous sentimentos grandiosos.

Porque é fiel e agradecido o cão? Não sabemos; sabemos porém que o é, e tanto, que não ha homem que mais o seja ao seu amigo e bemfeitor.

O cão parece ás vezes farejar o inimigo que se esconde sob a capa da hypocrisia; o cão parece adivinhar com o instincto.

Como se explica isso? Ninguem o sabe; mas o homem reconhece e admira a fidelidade e a gratidão do animal amigo.

Quando o padre Martin, abrindo muito de manso a porta da casa, sahio para o terreiro,

Relampago, que perto dormia, despertou, deu um salto e soltou um latido ameaçador.

O padre ameigou o cão; este porém dobrando-se á autoridade do senhor que reconhecia, em vez de festeja-lo, rosnou, como desconfiado.

Logo depois chegou Millo, e Relampago aos saltos foi lamber-lhe as mãos de modo á impacientar o cauteloso padre que disse:

— Aquieta esse cão, Millo.

— Abaixo, Relampago! fallou o mancebo em voz baixa, batendo na cabeça do cão que obediente se deitou á seus pés.

— Maldito cachorro! murmurou o padre.

— É um bom amigo; tornou o mancebo; podiamos agora mata-lo sem que elle soltasse um gemido.

E Millo amimava o cão, que Luizinha amava tanto como elle.

— Millo, disse o padre Martin, acordei-te á estas horas, e chamei-te á este lugar, porque

preciso fallar-te em segredo, e abrir-te o meu coração, que soffre muito.

— É possivel, senhor padre?

— Sim, e tu és a causa, innocente sem duvida; mas por fim de contas és sempre a causa dos tormentos que desde muito vão me arrastando para a sepultura.

— Eu?!!

— Escuta, Millo: se eu não confiasse em ti, se eu não soubesse e reconhecesse que és um excellente rapaz, não te chamaria por certo para ouvir as minhas queixas e para pedir-te consolação e conselhos. Millo, eu sei que és meu amigo, que és um nobre mancebo, em cujo seio nunca deixou de palpitar a mais santa gratidão. Pois bem: é para esta virtude que eu appello: escuta o que te vou dizer.

— Falle, senhor padre.

— Tu provavelmente já adivinhaste de que assumpto vou tratar....

— Como posso eu saber? Como adivinhar? Perguntou o mancebo.

O padre sem hesitar, e para ir depressa ao seu fim, disse abaixando ainda mais a voz:

— Millo, eu não ignoro que tu amas Luizinha.....

O pobre Millo, como ferido por um raio, soltou um gemido, e cahiria por terra, se o padre Martin não o sustivesse nos seus braços.

Relampago levantou-se e poz as patas aos hombros de Millo, deixando ouvir tristes gemidos.

— Aquieta esse cão: disse o padre com impaciencia.

Millo ameigou o cão que, correspondendo aos affagos que recebia, ainda mais incommodou o padre.

Finalmente Relampago foi dominado pelo poder do amigo, tranquillisou-se, mas ficou sempre deitado aos pés de Millo.

Dir-se-ia vigilante sentinella que previa imminente perigo.

Mas o ruido que tinhão feito Relampago festejando Millo, e Millo aquietando Relampago, não deixára o padre Martin perceber que uma janella que olhava para o terreiro, se entreabrira um pouco, e cautelosamente.

Relampago acabava de destruir as primeiras têas do plano do padre Martin.

XVIII

Uma janella entre-aberta.

O ouvido subtil da mocidade e do amor collara-se á janella de manso entre-aberta sem que nem o padre Martin, nem Millo disso se apercebessem. Apenas Relampago espanejava de leve o chão com a cauda como em festejo de pessoa amiga.

Relampago tinha presentido Luizinha; mas instinctivamente dominava-se para não atraiçoa-la.

— Millo, repetio o padre; eu sei que tu

amas Luizinha : não podes nega-lo ; não és capaz de mentir.

— Senhor reverendo ; balbuciou o mancebo á tremer ; eu nunca disse que amava a senhora Luizinha á pessoa alguma , e nem mesmo á ella.

— Mas é verdade que a amas.....

— Ah! senhor padre! eu não sei mentir ; o meu amor porém nasceu sem que eu o pensasse , e ficou-me no coração, mas tão triste que me parece o corpo de um anjinho sepultado em cova de cemiterio.

— E porque?

— Porque eu conheço, senhor, que sou um desgraçado e que não posso merecer a senhora Luizinha.

— E todavia tu compromettes a sua reputação.

— Eu!!!

— Escuta, Millo : tu és bom e eu te estimo : deves-me tudo, o pão, e a educação ; os cuidados do corpo e da alma ; deves-me

a hospitalidade de muitos annos prestada á tua avó; deves-me emfim a sepultura de tua avó, e quasi o teu berço.

— Eu o sei; murmurou Millo.

— Amas Luizinha, e era natural que a amasses; porque Luizinha é formosa, e além disso, não será tão rica de fortuna como dizem, mas será em todo caso um partido vantajoso....

Millo corou e disse, levantando a cabeça:

— Antes fosse pobre como eu, com perdão de vossa reverendissima.

O padre sentio que ferira a delicadeza do joven rude mas generoso e nobre.

— Ah! tornou; estou prompto á jurar que nunca pensaste nisso, eu te conheço bem, e por te conhecer quiz abrir-me comtigo. Millo, tu amas e és amado; as más linguas já murmurão de ti e de Luizinha, e por pouco que continue o viver, e a convivencia em que andamos, eu ou te casarei com Luizinha, ou esta acabará desacreditada.

— Entendo, senhor padre.....

— Ouve-me até o fim, rapaz : nada me era mais facil do que effectuar o teu casamento com a menina, ou despedir-te da minha casa; hesito porém, e te digo tudo francamente: consulto a tua razão e farei o que decidires, Millo ; porque confio em ti : se te despeço de casa, Luizinha se declarará em guerra contra mim, me afogará a velhice no diluvio de suas lagrimas, maldirá de mim, deixará de amar-me, fará a desgraça do resto dos meus dias : se te caso com ella, destruo todas as minhas esperanças do seu bello futuro : Luizinha não tem nome de familia, nem posição, e tu nem tens nome para lhe dar, nem posição para eleva-la : vivirias com ella na obscuridade e apenas gozando os fructos do seu dote, que não poderá ser grande cousa, e entretanto é certo que Luizinha não deixará de achar um noivo de familia nobre, de gente limpa, e talvez rico e bem considerado.

— É assim, senhor reverendo.

— Pensas que é assim, Millo?

— Sem duvida.

— Que devo pois fazer?

— Nada: é a mim que compete cortar as difficuldades.

— Como?

— Senhor padre, vossa reverendissima não me despedirá de sua casa, nem receiará mais a possibilidade da gloria com que nunca sonhei reflectidamente.

— Millo, tu me pareces resentido..... não me entendeste..... julgas mal de mim.....

— Senhor reverendo, por minha avó e por mim devo-lhe gratidão sem limites, dedicação até a minha morte.....

— Pobre Millo!

— Dê-me a sua benção e vá dormir socegado, senhor padre.

— Millo!

— Dê-me a sua benção! disse Millo ajoelhando-se.

O padre Martin abençoou-o.

Millo beijou a mão do padre e tornou-lhe:

— Reze pelas almas de minha avó, de minha mãi e de meu pai algumas vezes, senhor padre: eu lhe agradeço e nunca em minha vida esquecerei os seus beneficios; adeos!

— Millo! disse o padre Martin, fingindo voz commovida; tu queres fazer me chorar? adeos: amanhã conversaremos mais friamente sobre este assumpto: adeos, Millo! vamos dormir.

E o avarento, seguro das consequencias do golpe que desfechára, entrou para casa, sendo immediatamente seguido pelo pobre Millo.

A astucia do máo acabava de explorar a generosidade do bom.

Logo que o padre Martin e Millo desapparecêrão, Relampago atirou-se para a janella entreaberta, e firmando-se nos pés, foi com as mãos arrimar-se á parede, que parecia querer vencer, e com a cabeça alçada, e com os olhos humidos e brilhantes festejou Luizinha banhada em pranto.

XIX

Nossa Senhora do Amparo.

Luizinha comprehendera toda immensidade da hypocrisia e da dissimulação e astucia do padre Martin, e da nobreza e generosidade do pobre Millo. O seu seio tornou-se ardentissimo volcão de amor; ella teve impetos de escancarar a janella, e de bradar ao padre:

— Millo será meu marido!

Dominadora, imponente, habituada á querer

e á vencer, um sentimento todavia aquebrantou-lhe então a força, enfraqueceu lhe a vontade imperiosa, e abrio-lhe as fontes das lagrimas nos formosos olhos : esse sentimento foi o pudor virginal, o santo recato de donzella, que prefere a dôr, o sacrificio á ostentosa manifestação desse voto da natureza que beatifica e enleva o coração, mas sobresalta a pudicicia.

E Luizinha deixou-se á janella, chorando, soluçando com profunda e pungentissima afflicção sem reparar ao menos no fiel Relampago que se debruçára tristemente á baixo da janella já aberta de todo.

Passou assim meia hora, e a porta da casa de novo se abrio, e Millo appareceu, trazendo na mão esquerda o pequeno embrulho que envolvia a sua roupa.

Elle chorava amargamente, Relampago levantou-se e uivou com tristeza e dôr.

— Millo! disse Luizinha.

O mancebo estremeceu e parou.

— Vem cá, Millo! tornou ella em pranto.

O mancebo approximou-se da janella.

— Por que te vás?

— Porque devo fugir de ti.....

— E tens razão..... mas voltarás.....

— Eu?...

— Ah! sim! Millo! porque..... escuta bem..... eu te amo!.....

— Luizinha!.....

— Não t'o diria..... talvez nunca; hoje t'o digo, Millo!... eu te amo!.....

— E eu, Luizinha?!!! exclamou o pobre mancebo soluçando.

— Vai-te..... deves ir-te..... tu foste despedido, mas voltarás; porque eu te amo!... Esta noite fiquei sendo tua noiva; se tu quizeres, eu quero, serei tua esposa á face do altar de Deos.

E Luizinha repetio — *eu quero* — com aquelle accento de vontade soberana, que até então não encontrára resistencia.

— Adeos! disse Millo.

— Espera ainda : és meu noivo, beija-me a fronte.

E Millo perdido de amor, enthusiasmado, feliz no infortunio, imprimio seus labios ardentes na fronte pura da donzella.

Depois cahio de joelhos, adorando Luizinha, e recebendo em seu rosto, como orvalho celeste, as lagrimas que corrião pelas faces da linda moça.

— Oh Luizinha! oh minha irmã e meu anjo! exclamou elle.

— Millo! tornou ella; o nosso amor é puro, e Nossa Senhora a Mãi Sagrada de Jesus o abençoará; toma, eu te dou um talisman, eu te dou celeste esperança.....

E tirou do pescoço um cordão de ouro do qual pendia uma pequena imagem de Nossa Senhora do Amparo.

— Foi de tua avó, de nossa avó, e passou á ser minha; d'ora avante será nossa, e por nosso amor..... nossa Senhora do Amparo, que ha de amparar o nosso amor.

E com as suas pequenas e formosas mãos Luizinha passou o cordão ao pescoço do pobre Millo.

— Por Nossa Senhora do Amparo, disse elle, em toda minha vida eu só amarei á ti, Luizinha!

— Por Nossa Senhora do Amparo, disse Luizinha, eu só á ti amarei, Millo!

E ambos, Luizinha primeiro, Millo depois beijárão a imagem de Nossa Senhora do Amparo.

— Adeos!

— Adeos!

E Millo fugio, correndo.

Ao chegar á cancella do sitio, vio ao pé de si um amigo, era Relampago que o seguira.

Millo curvou-se, abraçou-se com o cão, que lhe lambeu as mãos, abraçou-o, beijou-o, chorando, abraçou, beijou Relampago, o cão, o amigo fiel que instinctivamente triste delle se despedia.

— Adeos, Relampago! exclamou desfeito em lagrimas o pobre Millo.

E Millo não pensava que era a ultima vez que via Relampago.

XX

A conspiração dos máos.

LUIZINHA não dormio: passou o resto da noite á reflectir, quanto a afflicção e o pranto lh'o permittirão.

Sem que o suspeitasse, o padre Martin tinha feito com que a innocente donzella ouvisse a franca e leal confissão do amor do pobre Millo, que nunca ousára tanto dizer-lhe.

Da cruel entrevista á que de parte e não presentida assistira, ficárão-lhe uma convicção triste, e uma resolução inabalavel.

A convicção fôra-lhe inspirada por seu virginal recato : comprehendêra que as suas intimas e embora innocentes relações com o pobre Millo não podião continuar sem perigo para a sua reputação.

A resolução fôra determinada pelo amor e pela firmeza da vontade habituada á vencer contrariedades : jurará á si propria que ou jámais se casaria , ou só de Millo seria esposa.

E tambem instinctivamente adivinhára que de Manoel Pereira havia partido o golpe que viera separa-la de Millo.

Na manhã seguinte Luizinha appareceu ao padre Martin com os olhos inflammados, e o rosto contrahido pela dôr ; mas com essa expressão de tranquillidade triste e grave que assignala a determinação segura de um animo forte.

O padre estremeceu, prevendo tempestade ; simulou, porém, não reparar no semblante confrangido da menina, e disse :

— Já sabes que o estonteado Millo deixou-

nos a casa sem explicações nem despedidas, e nem ao menos uma palavra de gratidão?...

Luizinha revoltou-se, ouvindo o barbaro aleive; mas dominada pelo respeito que devia ao padre, á quem aliás muito amava, respondeu simplesmente com voz tremula:

— Já sei, e sei tudo, senhor.

— E' um doudo....

— Meu padrinho!

— Um ingrato....

A menina gemeu, sentindo-se ferida no objecto do seu amor, e com generoso impulso, disse:

— Meu padrinho, Relampago, o bom e fiel amigo, despertou-me esta noite....

— E então....

— Eu assisti á sua conversação com o pobre Millo: entre-abri uma janella e ouvi tudo.

O padre Martin deixou-se cahir sentado em um banco, e escondeu o rosto com as mãos.

Luizinha ajoelhou-se diante do padre, e fallou commovida :

— Meu padrinho, mais que beneficios, mais que a educação, o seu amor, e o meu coração desde muito me disserão que doce nome esconde este nome de padrinho que lhe dou; sei bem quanto lhe devo de obediencia, de santo respeito, de dedicação....

O padre soluçava.

Luizinha proseguio :

— Eu amo o pobre Millo, senhor; digo, juro que o amo; mas estou prompta para obedecer a meu padrinho, abafando, sacrificando este amor, que vossa mercê não abençôa....

— Luizinha !

E' tudo quanto posso fazer; pesso, porém, a meu padrinho que me perdôe uma resolução que tomei e que é irrevogavel ; senhor ! eu juro que não me casarei, senão me casar com o homem que amo.

— Louquinha !

— Loucura ou bom senso, meu padrinho, é decisão inabalavel; estou de joelhos, e juro por Deos que assim ha-de ser.

O padre não respondeu.

— Agora um pedido, meu padrinho....

— Que é?...

— A aversão não é odio, e, se é peccado, Deos m'o perdôe: eu tenho aversão a seu sobrinho, não o desejo ver, e peço licença para almoçar e jantar no meu quarto afim de não me sentar com elle á mesma mesa.

— E eu?... exclamou com desespero o padre Martin.

— Haverá sempre para vossa mercê um talher á minha mesa, meu padrinho.

— Por causa de um miseravel sem familia, sem nome, e sem fortuna! bradou enraivecido o padre, levantando-se do banco.

— A sua benção! não m'a negue! disse Luizinha, estendendo os braços.

O padre Martin voltou-se promptamente, e vencendo a cólera, abençoou de um modo

solemne a menina, que se ergueu e deixou a sala vagarosa, e triste, como a victima que se sujeita ao martyrio, mas conserva intacta e pura a sua fé.

Contrariado, afflicto, ora aceso em ira, ora soffrendo em dobro os soffrimentos de Luizinha, furioso contra Millo, contra Manoel Pereira, contra Relampago o padre Martin tomou o chapéo e a bengala e sahio apressado.

No terreiro encontrou Relampago, e em transporte de vingativa cólera levantou a bengala para feri-lo e dar-lhe a morte.... mas de subito a mão cruel tremeu-lhe, e a bengala cahio á seus pés.

O pai respeitára no cão a amizade da filha.

O padre Martin dirigio-se precipitadamente á casa de João-Maneta.

O socio do avarento tornado usurario já estava prevenido de quanto occorrêra relativamente ao pobre Millo.

Manoel Pereira tinha madrugado, e não

contando com o tio padre, occupava-se em planos de futuro com João-Maneta e Fabricia.

— Com os diabos! dissera Manoel; custou-me os olhos da cara, mas puz o Millo fóra da granja, e lá não torna, inda que vente ou chova; mas que monta, se ficar grimpando por ahi além?

— Irá para o sul que precisa de soldados; observou João-Maneta; não é melhor do que eu, que combati contra os Francezes; vá semear chumbo em campo de Hespanhóes.

— Isso é bom de se dizer; mas emquanto o páo vai e vem, folgão as costas.

— Não lhe corra o risco á dedo; em tres dias, quando muito, estará com a farda ás costas.

— E o testamento do tio padre? Ahi é que se arreganha o dente, e a senhora Fabricia não quererá noivo depennado.

— Não que eu seja interesseira, disse Fabricia caricaturando um momo; é melhor, porém, um marido que traga para o monte,

do que um gastador do pouco que a gente ajuntou.

— Isso lá não é da minha conta, senhora Fabricia; eu sou sobrinho do tio padre, e o negocio do testamento é arranjo que o senhor João tomou por seu trabalho: o que eu digo é que padre não tem filha, e sobrinho herda do tio; antes morra o tio sem testamento; porque nos intrementes da morte e das heranças o sobrinho presente bem sabe as contas que fará por amor da senhora Fabricia, embora fiquem á ver navios os sobrinhos velhacos que lá ficárão na ilha.

— E o mais é que tem razão! observou João-Maneta.

— Que tem razão em que?... perguntou Fabricia.

— Que te importa?... em nada.

E João-Maneta abysmou-se em calculos sinistros.

— Senhor João! gritou uma voz á porta da casa.

— É o padre Martin; disse João-Maneta.

— Misericordia! balbuciou tremendo Manoel Pereira.

— Fabricia, tornou o Maneta; faze o senhor Manoel Pereira sahir pelos fundos da casa.

E quando Fabricia ia sahindo com Manoel Pereira, João-Maneta disse a este:

— Venha fallar-me hoje á meia-noite sem falta.

E emquanto Manoel Pereira se escapava furtivamente pelos fundos da casa, o padre Martin entrava pela porta da frente, e era amigavelmente recebido por João-Maneta.

XXI

Conspiração do mal.

O PADRE Martin estava inquieto e preoccupado como homem que se atira a empreza trabalhosa e arriscada.

Aceitou o tamborete que João-Maneta lhe offereceu, sentou-se e balbuciou, fallando comsigo mesmo:

— É preciso ir ao extremo.... já que principiei, cumpre acabar.

— Vossa reverendissima falla commigo?

— Vim fallar-lhe.

João-Maneta sentou-se defronte do padre.

— Senhor João, disse este; sei que não lhe faltão boas amizades e eu preciso de um serviço da sua.

— Vossa reverendissima sabe que pobre diabo como sou, acho-me sempre ao seu dispôr.

— Despedi da minha casa o Camillo; porque me pareceu que a sua companhia poderia ser motivo de murmurações, e compromettidora da reputação de minha afilhada.

— Ah!

— Julga que fiz mal?

— Ao contrario penso que o devia ter feito a mais tempo.

— Todavia... ainda não estou socegado....

— Nem póde estar.

— Porque?

— Emquanto a onça anda perto, não ha aprisco seguro.

— É o que tambem me diz a razão.

— A senhora Luizinha é uma menina inno-

cente, e o Millo faria proezas do Malasartes para lhe voltar a cabeça.

— Emfim.... o caso em que me acho, é este, e não tendo outro recurso, lembrou-me...

— O que á todos lembraria.

— O que?

— Fazer Millo soldado, e manda-lo para a guerra, não é?

— É, sim.

— Não vejo cousa mais facil: bastão duas palavras ao capitão-mór do districto.

— Eu preferia que elle fosse como voluntario....

— Que idéas!...

— Não haveria suspeita de intervenção minha....

— Ah! entendo; mas o Millo cahirá na esparrela?....

— Venho pedir-lhe que o encaminhe a isso: o rapaz é simples e atacado pelo fraco da generosidade....

— Descanse, vossa reverendissima; por

bem ou por mal eu porei a farda ás costas do Millo antes do fim da semana.

O padre Martin respirou.

João-Maneta refletio durante alguns momentos e depois disse:

— Olhe que receber em casa um filho alheio é beneficio que ás vezes dá na cabeça do bemfeitor!

— Diz bem! tornou-lhe o padre.

— Se o digo bem!.... vossa reverendissima me desculpe a ousadia, mas nestes ultimos dias tem envelhecido dez annos!

— Tenho soffrido muito, senhor João; sinto que isto não póde durar muito tempo.... mais um empurrão e caio na cova....

— Ora! tambem não é assim: vossa reverendissima ainda atira com trinta annos ao mundo....

— Provera á Deos que eu ainda vivesse quinze annos! precisava viver.... precisava; começo porém á presentir a morte proxima...

— Effeitos de melancolia..... entretanto o

homem nasceu para morrer, e as previsões da morte proxima tem ao menos uma consolação.

— Qual é?

— O homem se prepara com vagar e cuidado para fazer a viagem do outro mundo, deixando neste arranjados os negocios.

O padre Martin suspirou tristemente.

— É um arranjo de viagem muito sombrio e desagradavel; mas....

— É necessario cuidar nelle, tem mil vezes razão.

— Vossa reverendissima me entendeu mal; eu fallava por conversar, e não dava conselho algum.

— E que o désse, o conselho era sabio.

— Eu não seria tão pateta, que me mettesse á conselheiro de vossa reverendissima, principalmente em tal assumpto.

— Porque?

— Quer que eu falle claro?

— Falle.

— Porque em primeiro lugar vossa reve-

rendissima é o homem mais acautelado, que tenho conhecido, e possuindo a fortuna de que estou no caso de fazer idéa, é impossivel que não tenha prevenido um futuro que ainda está longe, mas que é certo.

— E em segundo lugar?

— Leve-me o diabo, se a senhora Luizinha não é mais do que afilhada de vossa reverendissima.... e, além della, o Manoel Pereira que por sua ordem veio das ilhas, é seu sobrinho...

— Por minha ordem? quem lh'o disse?... perguntou o padre Martin, encrespando as sobrancelhas.

João-Maneta comprehendeu que acabava de adiantar-se mais do que lhe convinha e respondeu:

— Ninguem m'o disse; eu porém o adivinho ou suspeito.

— Bem: e depois?

— Pois não disse tudo? Não se tem afilhada, como a senhora Luizinha, nem se manda vir,

ou se asyla o sobrinho que deixou a ilha, sem testamento feito por causa das duvidas.

O padre Martin fitou por algum tempo os olhos no rosto de João-Maneta que nem de leve se perturbou.

— E se eu não tiver feito o meu testamento?... perguntou emfim o padre.

— Não é acreditavel.

— Ao menos suppondo, que ainda não o fiz?...

— Melhor para o Manoel Pereira, se vossa reverendissima morresse hoje, e peior para a senhora Luizinha que ficaria na miseria; mas é impossivel semelhante descuido....

O padre Martin desconfiado, suspeitoso, e não podendo ler na alma de João-Maneta, cujo caracter conhecia, o fim, ou o motivo particular das observações, e dissimulada inquirição que ouvira, dissimulou tambem as suas duvidas, e conjecturas, e disse friamente:

— Obrigado, senhor João: bem inspirada foi esta visita que lhe fiz hoje: além de um

favor, acabo de receber bom conselho: demore-se ou não a morte, é indispensavel que ella não nos apanhe desprevinidos, e eu tenho sido doudamente desacautelado: ainda bem que entre nós as transacções e os negocios não precisão de precauções: qualquer de nós que morra, não póde deixar prejuizo ao outro.

— Lá isso é verdade; observou sorrindo-se com os labios, mas com raiva no coração João-Maneta que não fôra enganado, porém não pudera enganar o padre nos ajustes e condições da sociedade da usura.

— Tomo ao pé da letra o seu sabio conselho; tornou o padre Martin; Deos Nosso Senhor me concederá ainda alguns dias para que eu disponha as cousas de modo, que nem Manoel Pereira se queixe do tio, que o mandou vir do Fayal, nem.... O padre hesitou.

— Que! exclamou João-Maneta; pois vossa reverendissima esqueceu-se até hoje de fazer testamento?

O padre levantou-se irritado pela exclamação que acabára em pergunta:

— Ou já fiz ou não fiz testamento: se o não fiz, fa-lo-hei: espero em Deos que não morrerei tão cedo, como talvez haja quem o deseje.

E tomando o chapéo sahio sem dar attenção ás desculpas e explicações de João-Maneta.

XXII

No armazem do Rodrigues.

RIQUEZA teve e terá poder em todos os tempos na sociedade dos homens: o porque é simples, e nem se faz preciso dizê-lo mais; ha porém uma triste observação que assignala a influencia ainda mesmo da riqueza não bem empregada, e não merecida.

Ha homens ricos que não conhecem como é suave e ditoso fazer o bem, que enchêrão os seus cofres com as lagrimas e os infortunios de muitos, e que ainda depois de tornados

opulentos, nunca reservão para o pobre o obulo da caridade, e vão sempre amontoando thesouros com o furor da uzura mais exagerada, com ardilosos contractos, transacções vergonhosas e sem consciencia, e com processos que arruinão as fortunas de muitas victimas de latrocinio dissimulado.

Estes homens, conhecidos e amaldiçoados por todos, nem por isso encontrão francas manifestações de reprovação do publico e ao contrario recebem e gozão tributos de consideração que não merecem. É o poder do ouro que se ostenta e o mundo que se ajoelha para adorar-lhe a magestade.

João-Maneta era aborrecido pela gente da parochia de S. João de Itaborahy; quando porém apparecia por acaso em qualquer lugar ou reunião, ninguem deixava de sauda-lo com attenção apezar do seu parecer, do seu trajar e dos seus modos despreziveis, e tão indignos de quem muito possuia.

Não admira pois que, chegando á freguezia

na mesma manhã da sua conferencia com o padre Martin, e dirigindo-se ao armazem do Rodrigues, que ficava na rua da Ladeira á entrada da povoação, fosse tão cortezmente recebido pelas pessoas presentes, e pelo dono da casa que se apressou a offerecer-lhe um tamborete.

O armazem do Rodrigues era casa de negocio, a melhor da terra, e ponto de reunião: nelle se vendião generos alimenticios, vinhos do reino, vinho de mel e aguardente da terra, fazendas para os mais ricos e os mais pobres vestidos; tinha ao lado uma ferraria, e no quintal um jogo da bola.

O mestre Rodrigues era notabilidade na parochia, menos por ser habilissimo ferreiro e negociante muito acreditado, do que pelo seu genio alegre, obsequiador, beneficente e por entreter com a melhor gente da terra boas relações de amizade.

Não havia nas circumvizinhanças figurão que vindo á freguezia não parasse á porta do

Rodrigues ou para dizer lhe adeos, ou para hospedar-se em casa delle.

João Maneta sentára-se, tomando parte em um grupo de seis ou oito ociosos conversadores, que aliás se calárão todos á entrada do famoso usurario.

— O senhor pela freguezia! disse Rodrigues; isto é novidade grande!

— Vim saber o que ha de novo.... porque me disserão...

— Que o pobre Millo foi despedido da casa do padre Martin?... pois é verdade! disse o mais velho da roda.

— Era a cousa certa, desde que chegou o Manoel á casa do tio padre: a fortuna é para a gente que vem do reino.

— Mas o Manoel é das ilhas.

— É o mesmo; vindo de fóra é melhor que a gente da terra.

— E porque foi o Millo despedido?

— Ora, por causa da menina Luizinha que

bem pudera gostar delle, deixando o Manoel sem noiva e sem dinheiro.

— Leva de má lingua! observou Rodrigues: cada um governa a sua casa, como lhe parece.

Nas pequenas povoações amenisa-se a vida monotona aproveitando-se com avidez os assumptos ainda mesmo pouco importantes que acaso vão surgindo, e que entrão em longa e teimosa ordem do dia.

Era por isso que o infortunio do pobre Millo já occupava as reflexões daquelle grupo.

João-Maneta que não sahira de casa com outra idéa que não fosse o encontrar se com o pobre rapaz, ia pedir noticias delle, quando Millo entrou no armazem, e disse a Rodrigues:

— Como me deu a escolha, vim dizer-lhe que o jogo da bola não me convem; prefiro aprender a ferreiro.

— Ora! vê lá, rapaz: tomar conta do jogo é mais divertido e facil: a forja chamusca.

— Eu o sei; mas a ferraria dar-me-ha um officio.

— Bem respondido! exclamou João-Maneta: não quer ser vadio!... mas é pena.... um guapo mancebo! eu era, como és, Millo, quando em 1710 e 1711 me bati com os Francezes! ah! se eu não tivesse ficado maneta, outro gallo me cantaria, estaria hoje official do exercito....

— Lembrei-me tambem de ser soldado, senhor João; mas o senhor mestre Rodrigues abrio-me as suas portas, e me tirou da cabeça esse pensamento.

— E fez bem, tornou João-Maneta; o myster do soldado é cheio de perigos: commigo o caso era especial: onde me vêm, eu era pobre a não ter, onde cahir morto, e amava doudamente uma bella e rica moça: sonhei ganhar postos e gloria para merecê-la: batalhei, como um leão, e jurára continuar no serviço da guerra; veio porém uma bala, que escapou de matar-me, e deixou-me neste estado de

maneta!—Millo, o mestre Rodrigues tem razão; o exercito póde dar facilmente postos, fortuna e gloria aos bravos, principalmente agora que temos guerra com os Hespanhóes no sul; mas póde tambem levar o bravo a ficar maneta, ou côxo, ou, o que é peior, á morrer com uma bala na cabeça.

— E que mal me era o ser morto?...

— Que tolo! não aprenderias a ferreiro.

— E se eu me destinguisse, me illustrasse, e vencesse, senhor João?...

— Com certeza de tanta fortuna eu preferia ser soldado á ser frade do Carmo; são porém raros os felizes....

— É um jogo; observou Millo; perder-se uma vida infeliz, ou ganhar-se um futuro brilhante, não é?

— A fallar a verdade é.

— Senhor João; disse Rodrigues; não desencaminhe esta cabeça de vento....

— Pois se eu estou dizendo que escapei de ser morto e que fiquei maneta!

— Mestre Rodrigues, disse Millo, eu quero ser soldado.

— E não o serás ; disse a voz de alguem que chegava nesse momento.

Todos os olhos se voltárão para a porta, e virão a nobre e veneranda figura do vigario da parochia.

— Millo, tornou o velho parocho; tua avó pouco antes de expirar pedio-me que eu fosse teu protector : nunca te perdi de vista : és uma herança da caridade , um legado de moribunda. Criança, não pódes dispor de ti : eu sou teu pai ; obrigado pela tua boa vontade e beneficiencia, mestre Rodrigues; mas este mancebo pertence-me; vem, meu filho, vem em nome de Deos, meu filho !

E o parocho lançou a todos a sua benção, e retirou-se, levando pela mão o pobre Millo.

Ficárão todos boquiabertos , dispondo-se para entrar no exame e discussão do novo episodio do romance de Millo.

João-Maneta não quiz perder mais tempo ;

despedio-se da companhia, e voltando para casa, repetio trinta vezes, fallando comsigo mesmo:

— Pelo santarrão do vigario não esperava eu: o caso se complica; mas ou não serei João-Maneta, ou porei o Millo de espingarda ao hombro, e de farda ás costas.

João-Maneta não descançou: nesse mesmo dia e no seguinte pôz-se á cavallo, e andou de Herodes para Pilatos.

E venceu!

Quatro dias depois, mas, providencialmente, antes dos calculos de João Maneta e contra as condições de um plano malvado, Millo estava recrutado e recolhido á cadêa da villa de S. Antonio de Sá, á despeito de todos os protestos e opposição do venerando parocho da freguezia de S. João de Itaborahy que resentido officiou ao bispo do Rio de Janeiro, pedindo-lhe protecção para o filho da sua caridade, e providencias que mantivessem a sua força moral, e robustecessem a sua influencia benefica de pastor do seu rebanho parochial.

Deos escreve direito por linhas tortas.

A sabedoria da Providencia Divina tinha feito mais pelo pobre Millo, do que a dedicação caridosa do parocho de Itaborahy.

A cadêa e um cão tinhão de salvar Millo do mais horrivel perigo.

XXIII

A tentação.

JOÃO-MANETA não se occupára sómente em conseguir que o pobre Millo fosse recrutado e recolhido á cadêa da villa de Santo Antonio de Sá afim de ser opportunamente mandado para a cidade.

No mesmo dia em que estivera no armazem do mestre Rodrigues, procurando seduzir o infeliz mancebo para alistar-se no exercito como voluntario, não se esqueceu de que havia emprazado Manoel Pereira para uma conferencia á meia

noite, e posto que se sentisse fatigado dos sinistros passeios da manhã e da tarde, velou, esperando o sobrinho do padre Martin.

A casa de João-Maneta estava completamente ás escuras; elle porém deixára a porta entre-aberta, e sentado junto a ella meditava sombriamente.

Manoel Pereira chegou emfim, e não precisou bater á porta que se fechou apenas João-Maneta o fez entrar.

A conferencia devia passar-se nas trévas: convinha ao perverso usurario a escuridão que dá audacia para as mais arriscadas propposições.

Entretanto João-Maneta tirou fogo com um rude fuzil e acendeu um cigarro.

Manoel Pereira encontrou um banco e sentou-se ao pé de João-Maneta.

— Fallemos baixo; disse este: diga-me: que houve hoje lá pela casa do padre?

— Estive na roça com sol de rachar, e de-

rão-me a sôpa quasi na estrebaria: parece que a cachopa amuou e não me quiz á mesa.

— Que tratamento!

— Tirei lingua e fiz desembuchar a negra da cozinha, e sube que o tio padre andára engolfinhado a gavetar a papelada e que a menina Luizinha chorára como duas bicas d'agua.

— E que mais?

Nanja que eu lhe esconda cousa de se dizer..... leve-me o diabo a alma, se mais vi, ou mais sei.

— Pois eu sei muito mais.

— Do caso do Millo?

— Isso é o menos, que o tenho já em bom pé; mas do seu.

— O tio padre abrio-se? Com perdão de meu tio, aquillo é caixa com vinte ferrolhos.

— Quer saber? Perdeu o seu tempo, vindo das ilhas.

— Que é lá?

— O padre adora sua afilhada....

— E d'ahi além?

— A menina Luizinha aborrece o sobrinho do padre.....

— Mas que monta?....

— Que monta?.... ella governa o padre.

— E eu cá não sou sobrinho de meu tio?

— Ella é mais do que isso, é filha de seu pai.

— Filha torta, que padre não tem filhos.

— É bom de se dizer.

— Então o tio padre me desencaminhou do Fayal para me deixar á matroca?

— Talvez lhe pague a passagem da volta, e lhe dê alguns patacões por consolação....

João-Maneta sorveu com força o cigarro, cuja debil flamma lhe deixou ver o semblante decomposto de Manoel, cuja ambição se alvoraçára.

— Ora esta! um demonio de mulher vadia, que não sabe temperar um caldo, nem cuidar no gallinheiro.

— O padre só se occupa da sua Luizinha,

e hoje a revolução que fez em casa, prova que lembrou-lhe um cuidado que esquecera.....

— E... e .... o cuidado do tio padre.....

— No meio de suas afflicções deixou-me perceber que inda não tinha, não tem testamento feito.... e que se morresse sem fazelo, ficaria a sua Luizinha na pobreza.... na miseria.....

— E porque carga d'agua veio-lhe a idéa do testamento?

— Para que os seus parentes não herdem a grande, a immensa riqueza, que destina toda á Luizinha.

— E á luz do cigarro João-Maneta apreciou uma flamma sinistra nos olhos de Manoel Pereira.

— Mil raios partão a quem faz testamento, sendo padre! Ainda bem que o tio não cahio nessa....

— Mas vai cahir.....

— Com os diabos!

— Qualquer destes dias....

— Oh alma de chicharro! quem sabe se foi hoje, que elle andou tão mettido no papelorio? Foi hoje! estou como parreira nos dias de póda!

— Não foi hoje: o testamento precisa ser approvado por um tabellião....

— Eu cá nunca entendi dessas cousas.....

— O padre Martin irá á villa, quando quizer fazer ou legalisar o seu testamento, que então trará comsigo ..... fará pois em tal caso uma pequena viagem a cavallo.....

— An! percebo agora a embrulhada....

— É uma desgraça: o senhor fica sem dinheiro, e como chegou da ilha; e a minha pobre Fabricia sem noivo, e sem futuro! no entanto era uma riqueza.... uma riqueza immensa!

— Vai tudo então rio abaixo? Com mil diabos! para que me mandou o sovina vir do Fayal?... não é uma como não ha outra, Sr. João?

— E olhe que já lhe dão a sôpa na estrebaria!

— Mas que monta? Não se póde engatinhar para dentro da casa?

— Ainda se o padre que já está velho morresse hoje ou amanhã de alguma febre pôdre...

— Sim.... porque se o tio padre entesasse a canella hoje ou amanhã.....

— Morria sem testamento.

— Isto põe a cabeça a andar á roda, como um moinho!

— É o que eu sinto, lembrando-me de Fabricia.....

— O tio padre....

— Já tem vivido tanto!.... se morresse, o senhor Manoel Pereira e Fabricia nadarião em mar de ouro.....

— Mas que monta? Aquillo é perro como um burro; se não o matarem, o tio padre não morre.....

— Abrenuncio! exclamou João-Maneta: matar é cousa que não se diz: é verdade que o

padre Martin, coitado, tem muitos inimigos, e se alguem o matasse antes do testamento, nós colheriamos os fructos..... nós, digo eu, fallando em nome de Fabricia.

— Está entendido.... eu não sou bruto....

— Ninguem o toma por bruto.... o senhor é até muito intelligente : se herdasse a fortuna do padre, seria logo juiz almotacel, e vereador da camara.....

— E o diabo de saia..... a intromettida da filha torta..... o tio padre é um padre maldito.... Deos o condemnou pelo peccado da filha que não podia ter.....

— Que importa? Ainda assim fará testamento.....

— Mas não acha que está fóra da lei de Deos? Por ser meu tio, não lhe engasgue a verdade.....

— Deixemos isso: a noite se adianta e eu perciso dormir.

— Nanja que eu durma esta, nem a noite qne vem!

— Pois eu estou cahindo de somno....basta de conversar inutilmente.....

— Sim, e lá vou eu entruviscar-me com as envestidas do Relampago : lá em casa todos são meus inimigos desde o tio padre até o cão ; mas para o cão levo eu duro cajado, que não lhe poupo, quando posso.....

— Boa noite !

— Boa é conforme cada um que a dorme, ou que a atura sem dormir .....e o diabo do testamento ! senhor João, isto é serio ?

— Sem tirar nem pôr mais virgula, nem ponto....

— É tentação do demonio !

— Boa noite ! vou dormir.

— Voltarei amanhã ; disse Manoel Pereira, levantando-se.

— Não ; respondeu João-Maneta : nem amanhã, nem nestes cinco proximos dias poderei recebê-lo.

— Porque ?

— Porque não estarei em casa, e Fabricia a ninguem recebe em minha ausencia.

— Então boa noite, e ponho-me ao largo...

Manoel Pereira ia sahir, quando João-Maneta, pondo-lhe a mão no braço, perguntou-lhe:

— Que dia é hoje?

— Terça-feira.

Não; é mais de meia noite: já é quarta-feira.

— Mas que monta?

— Comecei a arranjar, e arranjarei as cousas de modo que o Millo seja recrutado e preso no domingo sem falta, isto é, nem antes, nem depois do domingo.

— Não penetro o fundo do negocio.....

— É que eu ouvi dizer e já está correndo, que o malvado Millo pretende assassinar o padre Martin: é uma vingança perversa e atrocissima..... e é claro que se até sabbado matarem o padre Martin, o assassino será prova-

velmente esse monstro que se chama Camillo, ou por diminuitivo Millo.....

— Mas....

— Eu dou-lhe esta noticia para que, se quizer, previna o padre Martin....

— E o Millo.....

— O padre Martin sahirá de sua casa ou sitio no sabbado pela manhã..... se sahir antes á cavallo o Millo aproveitará a occasião..... se sahir na tarde do sabbado para vir entender-se commigo, como eu conto....

— O Millo.....

— Tenho certeza de que á pretexto de recado ou convite da menina Luizinha o Millo virá disfarçado e o mais escondidamente que puder ao lugar aprasado no sitio do padre; tenho tambem a certeza de que tres ou quatro pessoas hão de ver o Millo dirigir-se com um certo cuidado e mysterio para estes lados, e então desconfio muito que se encontrará com o padre Martin..... e que furioso e vingativo

o mandará desta para melhor vida antes de feito o maldito testamento....

— E o Millo pagará as favas? Murmurou tremendo Manoel Pereira, que acabava de comprehender perfeitamente a tentação do demonio.

— Senhor Manoel; respondeu João-Maneta, empurrando o sobrinho da victima ameaçada para fóra de casa; Senhor Manoel, o caso é tremendo, mas decisivo: o Millo é capaz de tudo: se julgar conveniente, previna o padre Martin.

E trancou a porta, pela qual sahira Manoel Pereira com a tentação do demonio á ferver-lhe no espirito deslumbrado pelas chammas infernaes da ambição da riqueza.

XXIV

A punição começa.

O padre Martin estava passando dias de amargura.

Luiza tão alegre e radiosa, tão habituada á querer e poder no coração de seu padrinho parecia ter mudado de natureza e de caracter, engolphando-se em profunda melancolia, e mostrando no seu silencio embora tristissimo, e na obediencia sem queixa a mais completa submissão á vontade do padre Martin.

O aspecto doloroso da menina atormentava incessantemente o padre, que só achava felicidade e alegria no sorrir e no contentamento de Luizinha.

— Isto ha de passar; dizia elle ás vezes comsigo mesmo para consolar-se; ha de passar e ella tomará juizo.....

Mas seus olhos se embebião na menina, e seu coração calculando-lhe os soffrimentos, o fazia soffrer mil vezes mais do que ella.

— Oh! que teimosa! antes bradasse, e ralhasse, e se revoltasse contra mim! apagou-se-lhe o genio vehemente, e morreu-lhe a vontade de menina dominadora da casa!....

E o padre chorava ás escondidas.

Luiza manifestava com insistencia sómente um desejo, o de não ser forçada á tolerar a presença de Manoel Pereira, e seu padrinho, aliás muito contrariado pela significação e influencia futura do sentimento que inspirava esse desejo, satisfê-lo todavia sem hesitar.

— Tem paciencia, Manoel; dissera ao so-

brinho; a menina tem capricho e está afflicta: viverás por alguns dias sem apparecer-lhe: depois o tempo arranjará tudo a nosso contento.

E o padre Martin vingou-se da dôr de Luizinha, occupando-se ainda mais zeloso da sorte da menina, e procurou consolações nos gosos turvos da sua paixão dominante, a avareza.

A conversação que tivera com João-Maneta despertára em seu animo sinistras apprehenções: apezar de toda a manha do usurario, elle reconhecêra que havia quem calculasse com a sua fortuna, e quem se empenhasse em saber da existencia ou da não existencia de testamento seu.

A quem podia interessar a questão? A afilhada, e ao sobrinho. Luizinha não tinha relações com Fabricia e João-Maneta, e nem que as tivesse, deixaria surgir em sua alma de anjo um pensamento interesseiro, e manchado pelo lodo da terra.

Manoel Pereira frequentava a casa de João-Maneta, e nem sabia esconder, nem escondia o empenho de fazer fortuna, e a ambição de riqueza.

O padre Martin não reflectio mais: para elle tornou-se evidente que Manoel Pereira e João-Maneta se achavão de intelligencia, e que ameaçavão o futuro de Luizinha.

O padre sentio-se ferido no ponto mais delicado do seu coração e dispoz-se a proceder com prudencia. Tinha testamento feito desde alguns annos e nem precisava reforma-lo; mas lembrou que por sua morte Manoel Pereira seria capaz de destrui-lo, e que por outro lado uma parte de sua fortuna confiada a João-Maneta, para a sociedade de usura, poderia, apezar de todas as seguranças que tomára, ser defraudada pelos dous chatins que facilmente enganarião uma innocente menina deixada no mundo sem protector.

Destas duas considerações resultárão dous conselhos adoptados: pôr termo á sociedade

da usura e a todos os negocios com João-Maneta, e despedir da casa ou afastar para longe Manoel Pereira; mas em um e outro caso com dissimulação e cautela para não provocar resentimentos perigosos.

O padre Martin, tomadas essas decisões, empregou dous dias em examinar os seus papeis, e o seu livro de assentos, no qual fez cuidadoso a declaração, de que deixava testamento e nelle por universal herdeira de quanto possuia a menina Luiza, á quem reconhecera por filha naquelle documento: estudou ainda uma vez muito miudamente o seu contracto com João-Maneta, e ficou tranquillo porque podia sob a condicional de divisão igual dos titulos de dividas todas por hypothecas seguras desfazer a sociedade no dia e na hora em que quizesse: sondou emfim os seus cofres e exultou, abrazando seus olhos no brilho do ouro, e engolfando-se no abysmo da sua riqueza.

Só em casa na solidão em que o abandonava a dôr de Luizinha, a avareza lhe offe-

recia consolações indiziveis: quando percebia a menina querida mais angustiada, quando por isso mil torturas o despedaçavão, corria ao seu gabinete, abria os cofres, via o ouro, e ficava extasiado a contempla-lo horas inteiras, adorando os montes de moedas que aferrolhava nos cofres, como um sultão as odaliscas do seu serralho.

Mas á noite e no leito o somno lhe fugia, e velando meditava e o seu meditar era amargurado.

Via ameaçado o futuro da filha, lembrava o peccado, tinha medo da eternidade, e chorava, chorava muito, rezando, pedindo a Deos a felicidade de Luizinha: vinha-lhe ás vezes a idéa de que era facil felicita-la, casando-a com o pobre Millo, e dando-lhe nelle protector legitimo; a avareza porém logo se alvoraçava: Millo nada tinha de seu, e o padre Martin queria para Luizinha um noivo rico, visto que seu sobrinho não convinha mais a elle, e nunca pudera convir a ella.

Pensava em Manoel Pereira e maldizia do

erro que commettêra, mandando-o vir do Fayal : reconhecia tarde que é imprudencia e quasi loucura introduzir no lar domestico parente a quem não se conheceu antes, que não se ama, e de quem não se é amado nem pela criação, nem pela educação, parente que vem por interesse, que calcula com a herança que póde lucrar com a morte do imprudente que o chamou : e o padre estremecia horrorisado, medindo a profundeza do precipicio, que provavelmente lhe estava cavando e afundando a ambição de Manoel.

E lembrava que em sua opulencia nunca por si enchugára a lagrima de um afflicto, nunca por si matára a fome de um indigente, nunca se mostrára misericordioso, caridoso, elle sacerdote do Deos da caridade e da misericordia, e extorcia-se devorado pelos remorsos; mas não tinha coragem para o arrependimento, que lhe mandava tirar de um dos cofres a quarta parte do ouro para soccorro dos pobres ! O avarento tremia e tra-

tava ainda enganar a Deos, murmurando : o Luizinha deu por mim ! que eu me salve nas azas desse anjo !

E para seu maior martyrio o padre Martin recebeu uma carta anonyma, e depois seguidamente mais duas, annunciando-lhe que furioso e vingativo Millo conspirava contra sua vida e prentendia assassina-lo.

Millo assassino !.... o padre Martin conhecia bem o pobre mancebo e desprezou a denuncia ; as cartas anonymas porém se multiplicárão, aconselhando precauções, e o padre Martin sobresaltado, aturdido, temeroso e fóra de si, foi ter com Luizinha, apresentou-lhe as cartas, e disse-lhe :

— Lê.

A menina leu as cartas, e devolveu-as ao padre, tremendo de horror.

— Tremes, Luizinha ?

A menina respondeu com voz convulsa, e abraçando o padre :

— Oh meu pai! meu pai! vele pela sua vida!.....

— Acreditas então?.....

— Sim.... querem assassina-lo! mas não é Millo; eu juro que não é Millo.....

O padre murmurou sombriamente:

— Talvez tenhas razão.

XXV

Millo e Manoel Pereira.

UANDO se approxima o desenlace de uma intriga, ou a acção extrema de um plano sinistro os successos como que se unem e se precipitão com celeridade que transtorna os calculos dos mais astutos.

As cartas anonymas recebidas pelo padre Martin produzirão resultados que João-Maneta e Manoel Pereira estavão longe de esperar: o primeiro em resposta á communicação de que Millo seria infallivelmente

recrutado e preso no proximo domingo, recebeu do padre além de agradecimentos a prevenção do termo e dissolução da sociedade da usura, devendo ser concluidos todos os negocios e fechadas todas as contas no sabbado ao meio dia.

Manoel Pereira que andava já desconfiado do modo por que seu tio o tratava desde tres dias, sentio-se fulminado ouvindo a intimação para em vinte e quatro horas retirar-se da casa, sem ao menos ter licença de tornar a ella.

Ainda hypocrita e sem que o brio o contivesse Manoel desfez-se em pranto e cahiria de joelhos aos pés do padre, se este não lhe voltasse rudemente as costas.

Ambos estes factos realizárão-se na tarde da sexta-feira dessa tempestuosa semana, que começára com a despedida de Millo, e que havia de acabar horrivelmente.

Millo tambem não soffria pouco: além das saudades de Luizinha, e da desesperação do

seu amor tinha ido a calumnia persegui-lo no proprio seio que lhe abrira a caridade do virtuoso parocho.

Espalhara-se, correndo de boca em boca, sem que se soubesse de quem partira, nem em que fundamento se baseava, a noticia perversa de que Millo jurara matar o padre Martin e que procurava ensejo seguro para perpetrar esse crime.

A calumnia atroz chegou á casa do parocho, em cujo nobre coração encontrou patente barreira. Millo mal podendo contar a sua justissima indignação, dissera ao parocho á tremer de cólera:

— Senhor reverendo vigario, eu quero fugir para sempre desta terra....

— Que mal te fez a terra, onde estão a pia na qual te baptisaste, e as sepulturas de teus pais, meu filho!

— Manchárão-me com a mais negra calumnia!

— E, fugindo, lavarias a nódoa?

— Mas a suspeita infame?

— Deos mandará que o tempo a mude em confusão dos aleivosos, e em triumpho da tua innocencia.

— E eu tão pobre e desvalido... oh! pois que me ferem assim perversamente..... como me heide vingar?

— Meu filho, o pobre como o rico, o desvalido como o poderoso, quando são bons, e tementes á Deos, sabem e podem vingar-se; mas só de um modo.

— Qual, senhor vigario?...

— Perdoando.

Millo desfez-se em soluços, e o parocho abençoou-o, e disse:

— Tem fé em Deos.

O crime presentia em outros corações a imminencia do castigo da Providencia.

Manoel Pereira, aturdido pela intimação que recebera do padre Martin, correu á casa de João-Maneta, á quem encontrou conversando com dous pobres lavradores que passavão

naquelle momento, e tinhão acudido ao seu chamado.

Manoel Pereira incommodou-se com a companhia, e tanto mais que João-Maneta o avistára a alguma distancia, e ou de proposito ou inopportunamente chamára os dous passageiros.

— Boa tarde, Sr. João, disse Manoel.

— Boa tarde ; responden seccamente João-maneta.

Os lavradores fizerão um movimento para retirar-se.

— Demorem-se; conversaremos um pouco... isto de trabalho tambem não vai á matar; disse-lhes o velho avarento.

— Com os diabos ! tenho novidade á desembuchar; murmurou-lhe Manoel ao ouvido.

— Oh Sr. Manoel Pereira ! exclamou João-Maneta com voz de furacão : já lhe disse mil vezes que não quero saber dos seus negocios, nem da vida que leva na casa do seu tio padre : deixe-me ! deixe-me ! deixe-me !

Manoel retirou-se espantado daquella furia inesperada e para elle inexplicavel; quando porém já estava longe da casa de João-Maneta, parou e disse comsigo:

— Com tresentos diabos, que burro fui! o João não me quer fallar de dia, porque sabe as linhas com que se cose: aquillo é finorio, como frade velho.

E á meia noite foi bater á casa de João-Maneta: bateu de manso, depois com força, depois como se quizesse arrombar a porta.

Abrio-se emfim uma janella, e João-Maneta disse de máo modo:

— Suspendêrão-se ou rompêrão-se as nossas relações: o senhor atraiçoou-me: se tornar a incommodar-me, heide queixar-me á justiça: vá-se com os diabos.

E trancou a janella.

Manoel Pereira voltou desesperado para a casa onde ainda lhe era facultado dormir uma noite.

João-Maneta nem acreditava, nem pensava

em traição alguma de Manoel Pereira; mas a prevenção que recebera do padre Martin para ser dissolvida a sociedade da usura, e ajustarem-se as competentes contas, o puzera de sobre-aviso, fazendo-o desconfiar de suspeitas que podião compromette-lo seriamente; por isso, vendo á tarde o sobrinho do padre que vinha á passo puchado, aproveitára os dous lavradores que por acaso passavão, para torna-los testemunhas do máo recebimento, e da estudada declaração, com que então o despedio e espantou; e pelo mesmo motivo o repellio á meia noite, pretextando ter sido atraiçoado, embora não dissesse em que, ficando-lhe em todo caso esse pretexto para desculpa da sua rudeza, e extraordinario comportamento na hypothese de conveniencia de melhores relações no futuro.

Manoel Pereira não dormio um instante em toda noite: enxotado, desprezado por todos, sem tecto no dia seguinte, sem amparo, sem esperança, sem luz, vio desfeitos seus

queridos sonhos de ambição, seus calculos de riqueza, suas aspirações de herdeiro do tio padre: o seu futuro estava reduzido á enxada de trabalhador, ao mister de caixeiro de taberna, ou de outro qualquer recurso modestissimo, laborioso, e de muito problematica fonte de opulencia.

E semelhante desillusão era no tempo em que o Brasil se imaginava a arvore das patacas.

Digno sobrinho do padre Martin pela ambição e pela avareza, em instrucção mais rude que elle, em educação ainda menos moralisado, Manoel Pereira não comprehendeu que o trabalho honesto muitas vezes enriquece, e sempre honra; e desesperou com a idéa sinistra de perder a herança do tio. Sua cabeça ardia; a febre da ambição, que é susceptivel de inspirar o crime, agitava o sangue palpitante em suas arterias, e o ambicioso frenetico foi dominado pelo demonio.

João-Maneta havia ensinado a Manoel Pereira as consequencias da morte subita do padre

Martin, se este não deixasse testamento; e o informára de que o padre ainda não tinha feito, mas se preparava a fazer testamento.

— Se o tio padre não morre, fico pobre, e toda sua riqueza cahe no regaço do diabo da filha maldicta! repetira cem vezes o sobrinho que viera do Fayal com a esperança de ser o herdeiro do tio.

E, quando rompeu a aurora, Manoel Pereira tinha os olhos em sangue, o cerebro em fogo, a loucura na alma.

O desgraçado concebêra, adoptára a idéa de um crime horrivel.

O sobrinho pensava em matar o tio para herdar-lhe a fortuna.

O dia que amanhecêra era o de sabbado.

Emquanto Manoel Pereira ruminava o projecto que João-Maneta despertára em seu animo, e calculava em seu proveito com as suspeitas que corrião de premeditação do assassinato do padre Martin concebida pelo pobre Millo, a autoridade militar da parochia, impressio-

nada por esses mesmos ameaçadores boatos, apressava a ordem para que fosse recrutado e preso o innocente e desvalido mancebo.

E Deos, que escreve direito por linhas tortas, permittio que, na manhã do sabbado, Millo, ao sahir da casa do parocho, e ao dirigir-se á matriz, de cujo asseio estava incumbido, ouvisse a voz que lhe annunciava prisão de suspeito e farda de soldado.

Millo, a innocencia, acabava de ser preso, quando se achava entre o santo asylo da caridade, d'onde sahia, e a sagrada casa do Senhor, para onde ia.

XXVI

Sabbado ao meio dia.

As onzes horas da manhã do sabbado, o padre Martin, já vestido e prompto para sahir, chegou á porta de sua casa; e, chamando um escravo que limpava o pomar, ordenou-lhe que sellasse o cavallo.

A ordem, dada em alta voz, foi ouvida por Luizinha, que estava no seu quarto, e por Manoel Pereira, que então entrouxava a sua roupa.

— Sahir! e a ameaça de morte?... exclamou Luizinha, correndo a fallar ao padrinho.

— O testamento! murmurou com os dentes cerrados Manoel Pereira.

A menina abraçou-se com o padre, e pediolhe com os olhos em pranto que não se afastasse de casa.

O padre Martin, enternecido, feliz pela manifestação dos cuidados da querida afilhada, procurava tranquillisa-la, dizendo-lhe:

— Socega; não passarei da casa do João-Maneta; é muito perto, e a estas horas ninguem se lembra de perpetrar um assassinato; voltarei d'aqui a pouco....

Luizinha chorava sempre.

— É por ti que eu saio, e que é indispensavel que eu saia, menina; cuido do teu futuro....

— O meu futuro é meu padrinho.... e que se perca tudo mais, que me importa?...

O padre Martin depositou o mais puro dos beijos na fronte angelica de Luizinha; e, arran-

cando-se de seus braços, avançou alguns passos, voltou-se ainda, abençoou-a chorando, e precipitado lançou-se para fóra, montou a cavallo e partio.

A menina foi debruçar-se a uma janella, e ficou immovel com os olhos fitos no caminho.

Manoel Pereira tinha entrado pelos fundos da casa; dirigira-se a seu quarto, cuja porta trancára por dentro; logo depois saltára pela janella, e furtivamente atravessára o pomar e se mettêra pelo matto.

O padre Martin chegou antes do meio dia á casa de João-Maneta; mas immediatamente vio que perdêra a viagem, e que nesse dia não ajustaria suas contas; o velho usurario estava com o licenciado á cabeceira, e punha a casa em alarma com gemidos atroadores, revolvendo-se no rude leito em ancias terriveis que se succedião, determinando vomitos.

O licenciado havia já successivamente diagnosticado seis molestias, cada qual mais perigosa e ameaçadora.

Todavia o caso era de extrema simplicidade: João-Maneta, para demorar o ajuste de contas, lembrara-se de tomar um vomitorio, e fingia-se doente, aproveitando os effeitos do medicamento.

Suspeitasse ou não da malicia e do ardil o padre Martin retirou-se de máo modo e sem dar importancia, nem se mostrar compadecido dos soffrimentos de João-Maneta, e montando de novo á cavallo, deu-lhe de rédea para casa.

Luizinha deixara-se á janella: palpitava-lhe agitado o coração, como adivinhando desgraça: augmentava-lhe a solidão a tristeza; porque ella estava só, quasi absolutamente só, quasi, porque havia alli uma fiel amizade á velar por sua dona. Relampago deitara-se debruços defronte da janella, e embebera olhos amorosos no rosto da menina.

Passado algum tempo o sino da freguezia deu meio dia: Luizinha sem pensar no que fazia, foi machinalmente contando as bada-

ladas, e ao contar doze, a ultima, estrondou um tiro de espingarda.

A menina soltou um grito sahido d'alma, e instinctivamente bradou:

— Relampago !....

O cão entendeu o brado: saltou no campo e rompeu em velocissima carreira.

Luizinha chamou os escravos, e triumphando da commoção violenta, correu com a vehemencia e com as azas do amor filial pela estrada e em direcção ao tiro.

Os escravos apenas podião segui-la de perto.

De subito ouvirão-se quasi á um tempo um ladro raivoso e horrivel de Relampago, e um grito de pungente dôr.

—Relampago pegou; disse um dos escravos.

Luizinha correu ainda mais.

Chegárão emfim Luizinha e os escravos ao theatro do crime.

O expectaculo era medonho.

Á duas braças do ribeiro que ainda então

não tinha nome, ou cujo nome antigo perdeu-se, jazia no chão e junto do cavallo o cadaver do padre Martin, cujo coração fôra atravessado por uma bala.

Dous lavradores da vizinhança olhavão em triste silencio para o corpo da victima.

Outros dous seguravão com mãos de ferro Manoel Pereira de cujo pescoço corria sangue que já lhe havia ensopado os vestidos.

Relampago com as carnes despedaçadas e tambem nadando em sangue latia fracamente, cada vez mais debilmente, mas ainda ameaçando o assassino.

Luizinha cahira desmaiada sobre o cadaver de seu pai.

A catastrophe se passára assim :

Na perversidade de sua ambição de ouro Manoel Pereira se puzera naquelle sitio de emboscada para matar seu tio : no empenho de segurar o tiro firmára o cano da espingarda no ramo de uma goiabeira (*), e sem

(*) É o que diz a tradição popular.

que a consciencia do crime lhe fizesse tremer o braço disparara contra o padre Martin a bala assassina que o matou.

Fôra tão forte a carga, que a espingarda, couceando, destruira no ponto de apoio a casca do ramo da goiabeira (*).

Vendo porém tombar a victima, o assassino corrêra para fugir pelo matto, mas embaraçando-se logo em uma rêde de cipós, cahira, e quando se hia levantar depois de desembaraçar-se, soára-lhe o ladro terrivel de Relampago, cujos dentes se lhe aferrárão no pescoço, obrigando-o á soltar o grito de dôr.

Manoel Pereira agarrado pelo cão tirara da cinta uma faca que trazia, e com ella déra vinte golpes profundos no enraivado Relampago, que o retinha immovel, despedaçando-lhe o pescoço.

Chegárão então as primeiras testemunhas do crime, os primeiros instrumentos da Providencia Divina que acudirão ao grito do assassino mordido, agarrado pelo nobre cão.

(*) Tradição.

Sem o querer o crime chamára a justiça.

A scena lugubre terminou com o mais enternecedor episodio.

Luizinha estava desmaiada ao lado e junto do cadaver de seu pai, o padre Martin.

Relampago pouco a pouco deixára de latir com debilitado furor, e desviando os olhos do rosto do assassino os esquecera no da menina desmaiada.

Logo depois o cão, gemendo, e arrastando-se dolorosamente pela terra chegou até encostar-se ao corpo de Luizinha, com indisivel esforço conseguio levantar a cabeça, e pousa-la no seio da menina, abrio a boca, estendeu para fóra a lingua, lambeu as mãos de Luizinha, e expirou.

CONCLUSÃO

O crime perpetrado por Manoel Pereira, produzio, com a indignação geral, ruidosa e quasi enthusiastica reacção á favor do pobre Millo.

Não foi mais necessaria a intervenção do bispo, aliás promptamente reclamada pelo parocho de Itaborahy, para que as portas da cadêa da villa de S. Antonio de Sá se abrissem, deixando sahir livre, e abençoado o innocente e nobre mancebo.

Millo tornou se o sympathico de todos.

Luizinha rica, mas sempre fiel ao seu amor suavissimo da infancia, viveu em melancolica e honestissima solidão um anno de luto; mas no fim delle consummou o voto de seu coração, desposando Millo com applauso de todo povo da parochia.

Manoel Pereira soffreu todo o rigor selvagem da legislação criminal do tempo, e não podendo negar o seu crime, deu testemunho da complicidade de João-Maneta, que pagou até morrer na prisão a sua perversidade.

O assassino do padre Martin subio á vergonhoso patibulo, e enforcado pelo carrasco, ainda depois de morto horrorisou os homens com o horror de um castigo barbaro. Seu corpo foi esquartejado, e sua cabeça e seus quartos entregues, abandonados ao tempo e aos abutres em lugares que avizinhavão do sitio, onde commettêra o tremendo crime.

Um de seus quartos ficou exposto e suspenso perto do rib[illegible], á cuja margem cahira assassinado o padre Martin.

Diz-se que os proprios corvos repugnárão a carne do assassino, e que o *quarto* de Manoel Pereira exposto junto ao ribeiro apodrecera, e se desfizera ao tempo; mas tão longamente alli se deixou ver, que a pobre e tenue corrente d'agua recebeu do povo o nome de — Rio do Quarto.— (*)

E diz finalmente a tradição popular, que a goiabeira em que se firmára a espingarda do assassino do padre Martin, amanhecera no dia seguinte ao do assassinato completamente sêcca (**), e morta.

Eis aqui pois a origem e fundamento dessa triste denominação de *Rio do Quarto*, que coube ao innocente ribeiro, cuja doce corrente ainda não poude lavar a lugubre memoria de um crime perpetrado ha mais de um seculo.

(*) Tradicional.

(**) Tradicional.

26-5-917

Typographia Universal de LAEMMERT, rua dos Invalidos, 61 B.

090
M 121 R